

ADEMIR LIMA DE OLIVEIRA

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UM GRUPO
RELIGIOSO QUE VIVE EM SISTEMA DE CLAUSURA**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE - MS
NOVEMBRO/2012

ADEMIR LIMA DE OLIVEIRA

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UM GRUPO
RELIGIOSO QUE VIVE EM SISTEMA DE CLAUSURA**

Trabalho de Conclusão de Programa de
Pós-Graduação - Mestrado em Psicologia
da Universidade Católica Dom Bosco, sob
a orientação da Profª Drª Sônia Grubits.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE - MS
NOVEMBRO/2012

A dissertação apresentada por ADEMIR LIMA DE OLIVEIRA, intitulada “IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UM GRUPO RELIGIOSO QUE VIVE EM SISTEMA DE CLAUSURA”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi _____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Sonia Grubits - UCDB

Prof Dr Antonio da Costa Ciampa – PUC de São Paulo

Profª Drª Heloisa Bruna Grubits - UCDB

Profª Dra Luciane Pinho de Almeida - UCDB

Campo Grande-MS, ____de _____ de 2012.

*Ofereço este trabalho de maneira especial
às irmãs Carmelitas que contribuíram para
que esta pesquisa alcançasse seus
objetivos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelas possibilidades a mim confiadas.

Aos meus pais e minha Família Salesiana, pelo apoio prestado pela compreensão e oportunidades, pelo aprendizado e pelo exemplo de presença, sempre significativa.

A todos os professores, de maneira especial a Doutora Sônia, pela orientação e paciência ao longo do curso, que foi de grande importância para minha formação humana e intelectual.

Aos meus amigos que acreditaram neste trabalho, a Cláudia Szukala, Nelide Ostetto e minha madrinha Rose Facuri que me incentivaram e criaram expectativas comigo ao longo desse processo, fortalecemos nosso conhecimento e acabamos compartilhando muitas alegrias e sonhos.

*Quero passar pelo meu céu fazendo o
bem aqui na terra... eu serei o amor,
portanto serei tudo.*

Santa Terezinha

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade abordar os estudos da representação social e da identidade, com o objetivo de oferecer uma compreensão ampliada sobre psicologia e religião, que tem conquistado espaços significativos na produção do conhecimento. Esta pesquisa, no campo da psicologia social, possibilita abordagens que se tornaram interdisciplinares, perpassando por diferentes subjetividades e objetividades. A fundamentação teórica apresenta a abordagem teórico-metodológica sobre identidade e representação social. Para os processos da construção da identidade levaram-se em conta as pessoas em relação ao seu contexto histórico e social. Os conceitos que norteiam este trabalho foram destacados por vários autores, entre eles, Valle (1998), sobre a psicologia e a experiência religiosa, Jodelet (1988) e Grubits (1994) sobre a representação social, Ciampa (1988) e Vala (2004) sobre a identidade do grupo e das pessoas e Lane (1988) sobre a psicologia social. A pesquisa tem como base para sua realização o método qualitativo. Elaborou-se um questionário para a entrevista semidirigida, priorizou-se a observação do cotidiano e foi aplicada uma dinâmica de grupo. Participou da pesquisa um grupo de oito irmãs do Carmelo de Petrópolis. A análise dos dados teve como objetivo investigar com seriedade o porquê da escolha de viver em sistema de clausura, a construção da identidade, os processos formativos das irmãs, a representação da clausura e a relação com o mundo externo. Observou-se no resultado da análise dos dados o quanto é relevante a realização pessoal e comunitária vivida no cotidiano do Carmelo. A clausura representa a casa, a família e o ambiente, pela qual se vive plenamente na intimidade com Deus. Tem-se uma busca pela solidão, favorecida pelo silêncio, e o grupo garante uma vida saudável, uma identidade consistente e fundamentada na história e na tradição. O presente estudo teve a intenção de aprofundar o contexto histórico e social da vida religiosa em sistema de clausura, e procurou entender os sentidos atribuídos a essa vida.

Palavras-chave: Psicologia, Vida religiosa, Clausura, Identidade e Representação Social.

ABSTRACT

The purpose of this work is deal with the social studies of representation and identity, with the objective of providing an expanded understanding of psychology and religion, which has gained significant spaces in knowledge production. This research, in the field of social psychology, enables interdisciplinary approaches that have become, passing by different subjectivities and objectivity. The theoretical presents the theoretical and methodological approach on identity and social representation. For the processes of identity construction took into account people in relation to their historical and social context. The concepts that guide this work were posted by several authors, among them, Valle (1998), about the psychology and religious experience, Jodelet (1988) and Grubits (1994) on the social representation, Ciampa (1988) and Vala (2004) about the identity of the group and individuals and Lane (1988) on social psychology. The research is based on its performance for the qualitative method. We developed a questionnaire for the semistructured interview, was prioritized everyday observation and applied a group dynamic. Involved in the research group of eight sisters of Petropolis's Carmel. Data analysis aimed to investigate seriously the reason for choosing to live in cloistered system, the construction of identity, the formative processes of the sisters, the representation of the cloister and the relationship with the external world. It was observed in the results of the data analysis is relevant as personal fulfillment and community lived in daily Carmel. The enclosure is the home, family and environment in which one lives fully in intimacy with God. It has been a quest for solitude, favored by silence, and the group ensures a healthy life, a consistent identity and grounded in history and tradition. The present study was intended to deepen the historical and social context of religious life in confinement system, and tried to understand the meanings attributed to this life.

Keywords: Psychology, Religious Life, enclosure, identity and social representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura1 - Visão do Carmelo de Petrópolis.....	32
Figura 2 - Visão do Carmelo, frente.....	32
Figura 3 - Nossa Senhora da Saudade.....	33
Figura 4 - Locutório onde se recebem as visitas.....	61
Figura 5 - Locutório reservado para atividades em grupo.....	61
Figura 6 - Momento de descontração.....	86
Figura 7 - Momento de recreio.....	86
Figura 8 - Encontro com a Priora.....	86
Figura 9 - Momento de lazer.....	86
Figura 10 - Momento de encontro comunitário.....	86
Figura 11- Espaço da celebração.....	86

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - A vida antes da clausura.....	68
QUADRO 2 - O que é necessário para o processo formativo das monjas e como ele é.....	70
QUADRO 3 - Aspectos relevantes para assumir uma vida de clausura.....	71
QUADRO 4 - Como as pessoas veem uma monja enclausurada.....	73
QUADRO 5 - O que representa a clausura e o contato com pessoas externas	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PSICOLOGIA E RELIGIÃO: UMA APRESENTAÇÃO HISTÓRICA	16
2.1 Aspectos antropológicos e sociais	19
2.2 Psicologia e experiência religiosa	20
2.3 Psicologias, religiosidade e saúde	23
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CARMELO.....	26
3.1 O Monte Carmelo, berço da Ordem Carmelitana.....	26
3.2 Levantamento histórico do Carmelo de Petrópolis	32
3.3 A representação da clausura e o sentido religioso	33
4 SUBSISTÊNCIA DE IDENTIDADE EM UMA CULTURA GLOBALIZANTE	37
4.1 A contribuição da psicologia social.....	37
4.2 Identidade e representação social.....	42
4.3 Construção da identidade.....	44
4.4 Processo de identificação.....	49
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
5.1 Abordagem qualitativa como método de estudo	55
5.2 Local da pesquisa	58
5.3 Participantes	59
5.4 Procedimentos de coleta de dados	59
5.4.1 Observação e relatos do cotidiano	60
5.4.2 Entrevistas semidirigidas	60
5.4.3 Dinâmica de grupo	62
5.5 Aspectos éticos	64
5.6 Procedimentos de análise dos dados.....	64
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
6.1 Análise dos relatos das irmãs Carmelitas.....	67
6.2 Comparativo dos quadros	76

6.2.1 A relação com a família biológica.....	78
6.2.2 A comunidade como representação da família	80
6.2.3 O papel de cada monja dentro da clausura.....	82
6.3 Aspectos do cotidiano	85
6.3.1 Identidade da clausura: silêncio e solidão	87
6.4 Dinâmica de grupo	89
 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
 REFERÊNCIAS.....	101
 APÊNDICES.....	105

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se no âmbito do laboratório de Psicologia da Saúde, Cultura e Sociedade, do Mestrado em Psicologia, da Universidade Católica Dom Bosco, cujas discussões teóricas e metodológicas têm possibilitado uma compreensão ampliada do binômio psicologia/religião.

Nas últimas décadas acompanharam-se de maneira mais sistemática as mudanças dentro das instituições de vida consagrada. São mudanças¹ ligadas historicamente ao fenômeno religioso, principalmente, por influência social, política e econômica.

Assim, se pode observar que, nos últimos anos, a Igreja voltou-se mais para o “espiritual”, diferente do vivenciado em décadas anteriores, ou seja, grupos voltados mais para as ações sociais, políticas e culturais. Pesquisando na literatura pertinente, descobriu-se que isso se deve, em parte, ao contexto histórico e social vivido no Brasil ao longo das décadas de 1970 a 1990, que abrange o período do regime militar de 1964 a 1984, em que houve grandes questionamentos em torno da vida consagrada, pois o ser religioso estava diretamente relacionado com as frentes pastorais de inserção nas comunidades de base, nas lutas de classes sociais e na militância partidária. Entende-se esse período como uma resposta singular da igreja do Brasil à situação sociocultural de um sistema repressor e autoritário.

Por meio de conversas informais, realizadas com as irmãs do Carmelo² São José, discutiu-se essa mobilização da igreja perante as questões sociais e ficou claro que a vida em clausura, de maneira particular das irmãs Carmelitas de Petrópolis, não sofreu grande influência nas questões vocacionais, na procura pela

¹A referência aqui é diretamente às orientações promulgadas no Concílio Ecumênico Vaticano II - vida consagrada, 1961.

²O nome dado à Ordem das religiosas faz referência ao Monte Carmelo localizado na palestina no final do século XII. Ali se estabeleceram alguns eremitas que, segundo as antigas tradições, se voltaram para o profeta Elias, seu inspirador, tendo-o como exemplo para a própria vida, juntamente com a Mãe de Deus. Eles construíram um oratório e foram chamados, já nesses inícios, Irmãos de Santa Maria do Monte Carmelo, caracterizando-se pela vida intensa de orações, penitência e uma total abnegação. Em consequência das perseguições de mulçumanos, a Ordem espalhou-se pelo Ocidente, designando, sobretudo, os mosteiros femininos (SCIADINI, 1997).

vida monástica e na estrutura constitucional e cotidiana da clausura, por causa desse envolvimento mais social da igreja.

Depois dessas leituras, surgiram alguns questionamentos: Como as irmãs que optaram pela clausura conseguem vivenciar o cotidiano dentro e fora do regime, mantendo assim um ideal religioso? Por que continua a existir uma procura por esse estilo de vida religiosa? Quais são os sentidos atribuídos à realidade que as cercam? Quais são as características mais significativas presentes nas ações cotidianas desse grupo de mulheres religiosas e como ocorre a construção da identidade a partir da coletividade do Carmelo? Na perspectiva dessas mulheres, como a sociedade contemporânea dá sentido aos modos de vida desse grupo?

Diante desse contexto, surgiu este projeto, com a intenção de compreender, por meio da observação e do diálogo, como ocorrem os processos identitários desse grupo religioso. Assim, o objetivo desta pesquisa é entender os sentidos atribuídos ao cotidiano da vida em clausura, procurando ainda estabelecer uma relação entre a vida consagrada e os modos de viver na modernidade tardia.

Nos contatos preliminares com o mosteiro feminino de Petrópolis, observou-se o quanto é relevante os sentidos que essas irmãs dão para suas vidas e a realização pessoal e comunitária vivida no cotidiano, buscando de maneira coletiva manter uma vida saudável, muitas vezes apoiada na tradição e na história.

Para desenvolver este projeto, optou-se pela tradição qualitativa em pesquisa, tendo como fundamentação teórico-metodológica a representação social e a construção da identidade. Os aspectos fundamentais das representações sociais são apresentados por Moscovici (2003), tendo como preocupação tirar a psicanálise do campo fechado, individual e levá-la para os grupos sociais.

Ressalta-se que para estudar os processos da construção da identidade é necessário levar em conta as pessoas em relação e o seu contexto histórico e social. Essa forma de conhecimento alinha-se à representação social, que se preocupa, sobretudo, com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo em que vivem.

Pela minha vivência religiosa como sacerdote católico optei por essa pesquisa com o objetivo de analisar as representações sociais da clausura e compreender como ocorre o processo de construção da identidade na perspectiva de irmãs da Ordem Carmelitas. Tendo como objetivos específicos:

- Analisar a representação social no Carmelo.
- Pesquisar quais são as atividades e a organização no cotidiano da clausura.
- Esclarecer o contato entre a clausura e o mundo externo.
- Entender o que leva uma pessoa a optar por um regime de clausura.
- Analisar como se dá a construção da identidade de uma monja Carmelita.

Na primeira parte do trabalho apresenta a fundamentação teórica, trazendo para o discurso da identidade e da representação social os conceitos que norteiam esse campo de pesquisa aprofundado no desenvolvimento da dissertação. Em seguida foram apontados os procedimentos metodológicos pelos quais se torna ético dando o devido valor à pesquisa e possível discussão da análise dos dados. Por fim, estão destacados os resultados e a conclusão.

2 PSICOLOGIA E RELIGIÃO: UMA APRESENTAÇÃO HISTÓRICA

Ao abordar a psicologia relacionada com aspectos da religião, nota-se certa preocupação em acarretar alguns problemas de conceituações. Sabe-se que uma pesquisa movida especificamente por justificativas sérias deve deixar de lado aspectos emocionais, pois ela deve consideravelmente passar por investigações empíricas que garantem o valor do tema abordado.

Segundo Valle (1998), pesquisador na área da psicologia e religião, existe uma tendência em confundir e reduzir a psicologia da religião com a psicanálise. No caso, são dois campos distintos a serem estudados, assim aqui se abordaram os aspectos da psicologia social e a importância da religião como atitude pessoal assumida perante a sociedade ao longo da história. Pode-se afirmar que não existe nenhum acontecimento natural ou vital que não tenha sido ou possa ser revestido de caráter sagrado por alguma coisa. Por isso, "Os símbolos religiosos são mediações que nunca conduzem ao conhecimento pleno do 'Todo' que sinalizam." (VALLE, 1998).

Para o estudo da Psicologia e Religião, é necessário entender a psicologia como uma ciência de observação, que tem como primeiro objetivo de estudo, também no campo religioso, a conduta em todos os seus aspectos. Porém, Valle (1998) apresenta em sua pesquisa que o leitor crítico de trabalho de psicologia da religião dá-se conta de que são muitos os desacordos que dividem ainda os que procuram estudar esse campo.

Sabe-se que existe, por trás de problemas epistemológicos, às vezes meio subentendida, uma questão ética que merece consideração, uma vez que a ciência psicológica exerce um papel social e ideológico considerável em toda a vida humana, que segundo Valle (1998) a leva a comprometer-se com o processo global de individuação, autonomização e realização das pessoas.

No entanto, o estudo científico no campo da Psicologia procura levantar várias questões relacionadas à natureza e também aos objetivos da pessoa humana. Dessa forma, o pesquisador não pode deixar de adotar uma visão de

sociedade que passa pela sua história e religião, levando em consideração aspectos fundamentais da cultura e da política. Valle (1998) apresenta exatamente, nesse contexto, a importância do psicólogo da religião, sendo necessário estar permanentemente atento a “como” ele constrói sua teoria da religião e da religiosidade. Para isso é preciso levar em consideração um método eficaz para garantir a validade da pesquisa e da teoria. A partir da experiência é que se pode elaborar uma realidade presente, no tocante a “ser e pensar”. (VALLE, 1998).

Sobre a relação “ser e pensar” é que muitos filósofos vêm refletindo ao longo da história, deixando uma vasta fonte teórica que impulsionou e continua instigando as pesquisas atuais em várias áreas de pesquisa sobre psicologia e religião. Pode-se destacar Husserl, que apresenta uma importante afirmação sobre o homem e sua capacidade de se relacionar com o transcendente, pois a consciência não é separável do mundo. Afirma-se que o homem está sempre interagindo e recriando para dar sentido a sua existência. Essa representação cria um sentimento ligado a um conjunto de intenções, pelo qual afirma que o homem é um ser-no-mundo constituindo-o e sendo por ele constituído.

A grande preocupação de Valle (1998), em seus estudos, é afirmar que são poucos os textos de alto nível disponíveis em português a respeito da psicologia “social” da religião, pois o aspecto religioso está ligado diretamente ao íntimo, ou melhor, ao interior da pessoa humana, tornando-se difícil a abordagem, como se encontra em seu relato a seguir:

[...] o psicólogo social da religião centra sua investigação na rede de interações afetivas e comportamentais que se estabelece entre as pessoas e o ambiente psicocognitivo que molda sua identidade religiosa, marcando desta ou daquela forma a maneira peculiar com que foi socializada e como articula sua identidade individual, reflexo de muitas interações socializadoras. O objeto essencial da teologia – o Transcendente – não é psicologicamente atingível em si próprio. O que a psicologia, enquanto ciência, pode observar, descrever e sistematizar se circunscreve sempre ao âmbito da subjetividade contextualizada de quem faz e experiência do sagrado e não ao sagrado enquanto tal. (VALLE, 1998, p. 57).

Cada vez mais o tema da psicologia em relação ao sagrado parece estar aumentando, prova disso é o 8º Seminário de Psicologia e Senso Religioso,

surgindo grandes pesquisas na área das religiões. Essas pesquisas vêm tomando uma significativa expressão, em que se constata uma espécie de interesses pelo místico. Mesmo correndo o risco de cair no fundamentalismo, pelo qual se observa somente a dimensão sentimental e emotiva, acredita-se que a psicologia social pode contribuir para com outras dimensões relacionadas à prática religiosa referida pelo pesquisador Valle (1998), e que estão conectadas ao grupo social a que se pertence. São elas:

- a) dimensão ritual, que implica as práticas religiosas distintivas do grupo em questão;
- b) dimensão ideológica, referente às crenças e convicções doutrinárias e outras;
- c) dimensão consequencial, que abrange de modo direto a conduta moral e comportamental tipicamente proposta e exigida pela adesão ao grupo.

Portanto, a experiência religiosa feita pelo indivíduo pode-se ligar a um conjunto de sentimentos, percepções e sensações vivenciadas e assimiladas, definidas por uma pessoa ou por um grupo como uma forma de entrar em sintonia com o transcendente³. Acredita-se que os estudos da psicologia não é procurar responder se existe Deus ou quem é Deus, correndo o risco de tentar fazer o papel da teologia. A psicologia deve proporcionar uma reflexão sobre o comportamento e as relações do ser religioso.

A religião se fundamenta na experiência relacionada aos mistérios, porém, nessa mesma área de estudo, lida-se com a vontade e as atitudes do ego responsáveis pelo desejo de agir. Cabe à ciência psicológica, de maneira empírica e observável, fazer um estudo aprimorado sobre os vários aspectos que a própria pesquisa se submete. Na atualidade encontra-se uma sociedade cheia de expressões religiosas, sendo um conjunto amplo de significados, levando os indivíduos a fazerem suas escolhas atribuídas de sentido. A psicologia como as várias frentes de pesquisas, deve estar atenta a essa realidade.

³ Segundo Jung (1980) o termo transcendente no aspecto da fé, não se pode dar uma explicação ou interpretação racional. No dicionário de Psicologia Dorsch (2009, p. 963) a transcendência é a ultrapassagem da experiência e dos limites da consciência. Dessa forma pode-se afirmar que o transcendente, numa visão religiosa é subtendido como o Divino, o próprio Deus que age na pessoa humana.

2.1 Aspectos antropológicos e sociais

Quando se aborda o tema da psicologia social, busca-se de certa forma uma fundamentação na antropologia, que fornece elementos essenciais referentes ao pensamento e comportamento do homem, pois a cultura determina um conjunto de sentidos que ao longo da história vem contribuindo para o desenvolvimento da pessoa. Nesse conjunto, tem-se a linguagem como ferramenta primordial dentre as relações.

Lane e Codo (1988) diz que segundo Skinner, a linguagem é o comportamento verbal como todo aquele mediado por outra pessoa, e assim incluem os gestos, sinais e ritos. Para Codo (1988), o ser humano, como manifestação de uma totalidade histórico-social, é um produto e produtor de história, portanto deve-se levar em consideração que a linguagem passa a ter uma consequência, ou seja, uma necessidade que o homem tem de transformar a natureza, por meio da cooperação entre as relações e por meio de atividades significativas pelas quais o grupo social possa se garantir e sobreviver.

A função primária da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, através da qual a criança representa no mundo que a cerca e que influenciará seu pensamento e suas ações no seu processo de desenvolvimento e de hominização. (LANE, 1988a, p. 33).

No caso das representações, a linguagem, considerada como um produto histórico, tem significados e valores em relação ao indivíduo e ao grupo social. Nessa perspectiva, segundo Lane e Codo (1988), o pertencer a um grupo cujas ações expressam uma consciência de classe pode ser condição para que um indivíduo desencadeie um processo de conscientização de si e social.

Muitos psicólogos, sociólogos, antropólogos têm estudado ao longo da história a questão da identidade. Esse campo de pesquisa também tem sido abordado por muitos filósofos, tendo como uma das finalidades o conhecimento mais aprimorado da pessoa humana e seu comportamento. Provavelmente, muitos especialistas em outras áreas têm dado importância para esse campo de estudo

sobre a identidade, não só pela dificuldade, mas também pela importância que essa questão apresenta.

[...] todas as situações da vida cotidiana, a questão da identidade aparece de uma forma ou de outra. [...] a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele. [...] Podemos falar numa identidade oculta? [...] Até os super-heróis têm sua identidade secreta. (CIAMPA, 1988, p. 59).

São várias as determinações sociais que influenciam as pessoas, sejam pelas atitudes pessoais ou por aquelas ações que ocorrem quando os indivíduos se agrupam, gerando uma ação transformadora, como apresenta os pesquisadores Lane e Codo (1988) "A função do grupo é definir papéis e, conseqüentemente, a identidade social dos indivíduos: é garantir a sua produtividade social". Segundo esses autores, pode-se definir grupo como:

[...] um conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articuladas por suas mútuas representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita uma tarefa a qual constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis. [...] A produção do grupo se realiza em função de metas que são distintas de metas individuais e que implicam, necessariamente, cooperação entre os membros. (LANE, 1988b, p. 80).

Dessa maneira, a linguagem no campo da antropologia, entendida como gestos, sinais e ritos, desenvolve uma função crucial no que se refere à verbalização, pois tem como objetivo a comunicação que busca definir papéis e, conseqüentemente, a construção da identidade social dos indivíduos, garantindo a sua produtividade estabelecida nas relações sociais.

2.2 Psicologia e experiência religiosa

Após destacar, brevemente, o campo da antropologia, apresentam-se a psicologia e a experiência religiosa inserida diretamente na vida cotidiana do homem, seus aspectos relevantes que determinam o comportamento, as escolhas e atitudes no campo social. Quando se fala de experiência religiosa, deve-se considerar sua complexidade, porém é necessário um aprofundamento teórico,

levando em consideração a essência de sua definição conceitual, que parte sempre do sentir, conhecer e fazer, alcançando uma relação com o transcendental⁴.

A “Experiência” religiosa atingida de modo muito especial por essa ambiguidade radical. [...] ela se caracteriza por uma extraordinária polimorfia. Trata-se de uma noção equívoca [...] “experiência” tem vários significados, nascidos mais do cotidiano que da especulação. [...] vem do grego “*empeiria*”, matriz de “empírico” e de “empirismo”. Por essa via passou o latim “*experientia*” [...] refere-se à apreensão [...] direta – empírica – da realidade pelo sujeito [...] de “saber” que antecede ao enjuizamento reflexivo do objeto apreendido. Tem a ver, assim, com nossas formas elementares de sentir, conhecer e fazer. [...] ela passa a ser considerada base confiável e indispensável para nossa orientação e nossa relação com o mundo circunstante, tanto no nível prático como no da interpretação e representação desse mundo. (VALLE, 1998, p. 21-22, grifo do autor).

Segundo Valle (1998), outra acepção dada pelo senso comum à palavra “experiência” é a de sua experimentação e verificação, capaz de indicar metas e sentidos com uma intencionalidade própria da experiência que o indivíduo faz. Pode-se, assim, associar essa experiência ao conhecimento, uma vez que se esforça para entender e conhecer essa realidade própria da pessoa humana.

Por meio dessa abordagem é que as reflexões sobre experiência religiosa buscaram nas manifestações históricas o seu fortalecimento. Dessa forma, as religiões se fundam, em última análise, em algum tipo de experiência “mística”:

É uma “possibilidade” que nasce do próprio existir humano; têm referência à “abertura” principal do homem às interpelações últimas do mundo, interpelações essas que chamamos de “sagrado”. [...] É como se o *homo sapiens* não pudesse deixar de ser *homo religiosus*. (VALLE, 1998, p. 40, grifo do autor).

A moderna psicologia científica da religião, bem como outras ciências humanas, encontra certa dificuldade para compreender a experiência religiosa. Essa dificuldade é caracterizada, entre tantas questões, pelas suas várias manifestações que impossibilitam uma objetividade na pesquisa. Porém, como diz Valle (1998),

⁴ “O transcendental é um conceito já da escolástica, mas que só em Kant adquiriu importância fundamental. O transcendental não é o que ultrapassa toda experiência, mas o que a precede e possibilita.” (DORSCH, HÄCKER E STAPF, 2009, p.963).

encontra-se hoje um vasto campo teórico com métodos presentes nos centros avançados de estudo em diversos países.

Outro aspecto relevante nos estudos da experiência religiosa é a dimensão espiritual; nota-se, com frequência, quando se fala cotidianamente de experiência religiosa.

Nos estudos de Valle (1998), encontra-se algumas abordagens em relação às experiências existentes, entre elas, destacam-se:

Experiência responsiva é uma resposta de “[...] aceitação e compreensão empática [...] se mostra quando a pessoa percebe conscientemente a presença e a relação com o divino”. “[...] Experiência de confirmação, [...] tem o sentido literal de tornar seguro, corroborar, remover dúvidas pela via da autoridade e/ou pela evidência inquestionável dos fatos enquanto tais”. (VALLE, 1998, p. 68).

Em certas situações, a experiência de confirmação pode provocar nos indivíduos o sentimento, conhecimento ou intuição da veracidade das crenças que eles têm. Essa experiência de confirmação garante que os estudos da psicologia e religião não corram o risco de ficar à margem de um mero sentimentalismo religioso.

Os estudos científicos devem levar em consideração que a religiosidade é um direito do indivíduo, pois passa pela experiência pessoal e torna um valor, cujo sentimento flui da vida como um todo e esta é impulsionada por significativas motivações. Por outro lado, devemos estar atentos à religiosidade estritamente de utilidade para o *self*, que oferece uma segurança, uma posição social e uma consolação. Essas motivações externas podem causar danos, uma vez que são buscadas meramente por aparências e prazeres momentâneos.

Para Valle (1998), a religiosidade é um “sentimento” sempre mais abrangente que os processos meramente racionais de compreensão e significação. Para a pessoa adulta, esse sentimento está relacionado à resposta do *self* consciente ou do ego, correspondendo a uma experiência interiorizada pelo indivíduo. Segundo o autor, tanto a filosofia como a arte colocam o indivíduo na abertura ao social. Deve-

se considerar que em termos psicológicos, todas as pessoas são seres desiderativos, ou seja, pulsionais, porém capazes de imprimir intenções em seus pensamentos, gestos e ações.

2.3 Psicologia, religiosidade e saúde

A experiência religiosa é diferente da vida religiosa. A primeira não significa diretamente que a pessoa possa assumir uma prática religiosa, pode fazer a experiência e aceitar essa experiência, mas não conduzir sua vida em uma atitude e vivência de acordo com uma instituição.

Quando se trata dos estudos científicos sobre o tema psicologia e vida religiosa, acredita-se na necessidade de uma metodologia aprimorada. Bem se sabe que a religião tem um importante papel sobre o indivíduo, no que se refere a sua qualidade de vida e na sua saúde mental. Para Lotufo Neto, Lotufo Júnior e Martins (2003), levando em consideração esses aspectos, a pessoa religiosa sofre um grande impacto na sua vida, de certa forma esse impacto pode ser visto de maneira positiva.

Um dado constatado por muitos pesquisadores e estudiosos, entre eles Lotufo Neto, Lotufo Júnior e Martins (2003), e sem dúvida vivenciada por muitas pessoas, é que a religião seja, provavelmente, a instituição humana mais antiga e duradoura, e praticamente é impossível separá-la da história e da cultura, devendo ser considerada como um campo importantíssimo para ser estudado em suas várias dimensões.

Prova disso, são as expressões e manifestações surgidas e constatadas pelos acontecimentos históricos. Desde as culturas mais antigas, a arte, a música e a linguagem têm se tornado insígnias importantíssimas para a sociedade, pois é a base para nossa conduta moral. Considerando esses fatores, se reconhece que a religião, como já ocorreu em alguns períodos históricos, pode também ser associada às situações negativas no campo social e individual. Para isso, deve-se banir qualquer tipo de opressão e exclusão para quem segue as doutrinas religiosas.

Segundo Lotufo Neto, Lotufo Júnior e Martins (2003), "a experiência religiosa é complexa do ponto de vista psicológico, envolvendo emoções, crenças, atitudes, valores, comportamentos e ambiente social". O que impulsiona a pessoa a assumir uma vida religiosa é sua fé. Para Fowler (1981), a fé é um processo dinâmico com características específicas em cada estágio do desenvolvimento humano, levando a pessoa a adquirir amadurecimento na vivência e prática religiosa. Para compreender-se melhor a vida religiosa assumida pelo indivíduo, deve-se considerar a classificação da religião como "funcional e disfuncional"⁵, pois encontra-se vários estudos referentes às controvérsias dos aspectos religiosos e seu poder de influência na qualidade de vida que cada pessoa tem.

Para Pruyser (1968 apud LOTUFO NETO; LOTUFO JÚNIOR; MARTINS, 2003), os componentes de uma teologia são idealizados para formar um plano de vida que, se praticado, pode trazer alegria e satisfação ao que crê. Toda religião contém estes elementos e sua integração a um estilo de vida é o determinante da relação positiva entre religião e saúde mental. Percebe-se que alguns profissionais que trabalham na área de saúde valorizam e, até mesmo, ignoram significativos achados empíricos sobre essa relação da psicologia e vida religiosa. Por isso, Lotufo Neto, Lotufo Júnior e Martins (2003) afirmam que esses dados continuam não tendo a consideração que deveriam ter no planejamento dos programas de saúde.

Pertencer e participar de um grupo religioso pode trazer consequências psicossociais saudáveis que influenciam positivamente a saúde:

A religião promove coesão social, sensação de pertencer, incorporar e participar, sanciona continuidade dos relacionamentos, padrões familiares, e outros sistemas de apoio. Através do desenvolvimento de comunhão e companheirismo provê apoio social, modera o estresse e a [...] raiva, e enfatiza estilos mais reflexivos de lidar com as situações e se adaptar aos problemas. (LOTUFO NETO; LOTUFO JÚNIOR; MARTINS, 2003, p. 164-165).

⁵Spilka (1989) classifica a religião em funcional e disfuncional. É funcional, se satisfaz as necessidades da pessoa por um sentido, autoestima e sensação de controle pessoal. Disfuncional, se leva a dogmatismo, se restringe o pensamento e limita a liberdade e as oportunidades, distorcendo a realidade, separando as pessoas e despertando medo e ansiedade.

Quase sempre as pessoas procuram a religião em momentos de dificuldades e crise, principalmente em situações de nascimento, casamentos, doenças, conquistas, decisões, conflitos interpessoais e morte. Essa busca pela dimensão religiosa pode estar diretamente ligada à vida religiosa ou simplesmente a uma situação ocasional que almeja apoio emocional em face da incerteza e sentido na vida.

Tem-se necessidade, cada vez mais, de estudos sobre a influência dos fatores religiosos sobre a saúde, pois existe, por parte de alguns pesquisadores, um pouco de preconceito em relação à abordagem religiosa nas várias áreas acadêmicas. Talvez por não fazer parte de uma tradição na pesquisa, limitando o acervo teórico.

Pouco se estuda sobre a relação da religião com a saúde mental e sua influência na qualidade de vida, um pouco fragilizada na atual conjuntura econômica e política. A crise vivida nessa época é caracterizada por várias situações, porém não se pode deixar de destacar que a existencial é uma delas. A religião assumida como princípio de vida, uma atitude consciente, contribui para o amadurecimento humano.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CARMELO

Para compreender melhor a vida religiosa e suas dimensões, este trabalho, como já mencionado na introdução, foi realizado com uma instituição religiosa de vida consagrada, apresentando sua origem e características, lembrando que existem muitas outras formas de vida religiosa.

Geograficamente, entende-se o Carmelo como uma cadeia de colinas próxima à atual cidade de Haifa, antiga Porfíria, em Israel (GARCIA, 2006). As Carmelitas Descalças têm sua maneira de ser, sua identidade fundamentada no estilo de vida monástica, recebendo esse nome Carmelo por causa de um grupo de pessoas que se refugiaram no monte Carmelo. Nesses mosteiros da Ordem, também assim chamados, encontram-se as comunidades masculinas como as femininas (GARCIA, 2006).

3.1 O Monte Carmelo, berço da Ordem Carmelitana

Como já foi apresentado neste trabalho, e de acordo com Sciadini (1997), a Ordem Carmelitana teve seu berço no Monte Carmelo, na Palestina, e seu espírito está caracterizado por dois elementos: sua origem Eliana (Santo Elias) e sua dedicação a Maria. De acordo com a geografia, o Monte Carmelo se eleva entre os confins da Galileia e Samaria, na Palestina. O nome Carmelo significa graça e fertilidade. Ao longo da história, o Monte Carmelo é entendido como um cenário de interessantes dramas humanos. Primeiramente, ali viveu Elias e depois uma sucessão de profetas, que tornou o local um centro de referência para a vida eremita.

Por essa região de Montanha, pela qual se refere à bíblica, passaram também muitas raças e civilizações orientais e ocidentais. Segundo Sciadini (1997), os Cruzados lhe deram nova vida, com a chegada de homens fervorosos para a vida eremítica, de maneira que, se pode dizer, com eles começaram propriamente a história do Carmelo. Sob a direção de São Bertoldo, foi fundado o convento do Sacrifício, agora conhecido como Promontório.

É exatamente nesse contexto que posteriormente surge a "Regra de vida"⁶ redigida por Santo Alberto de Jerusalém e conhecido como o “Livro da Instituição dos Primeiros Monges”.

Em 1291, os monges que ali moravam saíram para a Europa e o local foi habitado pelos muçulmanos. Por três séculos, os religiosos permanecem ausentes desse local, até que retornam em 1631. A importância desse convento é marcada historicamente como asilo a Napoleão e seus feridos, e, posteriormente, de 1914 a 1918, os alemães e ingleses (em 1948 os ingleses voltam ao local). Conforme Sciadini (1997), o Monte Carmelo hoje comporta um convento das Carmelitas, não todo ele, pois moram nessa região alguns israelitas.

Segundo a história do Carmelo, os primeiros documentos da Ordem omitem o tema eliano (referência ao profeta Elias), e nem na regra do Santo Alberto, de 1209. O primeiro documento histórico que nos fala do profeta como Pai do Carmelo são as Constituições do Capítulo de Londres de 1281.

Nesse contexto constata-se, segundo Sciadini (1997), que conforme a tradição e os relatos bíblicos, que junto à fonte que tomou o nome do profeta, estabeleceram-se, pelos fins do século XII, alguns eremitas que construíram um oratório em honra a Mãe de Deus. Conforme a Regra de Santo Alberto, as Carmelitas eram chamadas “Ermitães do Monte Carmelo”, que ao longo da história foram trocando de nomes.

Segundo a tradição mais antiga da Ordem, que se reflete nas fontes primárias:

[...] a construção da primeira capela remonta ao ano 83 a 86 da nossa era cristã. [...] Não parece admissível semelhante afirmação, como também pouco a anterior, referente à construção da capela pelos anos 83. Mas sim é preciso dar todo crédito à afirmação do século XIII. As tradições familiares e a história mariana do Carmelo tornam validez e culminam maravilhosamente mais tarde com a visão

⁶Livro constitucional, que traz todos os regulamentos e regras da Ordem Carmelita. As regras passaram ao longo dos tempos por adequações e mudanças. A primeira é conhecida como "Regra primitiva"; a segunda foi marcada como o período da reforma nos conventos, reelaborada por Santa Tereza D' Avila e São João da Cruz no século XVI e a terceira no pós-Concílio Vaticano Segundo.

de São Simão Stock, quando a Virgem lhe entrega o Escapulário como um sinal de Irmandade, símbolo e realidade do amor que Maria tem a sua Ordem e também sinal de consagração que a Ordem tem a Ela [...].(SCIADINI, 1997, p. 24).

Nota-se uma peculiar referência ao escapulário⁷, que popularmente é utilizado nos dias atuais por muitas pessoas. Essa visão de Santo Stok é que se inspirou o hábito religioso.

No Ocidente é difícil fazer uma cronologia do Convento Carmelita por causa da falta de documentação. Porém, para Sciadini (1997) com a vinda do Carmelo para a Europa, em 1247, inicia-se uma devoção ao Escapulário, porém era uma barreira para as pessoas que queriam assumir esse estilo de vida, como nos fala Sciadini (1997), ao relatar que a capa branca com franjas escuras, própria de alguns ascetas sírios do Islã, e que os Carmelitas usavam desde São Bertoldo, era um obstáculo para as vocações. Eram chamados de “irmãos barrados”. O Capítulo de Montpellier, 1287, trocou-se pela capa branca.

A ordem carmelita se estendeu por todo o Ocidente, chegando às principais cidades da Europa, e tinha como preocupação conservar a tradição dos antigos ascéticos:

[...] Em fins do séc. XIII a Ordem tinha cerca de 100 Conventos, sendo a Inglaterra onde mais floresciam. Como a maior parte das vocações vinha das universidades, fundaram-se Conventos junto as principais universidades: Cambridge, Oxford, Londres, Paris, Tolosa, Bolonha e Florença, etc. O Carmelo atraiu o carinho e a admiração da sociedade, agregando-se muitos leigos a ele. Nasceram então as confrarias da segunda e terceira Ordem. [...] Encontramos vestígios do início da Ordem Terceira na segunda metade do século XIII tal como a Companhia de Santa Maria do Carmo de Florença, antes de 1280. Os ermitões do Carmelo ao passar para Europa preocuparam-se, sobretudo, em conservar as tradições dos antigos padres do Santo Monte. [...] estabeleceram-se em lugares solitários para dedicar-se exclusivamente à vida contemplativa. (SCIADINI, 1997, p. 40-41).

⁷Traz a imagem de Maria nas costas e de Jesus na frente. A imagem de Maria relembra a cena da aparição em qual ela oferece o escapulário e a imagem do sagrado coração de Jesus. Esse objeto religioso significa revestir, proteção e escudo.

No final do século XIII, começaram algumas transformações, pois os Carmelitas exerciam o ministério sagrado entre os fiéis, como as demais Ordens Mendicantes. Diante dessa situação foi necessária uma reação:

E a mais forte teve lugar com o sucessor de Simão Stock: o Beato Nicolau, o francês, 1265/1270. Nicolau esforçou-se por todos os meios possíveis para que a vida do Carmelo voltasse a ser estritamente eremítica. [...] O mesmo João Soreth já havia projetado casas solitárias para este fim. Ao longo da Idade Média, “séculos XIV – XV, vemos surgir por toda parte eremitérios nos bosques junto aos lagos. No século XVII, o Pe. Tomás de Jesus organiza os “Desertos” no Carmelo Reformado. (SCIADINI, 1997, p. 44).

A vida Carmelitana, como se apresentava naquela época, era considerada como um estilo místico, uma vocação fundada na humildade e mortificação que só era possível por meio de incentivo à solidão e do silêncio. No período da decadência da Ordem, se assim pode-se dizer, é um fator histórico, comum praticamente a todas as Ordens Religiosas. Segundo os estudos de Sciadini (1997), essa desestruturação teve início em fins do século XIV e seguiu tomando maiores proporções. As causas da decadência vivida em certos momentos da história foram:

- a) a peste negra que dizimou a Europa, morrendo quase metade da sua população;
- b) a cisma do Oriente 1378/1429: como as demais Ordens, a Carmelitana se dividiu em dois clãs, cada um com seu governo até 1411, quando veio a reunificação, sendo eleito o Pe. João Grossi;
- c) a influência do meio ambiente: os princípios do mundo, adversos à vida espiritual, penetraram nos conventos;
- d) os estudos na Ordem foram exagerados: os estudantes e estudiosos prejudicaram muito a vida comunitária. Recordemos que eram os dias fatais do humanismo renascentista, puramente pagão.

Conforme Auclair (1995), o momento histórico marcante para os conventos carmelitanos foi a tentativa de Reforma, pois surgiram muitos religiosos contrários a essa situação de decadência. Entre todas as tentativas para obter uma eficaz reforma, destaca-se Santa Tereza de Ávila e São João da Cruz. Santa Teresa de Ávila havia tomado o hábito Carmelitano no Mosteiro da Encarnação no dia 2 de

novembro de 1536 na Espanha. Segundo Auclair (1995), nesse período havia demasiada relaxação entre as religiosas: muitas visitas, muitas saídas, muita liberdade e pouca observância e vida interior.

Esse período da reforma não foram momentos de serenidade, mas uma grande ruptura acontecia na Ordem Carmelita. Em seus estudos, Sciadini (1997), apresenta as maiores dificuldades encontradas, sendo os primeiros dez anos de tremendas lutas entre Descalços e Calçados, ou melhor dizendo, padres da antiga observância e os da reforma, por causa das incompreensões cuja raiz era a duvidosa legitimidade da nova Reforma. No Capítulo Geral da Ordem, em Plassência, Itália, 1575, os reformados foram submetidos à antiga regra, causando momentos terríveis para a nascente Reforma.

Santa Teresa foi confinada no Mosteiro de Toledo, com proibição de sair dali. E São João da Cruz encarcerado durante nove meses na prisão conventual dos Calçados também em Toledo. Em 1578, o Pe. Gerônimo Gracián reunia os Descalços em Amodóvar del Campo, e ali erige sua província autônoma. Após muitas amarguras, foi aprovada a Reforma Teresiana pela Santa Sé, em 1580, fato que causou imensa alegria a Teresa Fundadora, que morria tranquila dois anos mais tarde.

Hoje a Reforma Teresiana conta com 3.704 religiosos no mundo, com umas 40 províncias, vicariatos e delegações e com uma vida missionária vigorosa. Prova de sua fecundidade são também as Irmãs Carmelitanas em torno de 11.000, e as numerosas Congregações de Irmãs como as Carmelitas Missionárias, fundadas pelo Pe. Palau, OCD, a Companhia de Sta. Tereza. (SCIADINI, 1997, p. 60).

Outro momento forte, a Revolução Francesa, cujas obras e instituições particulares, principalmente das igrejas, foram reduzindo a cinzas. Nota que de 54 províncias que contavam no séc. XVIII, ficaram em fins do mesmo século somente oito. Ao longo daquele século, em toda a Europa houve uma decadência geral do espírito religioso. A famosa Constituição Civil do Clero aboliu a vida religiosa em nome da liberdade (1789/1790). Pouco depois (1795) aumentou a influência até a vinda do Diretório e de Napoleão. Para Sciadini (1997), alguns religiosos se

submeteram ao juramento civil imposto pela Revolução ao Clero, enquanto que outros preferiram derramar seu sangue em testemunho de sua fé.

Ao apoderar-se da Itália, Napoleão suprimiu em 1830 as Ordens Religiosas:

[...] extinguiu o Carmelo Italiano com seus 344 Conventos (63 de monjas) da antiga observância e 119 dos Descalços (29 de monjas). Uma lei de 1796 terminou com a Ordem na Bélgica e Holanda. Em 1802 desapareceram as duas Províncias da Alemanha. Em fins do século XVIII desaparecem quase totalmente as Províncias: Polônia, Rússia, Lituânia e Boêmia. Excetuando Malta, nada ficou intacto. As Províncias inglesas não se restauraram mais depois da Reforma Protestante. Somente em 1827 a Irlanda começava sua restauração. A perseguição contra os religiosos foi maior na Espanha que em qualquer outra parte. A lei iníqua do governo de Mendizábal do ano de 1835 despojou a Igreja de suas propriedades e declarou abolidas as Ordens monásticas. Os Conventos Carmelitanos desapareceram por completo. Em 1827 se restaura o Carmelo Irlandês. Apenas restaurada a monarquia na Espanha com a chegada de Alfonso XII, se iniciou também em 1875 a restauração Carmelitana. (SCIADINI, 1997, p. 61-62).

Atualmente, a vida Carmelitana está florescendo em vários países, surgindo novas comunidades. No Brasil, conforme Sciadini (2008), são duas províncias: Pernambuco, onde estão desde 1580, e Rio de Janeiro. Na região Sul encontram-se várias casas pertencentes a uma província alemã.

A vivência no Carmelo tem como finalidade a sua espiritualidade. Mais que sua história. Trata-se de diversas formas de vida, em torno das quais se agrupam os elementos comuns de um Instituto Religioso. Segundo os estudos de Sciadini (1997), a união com Deus é a maneira de ser e de atuar do Carmelo, o apostolado é entendido como vida comunitária e oração. Na Regra de Santo Alberto de Jerusalém, encontram-se expressa a inspiração dessa vida e seus princípios fundamentais.

Nota-se que o silêncio é muito mais valioso e mais difícil porque é mais profundo. O companheiro inseparável do silêncio é a solidão. Os dois se necessitam, se complementam. Não se trata aqui de solidões por fuga, ou porque são românticas e até mesmo consideradas neuróticas. Trata-se de solidões fecundas, enriquecedoras, capazes de dar sentido à vida.

Para Sciadini (1997), o Carmelo não é somente contemplativo, é também apostólico. Desde os princípios, a Reforma Teresiana se ocupou em ministérios de atividade, tomando três diretrizes apostólicas: o apostolado cultural, a direção espiritual e o trabalho missionário.

3.2 Levantamento histórico do Carmelo de Petrópolis

Nesse breve histórico, tomam-se como base alguns documentos colocados à disposição pelo Carmelo São José e o trabalho realizado por Garcia (2006). O Carmelo de São José foi o primeiro que saiu do convento de Santa Tereza, do Rio de Janeiro. A fundação foi marcada por muitas dificuldades financeiras, e conseguiu se firmar graças à ajuda de alguns benfeitores. A princípio, o novo Carmelo deveria ser em Petrópolis, RJ, mas desistiram por causa dos obstáculos encontrados.

Foi necessário solicitar a licença de Roma para a nova comunidade, e chegando o Restrito, foi destinada a cidade de Campanha, MG, em abril de 1911, em uma casa adaptada, segundo os arquivos do mosteiro e os estudos de Sciadini (2008). Em consequência da situação precária dessa cidade, o Carmelo teve que ser transferido, após dois anos, se fixando definitivamente em Petrópolis em 1913, sobre jurisdição do bispo de Niterói, e, segundo os arquivos, a Madre Maria de São José é que adquiriu o terreno definitivamente (Figuras 1 e 2). Nesse Carmelo existe uma imagem de Nossa Senhora da Saudade (Figura 3), culto particular do Mosteiro, executada pelo escultor francês Charles Desvergnès.



Figura1- Visão do Carmelo de Petrópolis.
Fonte: Arquivo do mosteiro, 2009.



Figura 2- Visão do Carmelo, frente.
Fonte: Ademir Lima, 2011.



Figura 3- Nossa Senhora da Saudade.
Fonte: Ademir Lima, 2011.

Conforme Sciadini (2008), Desse Mosteiro saíram outras fundações pelo Brasil, bem como Recife, Juiz de Fora, Vitória e Tangá. Em 1978 tem-se início a Instituição das irmãs externas chamadas de “Veleiras”.

Segundo os relatos das irmãs do Carmelitas de Petrópolis até 1952 elas seguiam as constituições primitivas de Santa Tereza, e após o Concílio Ecumênico do Vaticano II, houve algumas mudanças nas clausuras. As irmãs Carmelitas, além de serem identificadas pelo seu estilo de vida, voltado ao silêncio, recolhimento e vida intensa de oração, são caracterizadas pelo “hábito”, maneira de se vestir, após a entrada na clausura, tendo um sentido ritual, litúrgico e um valor afetivo ligado à instituição religiosa.

3.3 A representação da clausura e o sentido religioso

Ao longo de todo o período histórico pelo qual se deu a origem da vida monástica, pode-se perguntar: Qual a finalidade da clausura e o que ela representou não somente no campo religioso, mas social? Realmente é uma abordagem um tanto complexa e que mereceria um estudo muito mais histórico, porém vão-se apresentar as características e a compreensão da clausura como instituição que passa a ter um sentido social e não somente pessoal.

Uma instituição pode ser definida, segundo Goffman (1996), como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de

tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada. Esses lugares representam na sua totalidade um ambiente seguro, servindo de abrigo e proteção, sejam para pessoas que as procuram por livre e espontânea vontade, ou por aquelas que são colocadas por motivos preventivos e como medida de segurança pública. As prisões servem como exemplo claro disso.

Encontram-se hoje vários tipos de instituição total, entre eles, Goffman (1996) destaca aquela em que o indivíduo é incapaz de cuidar de si mesmo, outra para pessoas inofensivas e uma terceira que é organizada para proteger a comunidade contra perigos intencionais, aqui se enquadram as cadeias, penitenciárias e tantas outras instituições estabelecidas.

Há instituições estabelecidas com a intenção de reduzir de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões. [...] Finalmente, há os estabelecimento destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros claustros. (GOFFMAN, 1996, p. 17).

No aspecto comportamental pode entender esse processo de entrada em uma instituição como uma despedida e um começo, pois tem a intenção de mudança, uma nova oportunidade onde a pessoa se adapta a uma nova vida.

Um exemplo bem claro dessa mudança, que pode nem sempre ser positiva, pois depende da pessoa ou da instituição, é a vida monástica. Cada indivíduo, quando decide por viver nesse sistema, pode receber um nome pelo qual será identificado dentro do convento. Essa já é uma tradição antiga, uma prática usada pela igreja por muito tempo (principalmente quando uma criança era batizada). Uma vez que recebe o nome, se for de um santo, a pessoa deve se esforçar para seguir seu exemplo de vida.

Percebe-se que esse ato se torna importante, uma vez que as pessoas atribuem sentimentos do seu eu àquilo que possuem. Não há uma mutilação pela perda do primeiro nome, mas uma ressignificação pelo qual a pessoa passa a ser reconhecida na comunidade em que vive. Antigamente podia até negar sua

identidade civil, mas, na atual conjuntura, a clausura deixa livre para a pessoa aceitar ou não esse rito da troca de nome, uma vez aceita cabe ao superior fazer a nova escolha.

Em alguns monastérios, esse ato, muitas vezes, pode ser escolhido depois do diálogo, e o novo membro da instituição pode até permanecer com seu próprio nome. Para Goffman (1996), talvez a mais significativa dessas posses não seja física, pois é nosso nome; qualquer que seja a maneira de ser chamado, a perda do nome é uma grande mutilação do eu.

A vida na clausura não tem a intenção de fazer com que a pessoa se esqueça da sua história, pois representa como foi visto anteriormente, um lugar contemplativo e não alienado da história.

O Carmelo pode ser entendido como sinônimo de liberdade. As grades podem chocar em um primeiro momento, mas têm um valor histórico muitas vezes desconhecida por aqueles que a questionam.

O Carmelo possui na sociedade um lugar privilegiado, onde as pessoas fazem suas escolhas livremente e a liberdade é limitada por um princípio que visa ao bem comum. Apesar do silêncio e da solidão, existe dentro da clausura todos os elementos da socialização pelo qual a pessoa está em relação com o outro. O sentido adquirido pela clausura é significativo, fruto disso, são os novecentos Mosteiros de Carmelitas Descalças, espalhados pelo mundo. Como escreve Sciadini (1989), o homem de hoje está saturado de materialismo, sente-se escravo do progresso que modelou com as próprias mãos e inteligência.

Sentido-se esmagado sob o peso do humano, sente a mais pura saudade da liberdade. O homem foge quase enlouquecido do barulho das cidades monstruosas e procura a voz da natureza para reencontrar o espaço que lhe foi roubado pela técnica. “[...] As grades dos Carmelos angustiam, parecem cadeias e, no entanto, atrás daquelas grades vive a plena liberdade”. (SCIADINI, 1989, p. 14, grifo do autor).

Talvez essa seja uma boa argumentação para explicar o surgimento de novos Carmelos e das pessoas continuarem a buscar esse estilo de vida. É significativa a expansão dos mosteiros em outras cidades e Estados brasileiros. Atualmente, a Ordem no Brasil conta com quarenta e sete mosteiros, com novas fundações em vista.

4 SUBSISTÊNCIA DE IDENTIDADE EM UMA CULTURA GLOBALIZANTE

O campo de estudo sobre a identidade vem crescendo cada vez mais, pois é uma das áreas de pesquisa desenvolvida em várias disciplinas das ciências humanas. No que se refere à psicologia, essa abordagem tem uma história marcante e tradicional, pois se encontram pesquisadores que, por meio de seus estudos, vêm contribuindo, de maneira especial, com suas publicações para a elaboração de novos trabalhos na área da psicologia social.

Destacam-se nessa abordagem de pesquisa sobre a identidade os trabalhos que vem sendo realizados por Ciampa (2011) e Grubits (1994), pois seus estudos devem ser considerados fundamentais para a compreensão da constituição do ser social e, conseqüentemente, da cidadania e todas as dimensões que envolvem a pessoa humana.

4.1 A contribuição da psicologia social

A psicologia social vem contribuindo para os estudos em muitas áreas científicas, sua fundamentação teórica e empírica oferece um acervo considerável, pela qual se constata o conhecimento. Baseada na sociologia e na antropologia, esses conceitos buscam compreender o comportamento humano. A psicologia tem buscado nessas fontes argumentações que ajudaram a elaborar sua reflexão em torno do homem e da sociedade, tendo como base as relações e as experiências dos indivíduos a partir da vivência em grupo.

Na construção do conhecimento da psicologia social, tem-se como aspecto central o "grupo", suas dimensões e características, as relações estabelecidas e a construção de sua identidade. Dentre tantas definições encontradas sobre o que é um grupo, Deutsch (1968 apud VALA; MONTEIRO, 2004) acentua como as ideias de interação, interdependência e consciência mútua.

O grupo encontra seu valor, segundo Deutsch (1968 apud VALA; MONTEIRO, 2004), quanto menor for o seu número de membros; quando maior for a interação entre os seus membros; quanto mais longa for a sua história.

Para Lewin (1948 apud VALA; MONTEIRO, 2004), um grupo social torna-se grupo compacto quando alguns ou todos os seus membros cooperam uns com os outros a fim de alcançarem objetivos, interdependentes.

Esses grupos compactos tendem a evoluir tornando-se mais estruturados e organizados, surge dessa forma uma hierarquia, estatutos e papéis. Passa a ser uma instituição que tem um conjunto de normas e valores adotados de comum acordo por todos os membros. Adquire uma identidade fortalecida, pela qual cada indivíduo se identifica com as normas estabelecidas, e que dão sentido à existência do grupo.

Para Vala e Monteiro (2004), o estudo referente aos grupos deve levar em consideração os princípios e recomendações relativos à utilização do método científico em ciências sociais e, mais particularmente, em psicologia social, tais como os métodos experimentais.

Em relação às características físicas e psicológicas, as relações vivenciadas nos grupos são caracterizadas pelo papel que cada membro exerce.

[...] "os membros mais inteligentes seriam em geral mais ativos, mais populares e menos conformistas. Os indivíduos mais habilitados para a tarefa de grupo seriam em geral mais ativos, dariam mais contribuições e teriam mais influência na decisão do grupo. [...] Os autoritários seriam autocráticos e exigentes, mas também mais conformistas. Os indivíduos mais positivamente orientados para os outros tenderiam a realçar a interação social, a coesão e o moral, enquanto os mais positivamente orientados para as coisas tenderiam a inibir a interação social, a reduzir a coesão e a baixar a moral do grupo. [...] os indivíduos bem ajustados e que inspiram confiança facilitam a progressão do grupo para os seus objetivos". (VALA; MONTEIRO, 2004, p. 299).

Todas essas características não podem afastar futuras pessoas que desejam fazer parte desse grupo. Deve-se, todavia, constituir uma dimensão capaz de orientar e fortalecer a participação dos membros e não a negligenciar e afastar as pessoas. Todos os grupos, de certa forma, podem passar por situação que desconstitui sua origem natural. Quase sempre essas situações de dificuldades encontradas nos grupos são menos frequentes nos pequenos grupos, pois os

membros podem interagir entre si, em torno de problemas comuns. Quanto maior o grupo, maior será a dificuldade nas relações, e conseqüentemente sua estrutura poderá ser abalada.

Muitos são os fatores que caracterizam uma boa estrutura de grupo. Isso dependerá quase sempre das relações interpessoais, do cumprimento das tarefas confiadas, das responsabilidades assumidas, das metas estabelecidas e do fortalecimento da identidade do grupo. Quanto mais o grupo adquire continuidade, mais vai se estruturando positivamente.

Todos os grupos mais estruturados, quanto os menos estruturados, são capazes de tomar boas decisões desde que esse processo seja adequado para sua realidade e esteja ligado ao seu objetivo, conforme prescrevem as regras estabelecidas de comum acordo. Conforme Vala e Monteiro (2004), as normas são aprendidas e constituem um dos mais importantes mecanismos de controle social do comportamento dos indivíduos.

Lidar com o poder nunca foi ou será fácil, bem se sabem das dificuldades enfrentadas e geradoras de conflitos, porém, uma vez assumido o poder que foi confiado ao indivíduo, ele passa a ter consciência de que está a serviço de todos e não somente acima de todos. Hackman (1987 apud VALA; MONTEIRO, 2004) e Steiner (1972) concordam em dizer que as competências do líder estão assim relacionadas não apenas com a tarefa específica, mas também com a sua capacidade para coordenar as interações a fim de reduzir as perdas.

Para Vala e Monteiro (2004), a tarefa constitui um dos fatores centrais no estudo do funcionamento e desempenho dos grupos. Favorece o bom desempenho das tarefas a distribuição conforme as competências de cada membro, os esforços e a disponibilidade, sempre relacionadas às decisões coletivas que buscam a melhor forma para as tarefas serem executadas.

A psicologia social contribui exatamente por procurar entender esses processos de relação que se dão na vivência nos grupos e dos grupos com a sociedade, busca os meios mais adequados para cientificamente pesquisar o

comportamento e as atitudes do ser humano que está sempre interagindo e em processo de crescimento. Segundo Vala e Monteiro (2004), a influência social possivelmente já estará presente antes dos processos de interação por meio das expectativas que os membros trazem para o grupo que vão integrar.

Amâncio (2004) apresenta uma reflexão sobre a importância da psicologia social ligada aos estudos sobre identidade, pois aparece integrada no quadro das próprias relações intergrupos. Essa abordagem vem acontecendo por um bom tempo, são muitos pesquisadores que apresentam esse conhecimento na dimensão social da identidade e que tem sido objeto de diferentes conceituações.

Sabe-se da importante integração no campo científico, dos conteúdos da identidade abordados por várias frentes de pesquisa e posicionamentos dos grupos, permitindo analisar os processos que participam na construção social da identidade.

Nos estudos da psicologia social de Amâncio (2004), há uma referência a Bristol, sobre o conceito de identidade social, que apresenta como modelo de um envolvimento emocional e cognitivo dos indivíduos no seu grupo de pertença e as consequentes expressões comportamentais desse envolvimento no quadro da relação intergrupos.

Ainda no que se refere à contribuição da psicologia social, encontra-se um forte campo de pesquisa dos indivíduos e em relação aos grupos. Vala (2004) mostra a ideia de que os indivíduos e os grupos pensam, e de que as instituições e as sociedades são ambientes pensantes, o que representa uma forma nova de olhar para a constituição das instituições sociais e para os comportamentos individuais e coletivos.

Para responder a muitos dos questionamentos que podem surgir, a psicologia social vem fundamentando-se nas teorias das representações sociais, que procura responder a sérias situações que o indivíduo e a sociedade têm que enfrentar, ainda que de forma diferente. Vala (2004) cita em seus estudos o núcleo fundamental das representações sociais:

Algumas representações são calmamente transmitidas de geração em geração; são o que os antropólogos chamam tradições e são

comparáveis a um fenômeno endêmico: outras representações, típicas das culturas modernas, difundem-se rapidamente a toda uma população, mas têm um curto período de vida; são o que chamamos modas e são comparáveis a epidemias. (SPERBER, 1989 apud VALA, 2004, p. 127)

Para Moscovici (1978), a representação não é entendida como reprodução, mas como construção. A representação é sempre a representação de qualquer coisa que exprime a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma atividade de construção e de simbolização, torna-se a expressão de um sujeito.

A psicologia social apodera-se desses estudos com a finalidade de delimitar as representações sobre pessoas ou instituições sociais. Para Vala (2004), a psicologia social procura analisar o processo de objetivação, identificando os elementos que dão sentido a um objeto, a sua seleção no conjunto mais vasto de conceitos, as relações entre esses conceitos, a sua figuração e as modalidades que assume a sua naturalização.

Assim diz Berger e Luckmann (1983) e Lakoff e Johnson (1980), que a teoria das representações sociais propõe que o processo de objetivação não ocorre apenas na passagem das teorias científicas para o senso comum. A objetivação constitui uma característica de todo o pensamento social.

Entende-se que uma representação, quando constituída, passa a ser organizadora das relações sociais, contribui para a significação dos acontecimentos, comportamentos e fatos sociais, dando o verdadeiro sentido que cabe ao indivíduo ou grupo. Para Durkheim (1978), a vida social é “essencialmente formada de representações”.

Para analisar o conhecimento na vida quotidiana, a psicologia social acredita não esgotar o estabelecimento de relações e as inserções socioestruturais. Por isso, este trabalho visa mostrar que a crença de um grupo existe e pode identificá-lo segundo sua representação. Sabe-se que a objetividade sempre permitirá compreender como, no senso comum, as palavras e os conceitos são transformados em realidades vividas com o sentido interior ou exterior aos indivíduos.

4.2 Identidade e representação social

O estudo sobre a identidade está ligado diretamente com as relações sociais e tem importância na vivência dos grupos e no comportamento do indivíduo que procura adquirir e assimilar um conjunto de valores relacionados a sua realidade cultural. Para Ardans (1996), podemos conceituar identidade em uma porção de problemas ao redor do problema central que é abstrato, mas não há uma teoria coerente e completa de identidade; há várias abordagens teóricas e metodológicas sobre esse problema.

Devem-se, por meio de uma investigação empírica, responder de maneira coesa e significativa às várias insatisfações da vida cotidiana, incluindo o psicólogo social. É necessário estar em contato com as pesquisas já realizadas, fazer leituras de diversas fontes e perspectivas, pois nossa ciência não é uma ciência formada; é uma ciência em formação e talvez permaneça em formação (ARDANS, 1996).

Atualmente encontra-se um bom desenvolvimento dos temas de estudo sobre identidade, principalmente na antropologia e na sociologia. Esses estudos buscam, com profundidade, explicar as categorias epistemológicas presentes nessa concepção de identidade e ganham uma maior repercussão com Frederick Barth, na década de 1960.

Conforme apresenta Lopes (1996), o conceito de identidade tem relação direta com a noção de pessoa, como consequência inevitável de um reconhecimento que advém do mesmo processo de formação social.

[...] “é o social que dá forma ao individual”, o antropólogo “resolveu” a questão da identidade enquadrando o objeto investigado num referencial mais amplo, ou seja, o de que a identidade individual, enquanto consciência do “eu”, é uma “representação” propiciada pelo repertório coletivo, que os sujeitos isolados atualizam cotidianamente. [...] é possível aceitar a identidade que resulta de um processo de auto reconhecimento, como uma identidade carregada de elementos subjetivos, constituída nas representações abstratas que os sujeitos constroem sobre as bases concretas da vida coletiva. (LOPES, 1996, p. 127-128, grifo do autor).

Como já foi apresentado, o grupo como uma expressão e manifestação, encontra seu real valor nas relações de convivência estabelecida pelo indivíduo, por uma etnia, ou uma sociedade, e que acaba revelando uma identidade, como aquilo que se é.

A identidade e a representação social se interagem no campo da pesquisa, pois tais estudos encontram importantes características em relação aos fenômenos sociais. Os fenômenos de representação social estão “espalhados por aí”, na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais (SÁ, 1998, p. 21).

Encontram-se nos estudos sobre comunidades, um conjunto temático que propõe a articulação na perspectiva das representações sociais com a identidade adquirida pelo indivíduo. Claro que não se pode generalizar, mas considerando a questão da coletividade em sentido amplo, pode-se aí também incluir os estudos envolvendo as várias comunidades religiosas e outras instituições.

Entende-se por representação como uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo uma visão prática e concorrente à construção de uma realidade comum a um conjunto social (LANE , 1996, p. 100).

Jodelet (1988; 1989) conceitua representações sociais como sistemas de conhecimento e símbolos, que são socialmente elaborados, que orientam o comportamento e intervêm na definição da identidade individual e social e na construção de objetos.

Toda A representação é a representação mental de alguma coisa: objeto, pessoa, acontecimento, ideia, etc. [...] Não existe representação social que não seja representação de um objeto, mesmo sendo ele mítico ou imaginário. [...] Por outro lado, representar é RE-apresentar, tornar presente ao espírito, à consciência. (JODELET, 1988, p. 12, grifo da autora).

A representação social vem sendo instrumento de pesquisa cada vez mais aprofundada por várias áreas científicas. Um dos grandes mentores das teorias em representação social foi Serge Moscovici, que procurou designar, de modo

particular, o tipo de fenômeno ao qual a sua interpretação teórica se aplica. Em seu estudo, Jodelet (1988) cria uma perspectiva pelo qual o sujeito é considerado como um produtor de sentido, que exprime na representação o significado que dá a sua experiência no mundo social.

Leva-se em consideração que a representação de um grupo está ligada diretamente a suas normas e valores que foram elaborados com o desejo de cumprir todos os propósitos. Para que isso ocorra é necessário definir com os seus membros os objetivos e procedimentos específicos. Acredita-se que o grupo, uma vez definidos seus objetivos e metas, deve levar seus membros a pensarem e interpretarem dentro da realidade do cotidiano.

Obviamente, considera-se o sujeito como o grande produtor de sentido, sempre está em relação com tudo ao seu redor, exprimindo em sua representação o verdadeiro sentido a várias experiências vividas e articuladas com o social. O que determina as representações são as formas e os métodos estabelecidos nas relações intergrupais e que contribuem para constituir um sistema de interpretação, cujo sistema procura uma forma de mediação entre os membros de um mesmo grupo.

A abordagem das representações sociais e a identidade vêm demonstrando um abrangente campo ligado ao sistema de interpretações que elas fornecem às condutas que eles guiam e às transformações sofridas ao longo da existência de um grupo ou indivíduo.

4.3 Construção da identidade

Observa-se atualmente, no campo de estudos sobre a identidade, um crescimento cada vez maior por meio da observação e de uma pesquisa científica relacionada às questões sociais significativas pelo qual o indivíduo estabelece relações. Muszkat (1986) apresenta em seus estudos uma visão bem ilustrativa sobre a história das culturas que vem demonstrando exaustivamente que o ser humano possui um excesso relativo de energia suscetível, em uma utilização distinta do seu mero decurso natural.

Nesse conjunto de interpretações relacionadas à identidade, tem-se à medida que transcende sempre o nível do racional, pois sua parte racional só pode ser representada, porém, um tanto difícil de ser explicada.

As ideias religiosas e os mitos, por exemplo, seriam símbolos de representações, ao passo que os ritos e as cerimônias seriam os símbolos de ações. Nessa medida, o símbolo possui, ao mesmo tempo, caráter de expressão e de impressão, porque, assim como expressa os fenômenos psíquicos, também influi sobre eles. (MUSZKAT, 1986 p.16).

Dessa forma, a identidade pode ser definida, segundo Muszkat (1986), como algo que traduz, por um lado, a permanência do objeto único ou do seu atributo, por meio das mudanças que produzem em si como em seu redor, e por outro lado, exprime a similitude de dois objetos distintos, ou de tais ou quais aspectos de seus atributos. Para a escolástica, *identitas* caracteriza como único, o termo de identidade, e foi a princípio empregado pela psicanálise por um psiquiatra chamado Victor Tausk, referindo-se à necessidade de o homem experienciar-se e experimentar durante o seu processo de desenvolvimento.

Para Jung, a identidade pode ser compreendida como uma igualdade psicológica de caráter inconsciente. Entende-se que o fenômeno da identidade dessa forma pode ser considerado também como um caráter coletivo. Acredita-se que esse conceito de inconsciente coletivo pode ser ampliado conforme a experiência realizada pelo indivíduo com o mundo e tudo o que está em relação com ele, pois só vai ser possível expressar quando essa identidade passa a ter um sentido, quando se refere a uma conquista, e quando passa a ser descoberta em um mundo subjetivo. Nos estudos de Muszkat (1986) há um exemplo peculiar, quando se diz “eu sou”, estar-se apresentando o nosso nome, sexo, idade, profissão, residência, estado civil, características físicas e outras. Deve-se entender que o “eu” atual sofre modificações constantes através do tempo. Assim, a identidade está dentro de uma complexidade que se organiza por meio da nossa conscientização que se dá através do tempo, do espaço e da intersubjetividade. Atualmente em sua pesquisa, Ciampa (1988) tem apresentado um conceito de identidade como metamorfose, sem desconsiderar todos os processos de identificações. Para garantir a identidade, a pergunta fundamental é: “Quem é você?” e “Quem sou eu?”. Para

Ciampa (1988), quando essas perguntas surgem, pode-se dizer que esta pesquisando a identidade e, se tem um desejo de buscar o conhecimento de si mesmo, está se supondo que se têm as devidas condições de fornecer aspectos singulares da identidade. Essa resposta dada à pergunta “Quem sou eu?” é considerada como uma representação da identidade, que pode deixar de lado seus aspectos constitutivos, de produção, e as implicações que surgem nesses dois aspectos.

Se levar em consideração que as representações são um processo de produção, também deve se entender que a identidade seja um processo de identificação. Por isso, a identidade de uma pessoa é considerada também um campo de fenômeno social, e não somente natural, e que a maioria dos cientistas vai estar de acordo.

Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos – biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. [...] a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém e essa representação prévia. (CIAMPA, 1988, p.65).

Quando se assume uma posição que se identifica, estará discriminando que o indivíduo é dotado de atributos que lhe dão uma identidade considerada como atemporal.

Tanto a informação social como a informação que temos de um indivíduo considera alguns sinais corporificados, quer de prestígio ou de estigma. Um exemplo para essa situação é apresentado por Ciampa (1988), quando um nome passa a ser um modo muito comum, não muito confiável, de fixar a identidade, pois ele passa a ter uma imagem pública que está disponível àqueles que não conhece pessoalmente, podendo ser diferente da imagem estabelecida por intermédio das pessoas que o conhece.

Em cada posição que o indivíduo assume socialmente, ele está determinando e fazendo com que sua existência seja a unidade realizada pelos desenvolvimentos dessas determinações. Assim, as identidades, dentro de seu conjunto, relevam uma estrutura social que pode conservar ou transformar, garantindo uma representação, transformada, assim, em abstrata.

Na modernidade, o grande desafio para o homem passa a ser a divisão entre o indivíduo e a sociedade, levando o indivíduo a não reconhecer o outro como ser humano, e dessa forma, não reconhece a si mesmo. Com esse fundamento, Ciampa (1988) acredita que a identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto, que passa a ser compreendida como uma metamorfose, pois estamos em uma progressiva realização da humanidade.

Na mesma linha de pesquisa sobre a identidade, Grubits (1994) apresenta a noção de identidade como uma multiplicidade, pois ainda que o existir seja sempre atual, a temporalidade da identidade revela outra de suas dimensões paradoxais, o passado é entendido como a memória e o futuro como um projeto. A identidade tem que ser considerada como um processo que está em desenvolvimento, não somente de cunho pessoal, mas que se dá por meio das relações sociais estabelecidas.

A psicologia social tem como objetivo abordar sobre o estudo da pessoa humana, procurando compreender sua subjetividade, que se dá por meio de vivências em grupo, por valores adquiridos e das várias reações surgidas no ambiente social. Todas essas questões exercem um poder de influência que pode levar o indivíduo a dar sentido à própria vida, e cabe à psicologia contribuir que a história de vida de uma pessoa é inseparável da realidade em que se vive, por isso, o social passa a ser um instrumento significativo que coloca o indivíduo como um ser integrado em sua cultura que vai formar sua personalidade. Grubitis (1994), em sua pesquisa de campo, identifica o quanto a cultura determina a identidade da pessoa: “partimos do pressuposto de que a identidade é um processo dinâmico, dialético, em constante transformação. São os movimentos diários das ações, dos sentimentos e dos pensamentos que vão construindo uma identidade” (GRUBITIS, 1994, p.34).

Em determinado tempo e espaço, a identidade pode sofrer modificações, que são entendidas como metamorfose, que permite o surgimento de uma nova identidade, ou chamada também de construção da identidade.

Para Habermas (1990), esses conflitos constituem uma carga tão forte para a personalidade de uma pessoa que ela se encontra diante da alternativa de se quebrar ou de iniciar uma nova vida. Essa nova vida permite a continuidade da história da pessoa. No contexto social, a realidade vivida pela pessoa humana deve ser dotada de sentido, pois o indivíduo assume o mundo dentro de um processo de diferenças e de igualdades ao longo do processo do desenvolvimento da sua identidade. Essa socialização se dá porque o indivíduo já experimentou anteriormente em outras etapas de sua vida, por isso, ficará mais fácil de integrar, ou melhor, de se interagir em outros processos de socialização ainda por vir. Para Grubits (1994), a interiorização só se realiza quando há identidade, pela qual estar em sociedade acarreta um contínuo processo de modificação da realidade subjetiva.

Como foi dito no início, todas as implicações do relacionamento que uma pessoa se submete favorece para o seu crescimento, para o seu amadurecimento, que pode levar a uma transformação. O fundamental é a preservação daquilo que foi construído e a continuidade do “eu” como um processo que leva à realização, onde construímos um mundo cheio de sentido.

Agir, sentir e perceber são um processo unificado, durante o desenvolvimento do Eu. Ação, sentimento, percepção e pensamento se diferenciam funcionalmente e, num processo paralelo, se reintegram mutuamente, em seguida. Como há sentimentos humanos sem conceituação ou pelo menos sem relação com a conceituação, do mesmo modo não pode haver pensamento sem sentimento. As emoções expressam pensamentos e os pensamentos suscitam emoções. (GRUBITS, 1994, p.42).

Os estudos sobre a identidade passam a ter uma significatividade social fundamental pelo qual o sujeito envolvido com o mundo tem a necessidade de aprender a se desenvolver perante as várias atividades que é convidado a realizar inserido em um grupo. Para isso, é necessário valorizar as suas ações e seus sentimentos que o leva a interagir e deve conhecer e praticar suas habilidades

adquirindo conhecimento e costumes. Toda formação do sentimento procura envolver o sujeito mediante as várias situações sociais, como: o luto, a prática religiosa, as diversões, as perdas e as conquistas são os sentimentos uma vez equilibrados que podem orientar a formação da identidade em relação ao passado, ao presente e ao futuro.

4.4 Processo de identificação

Toda história de vida passa por processos de identificação, o ser humano está sempre em formação e em desenvolvimento, com isso, sua identidade vai refletir essas mudanças singulares, sejam no campo psíquico ou social. Para Grubits (2000), a trajetória que uma pessoa realiza para construir sua identidade passa de forma peculiar pelas suas relações nos primeiros anos de vida, entendida como socialização primária, que está relacionada com pessoas que compõem seu ambiente.

Por meio dessa reflexão, pode-se afirmar que a construção de uma identidade é entendida como um processo muito complexo que ocorre em diferentes níveis, sexual, social, profissional e outros. As identificações surgem por meio de um plano social e de valores culturais, sejam eles hábitos, leis, normas que determinam uma construção de identidade. Segundo Zimerman (1993), essa socialização primária acontece principalmente no ambiente familiar, no qual a criança adquire os primeiros modelos de identificação, positivos ou negativos.

[...] todo indivíduo tem como meta maior no seu desenvolvimento a aquisição de uma plena identidade, através de progressiva diferenciação, até atingir as condições de uma constância objetual e de uma coesão do *self* que lhe permita ter vida própria e vir a ser alguém autônomo e autêntico. (ZIMERMAN, 1993, p.81, grifo do autor).

Quando se está em um processo de interiorização, considera-se que constitui uma compreensão preliminar de nossos semelhantes e, posteriormente, do mundo. Esse processo de interiorização é dotado de sentido que está além de um aprendizado, pois está relacionado ao cognitivo. No aspecto da vivência de grupo, a família desempenha um papel fundamental, pois são pessoas que estão reunidas

por um longo tempo, no mesmo espaço que representa uma tarefa que busca uma finalidade. Essa socialização do sujeito permite o integrar-se totalmente no grupo, surgindo o sentimento de pertença que virá estabelecer uma identidade.

Para Grubits (2000), a identidade do “eu” indica a competência do sujeito, capaz de linguagem e de ação, que o leva a enfrentar determinadas situações da consciência, gerando uma identidade na medida em que se apropria dos universos simbólicos integrando-se a um sistema social.

Leva-se em consideração que o indivíduo passará a ser social também quando rompe os vínculos familiares para se socializar com os demais grupos. Esse é um processo natural que contribuirá para a construção da identidade, pois o sujeito conduz à visão interior de si, das emoções e das suas sensações. Essa é uma disponibilidade necessária e fundamental que oferece condição de atitude, de responsabilidade e de respeito. A capacidade que tem de ser criativos vai sempre favorecer a reconstrução da identidade, pois a pessoa humana está relacionada a um campo de possibilidades que pode favorecer nas suas escolhas e no processo de amadurecimento.

Pode-se afirmar que a base fundamental que vai constituir o desenvolvimento da identidade é a relação apresentada pela ciência entre o pensar, o sentir e o agir. Como apresenta Spink (1993), a identidade vista no campo da psicologia social vem confirmar essa asserção quando declara que nos espaços de praxes comunicativas cotidianas, como na família, grupo de amigos, partidos, elites culturais e espirituais, associações de bairros, instituições, aprende-se a viver com o outro e a decidir em conjunto, discutindo racionalmente possibilidades concretas capazes de instrumentalizar a pessoa humana desde sua infância, oportunizando um crescimento harmônico das faculdades e também da sua identidade como um todo.

Segundo Habermas (1990), a identidade considerada como um bem sucedido do “eu” afirma que a manutenção da saúde mental está sempre relacionada com a capacidade de falar e agir do indivíduo, de também permanecer idêntico a si mesmo em relação às mudanças profundas que acontecem na personalidade que reagem a algumas situações contraditórias. Entende-se assim que o indivíduo, ao longo de

sua vida, estabelece elos importantes em determinados tipos de ações, considerando a interação em torno do que pode representar. Não se pode esquecer que todo esse processo de identidade humana é estabelecido por meio das diferenças relacionadas ao desejo, à dimensão sexual, ao corpo, aos pensamentos que simbolizam todas essas complexidades que o sujeito é convidado a enfrentar no seu dia a dia.

Quando se refere às questões das diferenças em relação ao estudo sobre identidade, leva-se em consideração o surgimento dos estigmas como uma atribuição dada ao sujeito, pois é na realidade um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, levando em consideração outros atributos que ocorrem em toda a sociedade. Para Goffman (1998), existe três tipos de estigma: as abominações do corpo, as culpas de caráter individual e os estigmas tribais de raça, que está em relação à nação e à religião. São por meios dos estigmas que se podem fazer discriminações, que muitas vezes, sem pensar, utilizam-se termos que geraram exclusão e preconceitos, como: aleijado, bastardo e retardado. Esse processo de identificação é um tanto doloroso, pois pode vir a não corresponder com a realidade do sujeito, e, mesmo que não corresponda, será um estigma estabelecido que fará parte de uma identificação.

Os conflitos que surgem nos processos de socialização, por muitas vezes, estão relacionados ao termo estigmatizado, que significa a sensação de não saber o que realmente os outros pensam. Para a sociologia, essas pessoas intituladas de estigmatizadas estão voltadas especificamente à vida coletiva, isto é, quando se está em grupo, cujo processo de aceitação é um fator determinante, podendo levar para um aspecto negativo nas relações.

Por outro lado, considera-se que certos estigmas serão um processo estabelecido naturalmente na vida de uma pessoa, levando em consideração a informação social transmitida por uma simbologia, por exemplo, um objeto utilizado, uma roupa, um hábito, que traz prestígio, honra ou posição de classe desejável. Será sempre por uma visão de outra pessoa que o estigma se torna evidente com maior frequência.

No campo social, sabe-se que o indivíduo está sempre se relacionando com o grupo e instituições, constrói a sua identidade por longos anos, deixando uma identificação pessoal. Para Goffman (1998), quando o indivíduo deixa a sua comunidade e passa a estabelecer relacionamentos e conviver em outra, dará margem, também, a que outros componham uma biografia sua, um retrato completo que inclui uma versão do tipo de uma pessoa que ele era e do meio ambiente do qual ele saiu. Nesse contexto, os lugares estabelecem o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não. Goffman (1998) apresenta que, como o mundo de alguém está especialmente dividido por sua identidade social, ele também está por sua identidade pessoal. Sabe-se que há lugares onde ninguém conhece o indivíduo pessoalmente, podendo ele permanecer no anonimato.

Realmente, deve-se considerar que os processos de identificação passam pelo ambiente social em que o indivíduo faz parte. Dessa maneira, as identidades também vão fazer parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. Em seus estudos, Goffman (1998) acredita que o indivíduo como ser humano completo deve, na pior das hipóteses, se ver também como um excluído daquilo que em última análise é apenas uma área da vida social. Claro que essa visão está relacionada a uma vivência de grupo, mas deve-se considerar o indivíduo como um todo, a sua interiorização, seus sentidos e sua realidade pessoal. Nem sempre a situação do estigmatizado é um aspecto negativo, pois a sociedade lhe diz que ele é um membro do grupo mais amplo, que é diferente e que não poderia negar essa diferença.

Em termos sociológicos, a questão central referente a esses grupos é o seu lugar na estrutura social; as contingências que essas pessoas encontram na interação face-a-face é só uma parte do problema, e algo que não pode, em si mesmo, ser completamente compreendido sem uma referência à história, ao desenvolvimento político e às estratégias correntes do grupo. (GOFFMAN, 1998, p.152).

Uma sociedade não pode considerar que todos os conjuntos de valores de uma identidade não estão estabelecidos em um lugar específico, pois deve se levar em conta o cotidiano, no qual essas normas de identidade podem não estar também

relacionadas com uma conformidade. A pessoa humana é um campo amplo a ser estudado, com várias possibilidades que não se fecham em um único conceito. O que temos de certeza é que o indivíduo está sempre em processos de mudanças, e essas transformações são entendidas como metamorfoses pelas quais não se perde aquilo que se foi construído, mas abertas a novas possibilidades, aos novos caminhos e projetos.

São vários grupos e comunidades que na sua complexidade trazem vários exemplos dos papéis que podem ser desempenhados. As pessoas consideram, muitas vezes, um grupo como um símbolo, cujos membros estão desenvolvendo uma série de funções aceitáveis e não aceitáveis.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método dependerá sempre da linha de pesquisa, pois ela vai nortear o trabalho a ser pesquisado, pois teoria e a prática se interagem de maneira científica, uma vez que o objeto a ser pesquisado é abordado nos parâmetros epistemológicos adotados. O resultado deve estar ligado ao objetivo, e visa um raciocínio crítico de não fazer perguntas somente por curiosidade, e sim estar atento às respostas socialmente aceitas. A pesquisa não é neutra, é política, é atitude.

Reconhece-se a importância do método (ciência) para a evolução do homem. Hoje, cientistas e teólogos compartilham de uma interface que pode ser denominada “busca de sentido”, cada uma com sua maneira de contribuir (SPINK; MENEGON, 2004). A psicologia e a religião, como outros campos de saber, constroem conhecimentos científicos voltados à compreensão do ser humano em suas diferentes esferas de inter-relação.

Alinhando-se a estudos que buscam compreender os processos psicosocioculturais da saúde, para esta pesquisa utiliza-se o modelo qualitativo, optando pela abordagem teórico-metodológica sobre identidade e representação social (GRUBITS; NORIEGA, 2004).

Para este estudo, como foi discutido na fundamentação teórica, é necessária uma visão histórico-contextual, citando a origem, o estilo de vida (carisma), a presença no mundo, a formação específica feminina e as regras (constituições) que cada membro da Ordem das Carmelitas deve seguir, sendo possível distinguir o que são dados de experiência, vivência e observação.

Lane (1988) destaca o importante papel da relação entre pesquisador-pesquisado, que deve ser considerada como uma relação inerente ao fato estudado, e que o pesquisador é também objeto de estudo e análise tanto por ele próprio como pelo pesquisado. Assim, destaca-se a significatividade do pesquisador estar em sintonia com seu ambiente de pesquisa, pois não é possível dissociá-lo de sua atuação, porque faz parte de um processo que procura compreender a estrutura da pesquisa e sua extensão.

Em síntese, por meio do método qualitativo, quer-se fazer uma análise para entender como funciona a instituição, como as Carmelitas a experimentam, entendem e respondem, ou seja, como se constrói a identidade cujas representações sociais são atribuídas a esse campo relacional, considerando suas realidades e subjetividades.

Na sequência apresenta-se o local da pesquisa, os participantes, os procedimentos de coleta e de análise do material discursivo obtido, finalizando com alguns comentários sobre os aspectos éticos em pesquisa.

5.1 Abordagem qualitativa como método de estudo

Muitos pesquisadores vêm, cada vez mais, realizando trabalhos científicos tendo como meio de aprendizado os métodos quantitativos. Acredita-se que essa busca oferece muitas possibilidades para o aprofundamento do conhecimento da pessoa humana em suas várias dimensões: sociopolítica, econômica e cultural.

A maneira de trabalhar com o método qualitativo implica entender e interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, por meio de técnicas de observação bem mais ampla e por entrevistas significativas, pelo qual é considerado um conjunto de valores éticos relacionados ao sujeito da pesquisa.

Para Turato (2004), o termo quantidade vai remeter a uma ideia geral da possibilidade da medida, sendo a relação entre uma e outra grandeza, e como qualidade, aborda a determinação, seja qual for o objeto.

[...] qualidade advém do latim *qualitate*, de *qualis*, que quer dizer “qual”, indicando-nos a questão “qual tipo”, enquanto o termo quantidade, vindo também do latim de *quantitate*, vem de *quantus*, isto é, “quanto”. (TURATO, 2004, p. 33, grifo do autor).

Os métodos quantitativos surgem com o avanço da ciência moderna, que passa a configurar as ciências naturais, que vêm sendo classificadas até os dias de hoje como um método pelo qual a ciência adquire sua autonomia. Têm-se duas

vertentes, “explicar” e “compreender”, que tem uma grande importância para a pesquisa científica, e, por isso, é necessária uma distinção fundamental entre elas. Para Turato (2004), a “explicação”, sob uma visão racionalista, procura abordar as causas dos fatos, adequando-os aos efeitos, sendo uma característica própria das ciências da natureza. Já a “compreensão”, na abordagem fenomenológica, procura, acima de tudo, entender interpretando os sentidos e as significações dos fenômenos, quer captar as relações entre eles, da mesma forma que as ciências do homem procuram realizar.

Denzin e Lincoln (1994 apud VALA; MONTEIRO, 2004) afirmam que a pesquisa qualitativa é multimetodológica em relação ao foco, envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalística no campo a ser estudado, significando que os cientistas qualitativistas procuram estudar as coisas em seu *setting* natural.

Em relação às ciências sociais, a investigação, desde sua epistemologia qualitativa, tem sido um processo de muita criatividade reflexiva. As técnicas desse método se referem à forma de falar e de operar a relação do investigador com suas ideias e anseios.

Representar um objeto significa criarlo simbólicamente hacer que tenga un sentido para quien lo representa, pasando así a formar parte de su mundo. [...] Esta ínterestructuración se da a través de la integración del individuo a los diferentes grupos sociales em los que se une y se diferencia volviéndose autónomo y formando su individualidad. (GRUBITS; NORIEGA, 2004, p. 66).

Entende-se dessa forma que a abordagem qualitativa no campo da representação social requer instrumentos fundamentais nos processos de objetivação, pelos quais estão relacionados com esses conhecimentos sobre valores, atitudes e crenças no âmbito coletivo.

Para isso, o investigador, segundo Guimarães, Martins e Guimarães (2004), deve observar as pessoas e como elas se interagem, participando de atividades, entrevistando, conduzindo histórias de vida ou estudos de casos e/ou analisando documentos já existentes. A princípio, não existem regras metodológicas fixas ou

totalmente definidas, mas estratégias e abordagem de coleta de dados, tendo como base a palavra que expressa o falar cotidiano.

A pesquisa qualitativa procura abordar as pesquisas por meio da experiência vivida, levando em consideração aspectos significantes do fenômeno subjetivo. Na área qualitativa, habitualmente tem-se um apelo às descrições narrativas e às comparações contínuas para compreender as populações ou situações estudadas.

Sabe-se que para uma pesquisa ser considerada séria e profunda, o método é fundamental e importante para que os estudos tenham seu reconhecimento científico. Uma das características essenciais é a determinação da forma como será abordado o objeto da pesquisa e de como procederá aos estudos. Deve-se analisar e estudar o material coletado por meio do método escolhido, sendo uma decisão importante porque irá nortear todo o processo.

O pesquisador tem que levar em consideração, segundo Grubits e Darrault-Harris (2004), que sua interpretação e busca de significados da realidade que investiga não podem fugir as suas próprias concepções de homem e de mundo. É de suma importância o psicólogo não perder de vista seu objeto de estudo e suas formas peculiares de relacionamento com o sujeito.

Acredita-se que uma pesquisa científica deve contribuir para obtenção das respostas em relação aos questionamentos elaborados de acordo com os problemas levantados no projeto. Para isso, é necessária a seriedade nos procedimentos metodológicos, pois provocam uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os determinam. Claro, deve-se considerar que em qualquer estudo a ser realizado, a complexidade do exame aumenta à medida que o pesquisador vai se aprofundando no assunto abordado.

De acordo com Chiazotti (1991), trabalhar numa abordagem qualitativa é considerar que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito da investigação. O pesquisado não é um mero relator passivo, mas despojando-se de preconceitos teóricos e pessoais assume uma atitude aberta a todas as manifestações que observa. Desse modo, cria-se uma relação dinâmica entre pesquisador e pesquisado. Os dados não são acontecimentos fixos,

isolados, mas ocorrem em um contexto fluente de relações. (GRUBITS; NORIEGA, 2004, p. 220).

A pesquisa qualitativa nunca está fechada, ou concluída, pois os processos de análise poderão ser reelaborados, o trabalho poderá ser retomado com o mesmo enfoque ou por uma visão totalmente diferente. É essa riqueza que favorece a pesquisa científica; é a complexidade que oferece um completo e vasto campo a ser estudado, trazendo novas possibilidades no conhecimento da pessoa humana. É sempre possível descobrir uma nova maneira de interpretar o objeto da pesquisa.

5.2 Local da pesquisa

O local da pesquisa foi escolhido a partir do conhecimento do pesquisador, que já tinha realizado algumas leituras sobre a vida em clausura. Após uma pesquisa, para saber onde estavam localizadas as Carmelitas no Brasil, com intenção de fazer um retiro espiritual no período dos estudos da teologia, foi estabelecido um contato com o Carmelo de Santa Tereza no Rio de Janeiro. As irmãs dessa clausura não tinham ambiente para uma pessoa fazer retiro e acabou indicando o Carmelo São José, que por ser mais retirado na cidade de Petrópolis e ter um ambiente externo para religiosos acatou meu pedido.

Devido essa experiência vivida, quando surgiu a possibilidade desse estudo na área da psicologia, teve-se o interesse de buscar esclarecer muitas questões em relação à vida de clausura.

Como foi abordado na parte três deste trabalho sobre o levantamento histórico do Carmelo de Petrópolis, o local da pesquisa foi aprofundado, destacando pontos significativos da trajetória do Carmelo São José. A princípio foi procurada a superiora desse mosteiro com a finalidade de expor o projeto de pesquisa e seus objetivos. Na ocasião obteve-se uma permissão preliminar e posteriormente a submissão do projeto para obtenção de autorização oficial para realizar a pesquisa.

O grupo de mulheres religiosas dessa Ordem tem como objetivo a espiritualidade, a prática do silêncio e uma vida consagrada mística.

5.3 Participantes

Nessa comunidade havia um grupo de aproximadamente 16 irmãs, a princípio foi feito o convite para todas participarem da pesquisa. Desse grupo, duas irmãs (chamadas veleiras) realizam as atividades necessárias (externas), para manutenção do mosteiro (ambiente, cuidado com a saúde, aspectos econômicos e familiares).

Seguindo os critérios do método qualitativo, a pesquisa foi realizada com o número possível de irmãs chegando a oito no total, e o convite foi feito de forma livre e espontânea e posteriormente dividido em três grupos por idade. A madre superiora foi a intermediária na entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e na comunicação interna com as outras irmãs do convento.

5.4 Procedimentos de coleta de dados

O tema proposto para a pesquisa é amplo e abrange um campo de relações complexas. Assim, na coleta de material analisado nesta pesquisa, foram utilizadas três fontes de informação distintas, mas complementares, a saber: 1) observação e relatos do cotidiano; 2) entrevistas semidirigidas (Apêndice B); 3) dinâmica de grupo (Apêndice C).

Para Grubits e Darrault-Harris (2004), no trabalho de campo, o pesquisador procura reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações pelo qual devem ser documentadas, sejam as escritas ou as orais, por meio de gravações e filmagens que fundamentam o relatório do caso que será objeto de análise crítica e outros estudos.

Para realizar essa coleta de dados, foram planejadas as visitas na Ordem Carmelita, pelo menos quatro vezes ao longo do processo que envolve as três estratégias que será descrito a seguir. Foram registradas as coletas de dados por meio de gravações de áudio, fotografias da parte externa feita pelo pesquisador e interna feita pelas irmãs (Apêndice D) e questionários para entrevistas (Apêndice E)

e busca nos arquivos da própria clausura. Seguindo a rigor as propostas metodológicas aqui apresentadas.

5.4.1 Observação e relatos do cotidiano

Para o registro das observações e relatos do cotidiano da Ordem Religiosa pesquisada, foram utilizados gravação de áudio, registro fotográfico dos ambientes internos e externos do Carmelo e um diário para anotações (Apêndice F), sendo um recurso metodológico.

Este trabalho se identifica especificamente com a pesquisa qualitativa, pois apresenta algumas técnicas para a observação das participantes por meio da história de vida passada e de relatos das práticas do cotidiano (Apêndices G e H). A análise dos conteúdos procurou trazer informações profundas e significativas para compreender a vida dentro do Carmelo, e sua representação diante da comunidade.

Para não correr o risco de o entrevistador distanciar da realidade daquilo que estava sendo pesquisado, foi necessário um período de convivência maior com as monjas. Depois de uma autorização, durante um mês foi realizada uma observação e a coleta dos relatos sobre a vida cotidiana em seu contexto natural, ouvindo as narrativas, as lembranças e biografias e analisando documentos da clausura (Apêndice I).

A experiência tanto da observação como dos relatos feitos pelas irmãs, trouxeram uma ampla visão da vida em clausura. Teve-se a possibilidade de se hospedar em um ambiente que faz parte da estrutura física, porém fora do mosteiro. Foi possível obter um volume qualitativo de dados importantes por meio dos relatos do cotidiano, não determinados por conceitos operacionais, porém fundamentais para compreender os sentidos atribuídos e as suas representações.

5.4.2 Entrevistas semidirigidas

O roteiro (Apêndice B) foi montado a partir dos objetivos, uma vez que as concepções metodológicas sobre o uso de entrevistas em pesquisas refutam um

modelo padrão de entrevista (PINHEIRO, 2004). Quando se aborda uma entrevista inicial como prática discursiva, entende-se como uma ação e interação, que se dá no contexto em que a pessoa vive e em uma negociação. É importante notar que em uma conversa o locutor se posiciona e posiciona o outro. Dessa forma, quando se fala, seleciona-se o tom, as figuras, os trechos da história, os personagens que correspondem ao posicionamento assumido diante do outro, cujas posições são negociadas continuamente, e conceito vai além do analítico (PINHEIRO, 2004).

A pesquisa científica deve ser coerente levando a pessoa a um conhecimento de si mesma, o seu contexto e aspectos culturais, considerando o posicionamento como compreensão da pessoa em sua continuidade e multiplicidade.

Para ter uma maior compreensão, o local da pesquisa realizada foi um locutório localizado na área interna do mosteiro, mas fora da clausura, uma sala reservada para atender as visitas (de forma especial os familiares), com horários estabelecidos pela Ordem religiosa Carmelita, como mostram as Figuras 4 e 5.



Figura 4- Locutório onde se recebem as visitas

Fonte: Ademir Lima, 2010.



Figura 5- Locutório reservado para atividades em grupo.

Fonte: Ademir Lima, 2010.

O locutório é acolhedor, composto de uma pequena grade de ferro maciço com uma cortina do lado de dentro, onde se deve aguardar a chegada de uma das irmãs, que ficará sentada à frente da visita entre as grades. No locutório, ao lado da grade, encontramos uma pequena abertura de madeira com uma porta giratória, para retirar algum material fornecido pelas irmãs ou entregar algo. As irmãs são chamadas por um sino.

Quando se opta por uma pesquisa histórica, pela qual o entrevistado narra sua experiência de vida, tem-se que procurar compreender a narrativa de fatos e acontecimentos marcantes em determinado período onde a história passa a ser um relato da experiência da pessoa.

Para Paulin (2004), a história de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Cabe ao entrevistador ouvir e procurar interferir o mínimo possível nos relatos.

Acredita-se que o depoimento pessoal está relacionado a um período de tempo reduzido em que o entrevistado é convidado a narrar, cujo objetivo é aprofundar o número de informações e detalhes a respeito desse tempo.

Portanto, é necessária uma pesquisa cuja entrevista apresente um roteiro semiorientado, o que facilitará para o entrevistado e garantirá ao informante mais liberdade para se posicionar, expressando mais que o pesquisador, ao mesmo tempo demonstrando iniciativa, considerando que o pesquisador mantém o controle da entrevista.

A entrevista semidirigida é caracterizada como depoimento pessoal, optando por um roteiro ao qual as perguntas decorram de maneira tranquila pelos relatos das experiências vividas (Apêndices H e J). Esse questionário prévio é a forma de dar uma orientação na condução da entrevista realizada, onde permite que outras questões possam ser focadas sem fugir da temática principal.

5.4.3 Dinâmica de grupo

Quando se trabalha com grupos, devem-se considerar todos os elementos e características que fazem parte do contexto social da pessoa humana. Para Codo (1988), o homem produz sua própria existência, portanto produz a si mesmo, e está sempre se relacionando com os outros e produzido muitas vezes pelo outro. Todo

trabalho que se realiza em grupo está de certa forma exercendo uma mediação entre a reflexão e a história.

É evidente que o trabalho, considerado como modo de produção da existência da pessoa, vem a exigir uma importante convivência em grupos, nos quais se desenvolve uma divisão de trabalho, buscando dar sentido a tudo o que for instituído e assumido pelo indivíduo. A divisão de trabalho em grupo pode unir e separar os membros ao mesmo tempo. Esse será sempre um risco que se pode correr.

A compreensão clássica da dinâmica de grupo é colocar em discussão, entre os participantes, o tema de interesse da pesquisa. A dinâmica favorece a abertura e o entrosamento entre os membros, como apresenta Militão (2011) em seu método, que visa provocar o diálogo e a percepção crítica.

Seguindo o modelo das rodas de conversas (MENEGON, 2006), essa dinâmica foi realizada com oito pessoas, porque o contexto da pesquisa teve uma maneira diferente de estruturar o leiaute, onde o grupo foi colocado em meio círculo dentro do locutório, cujo pesquisador esteve fisicamente posicionado fora da clausura. Na roda de conversa, o pesquisador teve o papel de facilitador para que o diálogo entre as participantes e o pesquisador ocorresse de forma mais informal (Apêndice K).

O tema para dinâmica de grupo foi escolhido a partir dos Jogos e dinâmicas de Militão (2011). O objetivo é procurar discutir as motivações que levam as pessoas a optarem por um regime de clausura, e dentro do Carmelo o que elas têm mais necessidade, buscando entender esse tipo de escolha, quais são os meios (no processo formativo) para lidar com as diferenças dentro de um ambiente de clausura. Para a divisão dos grupos, começando com duas irmãs, depois quatro e posteriormente oito, foram usados os modelos formais, de tipo matemático, visando formular previsões sobre as possíveis combinações dos juízos prévios à discussão de grupo.

5.5 Aspectos éticos

A pesquisa desenvolvida foi autorizada pela superiora do Carmelo de Petrópolis no Rio de Janeiro, e contida no anexo e submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), conforme dispõe a Resolução CNS n. 196/96, que no Brasil regulamenta as pesquisas que envolvem seres humanos.

Segundo a orientação feita por Spink e Menegon (2004), os fatores éticos que norteiam a pesquisa de campo devem levar em consideração três aspectos fundamentais:

- d) o uso do consentimento livre e esclarecido, que se refere ao acordo inicial entre pesquisador e participante, objetivos e procedimentos da pesquisa levando em consideração os direitos e deveres dos envolvidos na pesquisa;
- e) a proteção do anonimato, que se refere a não revelação de informações que possibilitem a identificação dos participantes;
- f) uma particular atenção ao resguardo do uso abusivo de poder na relação entre pesquisador e participantes, buscando uma relação de confiança em que é assegurada a liberdade do participante de não participar das discussões propostas, ou poder decidir sair da pesquisa em qualquer momento.

5.6 Procedimentos de análise dos dados

Nos procedimentos referentes à pesquisa foi utilizada a teoria de identidade e representação social, e as entrevistas e a dinâmica de grupos foram analisadas utilizando estratégias propostas pela abordagem teórico-metodológica que envolve uso de mapas dialógicos (colocadas em quadros), de linhas narrativas e outras estratégias que se mostraram pertinentes ao processo de análise do material discursivo (SPINK; LIMA, 2004, p. 93).

É importante lembrar que a justificativa é um dos primeiros argumentos que se desenvolve na elaboração de uma boa pesquisa. Por isso a curiosidade do pesquisador não é o único determinante para os estudos científicos, pois a pesquisa torna-se importante e significativa quando encontra seu reconhecimento por meio da demonstração dos seus resultados, que poderão ter algum tipo de relevância social e acadêmica.

Segundo Grubits e Darrault-Harris (2004), o entrevistador pode apenas ter ouvido respostas “livres” referentes aos pontos enunciados pelos sujeitos, no entanto, não se referem a uma estratégia de adquirir significações. Por isso, deve-se considerar que os participantes natos nos grupos dominantes não precisam se explicar, pois todos os seus pares sabem de sua identidade e como funcionam social e culturalmente.

Dentro da lógica qualitativa, quando se procura fazer análise de dados, é melhor compreender o comportamento e a experiência das pessoas narradas ou observadas durante o processo das entrevistas, pois elas estão construindo significados e buscam descrever o que são esses significados.

Os procedimentos de análise da pesquisa foram articulados com a finalidade de buscar uma interpretação da relação de significados sobre a representação social do Carmelo e os processos na construção de identidade das monjas. Para que esses procedimentos sejam considerados como uma abordagem empírica, o investigador deve observar as pessoas e as interações entre elas, participando de atividades.

Para ter uma visão mais ampla das entrevistas, foram elaborados quadros das respostas da pesquisa, colocando três grupos de religiosas divididas por tempo de clausura e destacando as respostas semelhantes das diferenciadas.

Levando em consideração o aspecto da coletividade (pois vivem em comunidade), tornou-se importante a realização da dinâmica de grupo, como já foi explicado anteriormente.

Para articular as entrevistas e a dinâmica de grupo, levaram-se em consideração nos procedimentos de análise, os aspectos do cotidiano da vida em clausura, apresentados por meio dos relatos, destacando-se a dimensão mística da fé. Para Lotufo Neto, Lotufo Júnior e Martins (2003), a fé religiosa em si mesma pode contribuir para uma saúde melhor. A certeza e a antecipação que crenças ou práticas irão trazer um resultado positivo no futuro podem ter um efeito curativo.

Sabe-se que a oração é uma das formas mais antigas de intervenção terapêutica, mesmo que não foi considerada por um bom tempo pelas ciências modernas, e continua sendo frequentemente utilizada, inclusive por médicos e sendo estudada com mais frequência pelo mundo acadêmico.

Com certeza, a construção do conhecimento não se reduz a uma relação ou listagem de dados isolados, mas dentro de um contexto, uma realidade a ser investigada e que trará resultados relevantes para a o indivíduo e para a sociedade. É o que vai ser demonstrado nos tópicos a seguir sobre os resultados da pesquisa.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como foram apresentados anteriormente, os estudos sobre psicologia e religião são abordagens que visa aprofundar a pesquisa empírica no campo das representações sociais e a construção da identidade. A apresentação dessa discussão não foi feita somente por meio de informações coletadas no cotidiano da vida em clausura, que muito enriqueceu os resultados, mas com as questões semidirigidas, que foram transcritas aqui em forma de quadros.

Como foi dito anteriormente, para a obtenção dos resultados utilizou-se as tabelas, como explicam Grubits e Darrault-Harris (2004), ou quadros sendo uma forma qualitativa no contexto preciso que, metodologicamente, se dá a esse termo. Nesta apresentação dos resultados e da discussão, há algumas características descritivas dos dados coletados pelas questões semidirigidas, incluindo citações literais ilustrativas de falas das entrevistadas. Essa forma de mensurar os resultados é uma característica expressiva da pesquisa qualitativa.

Como o local escolhido para a pesquisa foi um convento de irmãs Carmelitas, os estudos sobre vivência de grupo passou a ser um elemento essencial para a realização deste trabalho. A partir da observação que se deu na convivência, dos relatos das experiências com as irmãs e com uma dinâmica aplicada que foi possível sistematizar os resultados da coleta desses dados.

Na última parte deste tópico destacam-se os resultados da discussão em grupo e a análise da dinâmica. Para Zimerman (1993), os grupos são formados a partir de um conjunto de valores socioculturais, no qual contêm normas, hábitos, leis e preconceitos. E a psicologia passou a estudar os grupos graças às contribuições da teoria psicanalítica e das ciências sociais.

6.1 Análise dos relatos das irmãs Carmelitas

A entrevista semidirigida foi elaborada usando um método que resguarda a identidade do entrevistado. Primeiramente, selecionou-se e formou dois grupos por idade: as irmãs na faixa etária entre 60 e 79 anos e entre 32 e 47 anos. Percebeu-se

que não seria tão proveitoso fazer uma análise da coleta de dados, tendo como referência a idade, por causa das variações. Então optou-se por dividir em três grupos, por tempo de vida na clausura.

Durante a pesquisa, foi também preenchida uma ficha contendo a escolaridade e o tempo de clausura, a data e o local de nascimento (Apêndice E), procurou-se dividir os grupos a partir do tempo de clausura de cada irmã, fornecendo dessa maneira elementos com mais clareza para analisar a própria história de vida preenchida em cada entrevista, partindo da experiência dentro do mosteiro.

No primeiro grupo, tem-se 3 irmãs, com 10 anos de clausura, e no segundo grupo, duas irmãs, uma com 24 e outra com 27 anos de clausura. O último grupo é formado por 3 irmãs, uma com 31, outra com 47 e outra, 49 anos de clausura.

Foi dividido cada quadro em dois blocos: um bloco contém elementos de análise encontrados que são semelhantes e o outro, são os elementos diferentes em relação às respostas coletadas.

QUADRO 1 - A vida antes da clausura

Pergunta: Como era sua vida antes de entrar no Carmelo? (prática religiosa, trabalho, estudos, família, amigos e outros)

Respostas semelhantes	Respostas diferentes
<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Família cristã e prática religiosa. - Experiência de namoro. - Trabalho, estudo e valorização das amizades. - Lazer: festas, viagens, passeios. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A vida caminhava dentro da normalidade. Estudava, passeava, trabalhava, viajava, vida de oração. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vida familiar, prática religiosa e experiência de trabalho. - Duas lecionavam para crianças. 	<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para uma, oposição da família sobre a vida em clausura (tinha um bom trabalho como secretária em uma escola, e quatro anos de namoro, entrada com 35 anos no Carmelo). - Perca do pai aos 10 anos de idade. - Uma não fez experiência de trabalho. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vida religiosa fora da Clausura por 7 anos. Dançava e namorava. Ninguém acreditava na vocação, o que era valor se tornou um desvalor. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma foi durante 18 anos, religiosa de vida ativa.

Sobre essa primeira pergunta, nota-se que o grupo 1, formado pelas irmãs mais novas, destaca-se uma vida de normalidade antes de entrarem na clausura, ("[...] eu tinha uma vida normal [...]") ou seja, elas consideram como normalidade as atividades sociais e os comportamentos, demonstrando nos relatos que a vida social fora da clausura não pode ser desconsiderada para assumir uma nova no mosteiro, pois aparecem nas respostas que elas trabalhavam, namoravam, valorizavam as amizades, participavam de festas, famílias e práticas religiosas. Não tem uma negação da identidade para assumir outra, mas, como diz Ciampa (2005), é um processo, pelo qual se vai transformando, isto é, uma metamorfose. Não se tem duas identidades, tem-se a individualidade, voltada para a identidade natural, o que faz parte do eu.

Percebe-se nesse grupo que a liberdade de escolha vocacional foi muito mais ampla do que nos demais.

No grupo dois nota-se que as irmãs de meia idade estudavam, passeavam, trabalhavam, tinham práticas religiosas, mas com uma moderação comportamental ("[...] eu tinha uma vida de muita piedade junto com a família [...]"), pois a fase da juventude pela qual passaram era mais regrada e com pouca liberdade de escolhas.

No grupo três constata-se que a vida familiar era intensa, ("[...] sentia-me muito amada por meus pais e irmãos [...]"), com poucas opções de namoro, trabalho, passeio e lazer, o que provavelmente a favoreceu seguir a escolha da vocação religiosa.

QUADRO 2 - Processo formativo das monjas

Pergunta: O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Respostas semelhantes	Respostas diferentes
<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O chamado de Deus, disposição para orientação na fé. - Para duas irmãs, a importância das orientações contidas nas regras e constituições de Santa Teresa. - A vida de silêncio e solidão. - Formação constante. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não tem. Respostas semelhantes. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para duas irmãs é necessária a entrega total e radical a Deus. - Formação fundamentada nas regras dentro de um período estipulado. - Encontros com as superiores 	<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Boa formação humana, e conhecer a realidade do Carmelo; não perder o que somos, mas aprender a transformar, a integrar, dar um novo sentido. - Orientação do diretor espiritual. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A formação de uma Carmelita é permanente, não se reduz à sua fase inicial. É um processo vital. Tem várias dimensões: psicológico, teológico, antropológico e espiritual. Conhecer o carisma e acentuar os valores. - A formação se dá na submissão, obediência e docilidade; as pessoas são apenas instrumentos. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma boa saúde física e psíquica, uma determinação. - Partilha e encontro com outros mosteiros.

Essa segunda questão teve como intenção conhecer um pouco mais os longos anos de formação dentro da clausura e conhecer a vida cotidiana (Quadro 2). Para o grupo um, destaca-se o chamado de Deus para a vida de silêncio e solidão ("[...] é necessário clausura, silêncio, oração, solidão e vocação [...]"). Nota-se que essa regra é fundamental, o sentido que representa a clausura, porém sem perder aquilo que se é, sua identidade natural. Faz parte do processo formativo a capacidade de transformar sua vida dando um novo sentido. ("[...] despojar-se de si mesmo, das próprias ideias para acolher o novo aprendizado [...]").

No grupo dois, percebe-se a necessidade da submissão, obediência e docilidade; as pessoas são apenas instrumentos que as elevam até Deus. A formação deve ser permanente com a ajuda de outras ciências.

Segundo consta no grupo três, é necessária a entrega total a Deus, determinação em busca do ideal e persistência.

QUADRO 3 - Aspectos relevantes para assumir uma vida de clausura

Pergunta: Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

Respostas semelhantes	Respostas diferentes
<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A união com Deus pela vocação. - Busca da oração, do silêncio e solidão. - Disciplina e organização com o horário. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não tem respostas semelhantes. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vontade de Deus e vida de oração. 	<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber conviver com o limite de espaço. - Fazer o mundo entrar na clausura. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os aspectos mais relevantes para assumir a vida religiosa: o silêncio e a oração, a clausura como cela do coração, onde foi chamada e acolhida como um dom, escolhida livremente, um espaço onde deve florescer e ser feliz. - De princípio, não queria, por causa da reclusão e sacrifício. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Um ato de amor que torna-se útil à Igreja e ao mundo. Ajudar nossos irmãos do mundo inteiro. - Solidão. - Começou a experiência trabalhando na portaria do Carmelo, e sentiu o desejo de viver na clausura.

Pelo Quadro 3 nota-se que para compreender esse estilo de vida, passa a ser fundamental essa abordagem, sendo uma das questões que motivou esta pesquisa.

Para o grupo um, a vocação é o elemento central ("[...] união com Deus pela vocação [...]"), cujos meios são a oração, a solidão e a obediência. Para essas irmãs, deve-se considerar que o mundo não está longe, distante de tudo, mas ele entra na clausura, por meio da própria pessoa que traz suas experiências de vida. Assim, percebemos que dentro da clausura existe toda uma vida social intensa.

No grupo dois, tem-se a representação da "cela da clausura" ⁸ Como um local de alegria e felicidade porque ali se torna fecundo o encontro com Deus. Entende-se que a vida assumida na clausura se dá por uma liberdade de escolha, de ser feliz, cujos temor e insegurança no início prevaleciam, e agora não mais. Conforme os relatos, o sacrifício passa a ser entendido como um meio para que ocorra a transformação e surja a identidade. É a representação da clausura que dá a possibilidade de construir a nova identidade.

Segundo o grupo três das irmãs com maior tempo de vida no Carmelo, é a aceitação da Vontade de Deus, que leva uma pessoa a assumir a vida na clausura, por meio do amor e da alegria de ajudar àqueles que estão distantes ou perto. Encontra-se nas respostas certa sintonia com os demais grupos, que se referem à oração e à vida de silêncio.

⁸A cela é um termo muito utilizado na vida monástica, e pode ser entendida como prisão, porém, nesse contexto da clausura, tem outro significado, pois faz referência aos aposentos de cada membro da clausura, um lugar reservado, despojado de bens materiais. Representa a vida de desapego e pobreza, dá o sentido de solidão onde pode encontrar Deus. No Carmelo de Petrópolis, segundo os relatos, pode se constatar que dentro da cela se encontra o mínimo de objetos e o necessário para cada monja.

QUADRO 4 - Como as pessoas veem uma monja enclausurada

Pergunta: Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Respostas semelhantes	Respostas diferentes
<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muitos condenam as grades, diz ser uma prisão desnecessária, exagero, fanatismo, decepção, frustração no mundo, desperdício. - Pequena minoria de pessoas compreendem (quem conhece). - Poderia ajudar melhor com uma vida ativa na Igreja e na sociedade. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Algumas pessoas compreendem e aceitam a vida de clausura. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muitos acham que são felizes e realizadas. - As pessoas que as visitam, sentem muita paz. 	<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A família no início era contra. - Alguns acham que as freiras são velhas, feias, frustradas e tristes, por isso, vinham para a clausura. - Muitos questionam o por que das grades? <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Outras pessoas nada compreendem e questionam como pode ser uma vida assim ou viver desta maneira. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As grades não separam, mas unem.

Observa-se no Quadro 4 que, no grupo um, aparece nitidamente que a maioria das pessoas não compreende o verdadeiro sentido da clausura. Por meio dessas respostas, as irmãs acreditam que as pessoas que nunca testam as experiências de outros têm menos probabilidade de desenvolver o lado mais sensível e o compreender da vida. Nesse aspecto, pode-se dizer sobre os estereótipos que muitas vezes se cria em relação à opção de um indivíduo por não estar de acordo com aquilo que acredita.

Para Deschamps e Moliner (2009), os estereótipos podem oferecer, primeiro, uma definição e até mesmo a caracterização de um grupo, pela qual descreve seus membros de forma rápida e econômica no plano cognitivo, porém pode levar ao erro quando não se aprofunda no conhecimento.

[...] é muito frequente que os traços constitutivos de um estereótipo tenham conotações negativas. Na percepção dos outros, esses traços podem levar os indivíduos a fazer um julgamento negativo sobre uma pessoa, não em razão das especificidades desta pessoa ou de sua conduta, mas simplesmente em razão de sua pertença a um grupo que é o objeto de um estereótipo negativo. Este fenômeno corresponde de fato à simples noção de preconceito que designa o julgamento *a priori* e geralmente negativo de que são vítimas os membros de certos grupos. Mas não param aí seus efeitos nefastos. Assim, em certas condições, os estereótipos negativos podem levar os indivíduos que são suas vítimas a adotar condutas que vêm confirmar esses estereótipos. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p.34).

Uma pessoa que se coloca no lugar do outro pode vir a fazer um juízo mais profundo e correto dos fatos. Outras pessoas buscam a clausura simplesmente como uma satisfação pessoal, um encantamento exagerado beirando o fanatismo, exemplo disso são as várias meninas que se encantam com a clausura, seja pelo hábito (vestes) ou pelas grades (que aqui simboliza as fugas da própria realidade), mas não conseguem viver por muito tempo dentro desse sistema.

Segundo as coletas de dados, a compreensão da clausura só se dá quando se entende o sentido da solidão e do silêncio, quando se aceita a Vontade de Deus.

O grupo dois relata que é compreensível que algumas pessoas pensem que a clausura é um lugar onde se vive após alguma decepção sentimental e até mesmo amorosa. Elas têm dificuldade de aceitar e entender de como se é feliz vivendo na clausura.

Para o grupo três é por meio da felicidade da alma, do olhar, que as pessoas contemplam a alegria de estar em Deus, e se sentem em paz. Pelos sacrifícios da clausura, as pessoas que as visitam passam a admirar a entrega e realização pessoal fundamentada nessa alegria de assumir a vida com Deus. Para esse grupo de irmãs mais idosas, as pessoas criticam, porém, quando a conhecem sentem-se bem e passam a ter outra compreensão das grades. Nota-se que há um processo de identificação, pois muitas vezes critica-se aquilo que não quer viver e esquece que a vida é do outro, pela qual está totalmente realizada.

As pessoas quando visitam a clausura percebem que essa visão estigmatizada pela frustração, fuga, desequilíbrio e outros aspectos não passam de uma falta de conhecimento e de aprofundamento, pois acabam sentindo que as irmãs têm uma boa qualidade de vida, uma boa saúde mental e um equilíbrio afetivo fundamental para estar em um sistema de clausura.

QUADRO 5 - O que representa a clausura e o contato com pessoas externas

Pergunta: Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externas?

Respostas semelhantes	Respostas diferentes
<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clausura é o lugar de busca e do encontro com Deus. - É o deserto, ambiente de encontrar e ouvir a Deus, a Sua voz, da oração, encontro consigo mesma. - Contato com pessoas externas é muito pouco e através do locutório. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tem contato com amigas, médicos, sacerdotes, seminaristas, leigas e com familiares. - A clausura representa uma verdadeira casa, um relacionamento com Deus. Esposa de Cristo. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É uma entrega ao Senhor que leva a viver na intimidade. - O contato com as pessoas externas é bem limitado. - Oração pelos externos. 	<p>Resposta de 10 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Ajuda no recolhimento interior pelo silêncio e solidão. - É o dom da vocação. - É doação, liberdade, identificação. - Contato com a família é muito pouco. - Encontro com médicos e dentistas quando necessário. - Outros contatos através de cartas e telefonemas. <p>Resposta de 24 a 27 anos de clausura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clausura representa: obediência, submissão dos superiores. <p>Resposta de 31, 47 e 49 anos de clausura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ajuda a viver com maior intensidade. - Mantém contato através de cartas e no locutório com jovens que estão discernindo a vocação e pessoas que passam por dificuldades, buscando conselhos e orientação.

No Quadro 5, para o primeiro grupo, a clausura representa a vivência do cotidiano em busca do encontro com Deus, é um lugar de abandono e de felicidade

plena. O contato com as pessoas externas é restrito, mas a intensidade da vida na comunidade e com Deus faz com que transborde de alegria tudo em volta.

No grupo dois, tem-se uma consideração em relação à família, pois ainda que distante dos pais, irmãos e familiares, a clausura é uma representação dela pela qual se vivencia o amor de Deus “por mim” e “para os outros”. A clausura representa a casa, a liberdade e a identificação. A determinação de corresponder às regras mantém uma obediência e submissão que as fazem crescer.

Segundo o grupo três, a clausura representa um deserto, isto é, silêncio e solidão, e também uma intimidade com Deus e oração pelo mundo.

Pelos relatos em respostas a essa última pergunta, nota-se que, para os três grupos, a vida social fora da clausura é estabelecida por meio de contatos necessários para tratar da saúde, o cuidado e atenção com a família, pois não perdem o vínculo e o atendimento pelo locutório às pessoas externas.

6.2 Comparativo dos quadros

Os resultados das respostas da entrevista narradas pelos três grupos de irmãs nos quadros acima, apresenta uma mudança histórica significativa no período vivido por cada geração. A passagem e a transformação dessas gerações estão nítidas nos relatos das mais novas de tempo na clausura para as mais velhas que estão relacionados com o desenvolvimento e os processos de mudanças institucional e social.

- No primeiro quadro sobre a vida antes da clausura o grupo um apresenta uma vida marcada por festas, lazer e trabalho, no grupo dois a vida era regrada e as atividades eram realizadas com moderação; o grupo três tinham poucas opções de lazer e a vida familiar era intensa.

- No segundo quadro sobre o processo formativo, o grupo um destaca a representação da clausura como silêncio e a solidão; no grupo dois são apontados a submissão, a obediência e a docilidade; o grupo três a necessidade da entrega total.

- No terceiro quadro sobre os aspectos relevantes para assumir uma vida de clausura, nota-se mais uma vez a diferença entre as gerações, pois o grupo um destaca as experiências vividas que não distancia a clausura do mundo e das pessoas; no grupo dois a representação da cela é a alegria do encontro com Deus e a possibilidade da nova identidade; já o grupo três é a aceitação da vontade de Deus.

- Em relação ao quadro quatro sobre como as pessoas veem uma monja enclausurada, tem-se uma grande diferença histórica e social sobre a compreensão e aceitação da vida na clausura, o grupo um apresenta diz que a maioria das pessoas não compreende o verdadeiro sentido da clausura; o grupo dois relata que é compreensivo que algumas pessoas pensem que a clausura é um lugar que se vive depois de uma decepção; no grupo três das mais velhas é apresentado os sacrifícios da clausura que levam as pessoas a visitarem e admirarem.

- O último quadro sobre o que representa a clausura e o contato com pessoas externas tem-se uma reflexão acerca da experiência de fé vivida em cada geração. No grupo um das mais novas a clausura representa a vivência do cotidiano em busca de Deus; no grupo dois a clausura representa a casa, a liberdade e a identificação e por fim o grupo três diz que a clausura representa um deserto, o silêncio e a solidão.

Fazendo um comparativo das perguntas, nota-se que nas respostas dos três grupos de irmãs divididas por tempo de clausura, há uma busca interior em torno do silêncio e solidão, onde a clausura passa a constituir uma nova identidade para o grupo de irmãs. A representação social da clausura se dá pelo sentido atribuído por esse grupo de monjas e pelo valor histórico marcado por períodos de grandes transformações.

Para Deschamps e Moliner (2009), uma representação pode ser para um grupo um meio de afirmar suas particularidades e diferenças. Observa-se que essas representações vêm desempenhar um sentimento de identidade, pois a partir delas é que outras pessoas começam a adquirir conhecimento das diferenças e semelhanças em relação ao outro.

É importante ressaltar que, apesar da diferença de idade entre o grupo de irmãs, há também uma diferença de gerações. No primeiro grupo, as irmãs mais jovens têm uma visão mais aberta sobre a vida, enquanto que as mais idosas já vivenciaram e experimentaram outras situações, mas isto não significa que os grupos mostram divergências, mas sim que viveram em contextos sociais bem diferentes quando entraram para a vida monástica.

Para esse grupo de irmãs a busca pelo silêncio é um meio de estabelecer intimidade e afinidade com Deus, pelo qual existe um diálogo uma relação espiritual. Essa característica está presente em todas as faixas etárias das irmãs enclausuradas.

A seguir, vai-se fazer uma análise dos dados conforme as respostas dadas pelas irmãs, utilizando a fundamentação teórica como suporte para os resultados da pesquisa.

6.2.1 A relação com a família biológica

Por meio da entrevista com o grupo de irmãs, foi fundamental a elaboração de perguntas direcionadas à história de vida antes da entrada no Carmelo e à relação com a família. Percebe-se a espontaneidade e naturalidade ao relatarem as próprias experiências no convívio familiar e as relações que ainda são estabelecidas. Segundo Sá (1998), a coleta de dados por meio de entrevistas favorece o material discursivo, do qual é possível extrair as representações que foram produzidas pelos sujeitos da forma mais espontânea possível.

Quando é narrada pelas irmãs Carmelitas a relação com a família biológica, nota-se a importância do papel desta na transmissão da religiosidade, e que deve ser considerada como um elemento fundamental. Para Grubits (1994), a família é o grupo socializado por excelência, pois a criança vive a fase inicial de sua vida e que, posteriormente, vai contribuir na formação de sua personalidade. Como apresentam alguns relatos:

[...]. Na família sentia-me muito amada por meus pais e irmãos. Por ser a caçula de 15 irmãos, todos tinham muito carinho comigo [...].

[...]. Era uma vida feliz e tranquila. Sou a segunda numa família de seis filhos, todos católicos, uns menos, outros mais praticantes. Desde criança se manifestou minha vocação sentindo desejos pelas coisas do céu[...].

[...].Trago a lembrança de uma vivência familiar firmada na fé, no amor e no bom relacionamento entre nós. Meu pai faleceu quando tinha 10 anos, meus irmãos mais velhos trabalharam para ajudar em casa, minha mãe também, mas sempre sendo um apoio e presença em nossas vidas [...].

Ao analisar esses relatos, sabe-se que a história de vida é marcada por fatos significativos, pois, desde o desenvolvimento da infância até a vida adulta, assimila-se e conservam-se vários fatores, até mesmos gestos e palavras que vão ser determinantes para a boa socialização.

A psicologia vem, cada vez mais, aprofundando seus estudos tendo como base a sociologia, que oferece instrumentos científicos na área do conhecimento da capacidade de o ser humano adaptar-se e socializar-se em vários ambientes que não sejam a própria família. Essas mudanças irão oportunizar a formação da identidade.

"A identidade e o auto-conhecimento de um pessoa é estipulada em condições particularmente históricas, com nomes individuais, especificação do tempo e uma compreensão da circunstância. A memória se torna viva no ato da narração e a identidade é percebida quando o próprio Eu é apresentado a outro". (GRUBITS, 1994, p. 56).

A história de vida narrada pelas irmãs apresentam seus sentimentos e atitudes ligados fortemente ao ambiente familiar, pelo qual se socializavam naturalmente, garantindo um conjunto de valores. Assim, o ambiente familiar favoreceu uma constante transformação, que é a identidade. Todo esse processo de construção da identidade passa pelos conhecimentos adquiridos e que continuam em uma dinâmica de metamorfose, isto é, uma ressignificação da própria vida.

6.2.2 A comunidade como representação da família

Observa-se nas respostas dadas em relação à entrevista semidirigida que, para as irmãs Carmelitas, a clausura tem um sentido fundamental, apesar do desejo de solidão, tem uma representação comunitária, pela qual se vivem intensamente as relações.

Para mim, representa o meu “habitat” e o meu mundo [...]. E, deve ser, uma verdadeira casa, onde há um profundo relacionamento com Deus; com muitas irmãs e adotar todos os homens e mulheres com filhos.

Para mim a clausura representa: amor por Deus e os irmãos, doação, liberdade, me sinto muito livre, identificada, me sinto realizada, pois gosto muito do repetitivo.

Nota-se que a clausura, acima de tudo, é um ambiente de socialização, uma representação coletiva que busca dar sentido tanto para o grupo como para a vida de cada indivíduo. Deschamps e Moliner (2009) apresentam em seus estudos uma reflexão de Marc, cujas representações coletivas podem causar um impacto sobre o modo como as pessoas se percebem e percebem os outros. São essas representações, uma vez partilhadas e que singularizam alguns aspectos, que fazem as pessoas ao mesmo tempo individuais e coletivas.

Deve-se considerar que a clausura representa para todas as irmãs o lugar do encontro com Deus na intimidade. Em suas respostas às entrevistas, nota-se uma unanimidade entre os três grupos de irmãs, certa semelhança, em dizer sobre a religiosidade e a busca pelo transcendente.

A clausura para mim é um excelente meio para a comunhão com Deus, ajuda demais a gente viver na intimidade com Nosso Senhor.

Para mim a clausura é o lugar da busca e do encontro com Deus. O deserto onde combatemos com as feras que existem dentro de nós e ao redor que nos permite purificar o coração, os olhos e o interior para a união com Deus.

Para mim, descobri na clausura pela graça de Deus, o dom de minha vocação, o sentido da minha vida. [...] É o lugar que o

Senhor preparou para mim; chamar-me ao deserto para falar-me ao coração.

Representa o meu “tudo” plenificando minha entrega total ao Senhor.

Um meio que nos ajuda a viver com maior intensidade a nossa vida claustral.

Segundo o que foi analisado anteriormente, é na família que as irmãs fizeram suas primeiras práticas religiosas, por isso, pode-se dizer que há uma forte ligação com ela, pelo qual cada monja viveu intensamente os aspectos da religião, pois assumir um caminho comunitário em um monastério significa ter uma continuidade, um sentimento profundo e um espírito de pertença ao ambiente da clausura e à prática religiosa. O grupo se fortalece garantindo uma identidade coletiva, mas que traz experiências construídas no ambiente familiar, sua identidade natural.

Segundo Deschamps e Moliner (2009), o ambiente familiar é garantido quando os membros de um grupo vão se conhecendo e, tendo mais contatos frequentes, se têm experiências ricas com todas as pessoas desse mesmo grupo. Quanto maior a intimidade, mais informações ou conhecimentos sobre esse grupo se terá na memória e mais tendência de o perceber como heterogêneo.

Nessa relação com o outro, descobre-se o quanto passam a serem relevantes os sentimentos e as atitudes. Só é possível estabelecer uma identidade do grupo a partir do conhecimento da história do outro e do respeito às diferenças.

"Os sentimentos regulam a preservação social, a extensão do Eu e informam sobre a relação do Eu com o objeto. O sentimento de prazer vem acompanhando do sentimento de respeito. Amor e ódio são sentimentos que nos orientam na eleição das pessoas cuja proximidade ou contato são decisivos para a formação da identidade. Podemos dizer, então, que esses sentimentos regem os relacionamentos sociais, durante a nossa vida". (GRUBITS, 1994, p. 45-46).

Dessa forma, percebem-se, por meio desta pesquisa, que esses aspectos são características marcantes do cotidiano da clausura. Ao narrarem suas experiências em relação a Deus e à clausura, aqui representada pela família, conclui-se que os

sentimentos colocados nas respostas favorecem os processos de conhecimentos que vão constituindo com determinação a memorização e o espírito de pertença.

Nesse sentido, elas se sentem bem na comunidade, falam da liberdade de escolha e da realização, características relevantes para que aconteçam os processos mais profundos de desenvolvimento de identidade. Esse grupo de irmãs que optaram por viver atrás das grades, como se falou na maioria das vezes, busca, como qualquer indivíduo socialmente integrado, uma qualidade de vida, o bem-estar, mesmo que esteja em um ambiente totalmente religioso, que acaba sendo o sentido da própria vida e a garantia desse equilíbrio mental.

A representação social da clausura passa a ser uma valorização do trabalho em grupo, e não um isolamento social distante das nossas realidades, pois busca criar um conjunto de esquemas coerentes, sejam por meio da partilha, da interpretação dos fatos vivenciados dentro da clausura, aspectos tão presentes nas famílias e em outros grupos sociais. Todos esses elementos narrados pelas irmãs Carmelitas sobre o sentido e a representação da clausura trazem, em si, um universo de significados que constroem a base da história de vida que deve ser respeitada e aprofundada cada vez mais.

6.2.3 O papel de cada monja dentro da clausura

No primeiro contato com o Carmelo de Petrópolis, sentiu-se necessidade de aprofundar e conhecer um pouco mais a vida cotidiana, as funções realizadas e o papel de cada monja dentro da clausura. Como não era possível a entrada nesta, procurou-sei manter o diálogo com a superiora no locutório, possibilitando anotações essenciais para a observação.

Na elaboração das perguntas foi fundamental a questão sobre o que é necessário para ser uma monja enclausurada e como se dá o processo formativo. Para abordar o papel de cada monja dentro da clausura, tornou-se importante conhecer esses processos formativos que garantem o compromisso com as várias atividades.

A formação se dá nos anos de postulante⁹, noviciado e votos temporários durante os 6 primeiros anos. De acordo com a nossa Ratio¹⁰, dividimos as matérias que são: catecismo, espiritualidade carmelitana, Sagrada Escritura, Liturgia e formação humana. Também os contatos diretos com a Priora e a mestra, são muito importantes.

Uma vez dentro do Carmelo começa o processo de se deixar formar pela mestra, regra e constituições, pela comunidade. Mas o principal é a própria formanda, ou seja, foi preciso a minha busca, interesse em aprender tudo que me estava sendo ensinado, tudo o que estava vivendo me identificando com o estilo de vida, com os costumes, com a maneira de ser uma carmelita.

Nota-se que para assumir um papel diante do grupo, é necessária uma formação contínua, pois cada etapa vai favorecendo a maturidade e o conhecimento do grupo. Uma vez adquirido esse conhecimento, surge a identificação com o grupo e naturalmente um comprometimento com as responsabilidades, assumindo o papel diante dos membros.

Para Vala (2004), os indivíduos definidos pelos seus papéis no interior da comunidade e pelas relações entre esses papéis atribuem ao homem liberdade de escolha e faz dele um ser autônomo, responsável e independente dos constrangimentos que o cercam.

Toda pessoa humana, quando se identifica com um grupo, busca adquirir uma plena identidade. Grubits (1994, p. 37) diz que "a socialização acontece em duas épocas diferentes na vida da pessoa, na infância, junto à família, e na idade adulta, quando participa de quaisquer outros grupos sociais".

Dentro desses aspectos, pode-se afirmar que uma identidade passa a ser também constituída por papéis, considerando significativamente sua relação com valor simbólico pelo qual a identificação e seu conteúdo tornam-se também geradores de sentido.

⁹Postulante é o período inicial da formação religiosa que antecede ao noviciado, pode ser de um a dois anos dependendo do amadurecimento da candidata.

¹⁰Ratio, palavra de origem latina que significa um conjunto pedagógico para formação, pela qual contém as regras necessárias ao longo dos processos e etapas.

Dentro da clausura do Carmelo de Petrópolis existe uma distribuição dos papéis que cada monja vai desempenhar e que foi bem-destacada nas entrevistas. Tem-se a priori que faz o papel da líder do grupo, a administradora e a mestra de noviça, que é responsável pela formação das futuras irmãs que farão os votos religiosos, além de outras funções exercidas pelas demais. De tempo em tempo, elas fazem um assembléia para dar a possibilidade de indicarem os nomes para os cargos.

O papel do líder pode ser de forma natural e espontânea, mas não é o caso do sistema de clausura no Carmelo de Petrópolis. Como diz Zimermam (1993), o modelo religioso de liderança decorre do fenômeno de identificação introjetiva, enquanto a identificação projetiva é o protótipo de como se processa a liderança. Considera-se que tal processo de mútua gratificação objetiva garantir a preservação da autoestima e do sentimento de identidade de cada um e do grupo.

"Uma outra forma de entender a complementariedade de papéis em um grupo é a partir da concepção de que assim como todo o indivíduo se comporta como um grupo de personagens internos. Também qualquer grupo se comporta como uma individualidade". (ZIMERMAM 1993, p. 91).

Cada irmã tem o papel de manter e cuidar da clausura, garantindo o silêncio e o recolhimento. Existe uma vida intensa de orações durante todo o dia, sendo a finalidade central do Carmelo, é o momento em que a comunidade se encontra.

A priori deve conduzir o Carmelo com responsabilidade, respeito e solicitude, proporcionar a cada irmã a vida de silêncio e de oração pessoal. Para isso, deve controlar os números de visitas no locutório e as saídas nas famílias, para não comprometer o ritmo da clausura. Talvez seja por esse motivo que as entrevistadas destacam o papel positivo das formadoras e da superiora, quando destacam a obediência e a submissão.

6.3 Aspectos do cotidiano

Segundo os estudos na parte da fundamentação teórica, destaca-se que a psicologia e a religião são um campo profundamente importante para a pesquisa científica, pela qual não se deve ignorar ou menosprezar por mero preconceito. Como foi dito anteriormente, a psicologia social procura abordar não só o comportamento do homem, mas suas relações, até mesmo no campo religioso que sempre esteve presente desde as culturas primitivas.

Bem se sabe que o homem é por natureza inquieto, está sempre em busca, tem perspectivas que o faz descobrir uma meta que sempre o aguarda. A pessoa humana lança-se e também vive de esperança, claro que pode correr o risco de não viver na realidade. Mas para as Carmelitas, a realidade é o presente momento em que se vive com sentido de tudo que se faz. Observando o cotidiano da vida em clausura, entende-se que, no Carmelo, as irmãs não perdem os talentos naturais nem a identidade individual, pelo contrario, são aprimorados.

Para Sciadini (1989), no Carmelo, tudo é reduzido ao essencial, e o supérfluo é ilimitado não por obrigatoriedade, mas por consciência, sentido e pelo amor a Deus.

Observa-se que a clausura é repleta de simbologias, gestos e costumes, que uma vez assumidos pelas irmãs passam a ter um sentido fundamental que traz segurança e conforto, seja pelas vestimentas ou práticas diárias. Segundo Grubits e Darrault-Harris (2004), o sentido de uma imagem visual é garantido pelo contexto que a acompanha, pelo *status* dos objetos, tais como alimento ou vestimento. Esse conjunto de signos vai precisar sempre de uma mediação da língua para dar significado e posteriormente nomeá-los na forma de usos ou razões.

Sciadini (1989) relata que a vivência dentro de um sistema de clausura é marcada por algumas características singulares, por exemplo: durante o recreio, cada monja traz o seu trabalho manual - bordado, costura, chochê, pintura e outros. Também perceberam-se nos relatos das irmãs, algumas características do cotidiano que foram registrados por meio de fotografias feitas por elas dentro da clausura ou

pela pesquisa no arquivo de fotos. Para facilitar a compreensão apresentam-se alguns registros de imagens (Figuras 6 a 11 e Apêndice D).



Figura 6- Momento de descontração.
Fonte: Arquivo do Mosteiro, 2010.



Figura 7- Momento de recreio.
Fonte: Arquivo do Mosteiro, 2010.



Figura 8- Encontro com a Priora.
Fonte: Ademir Lima, 2010.



Figura 9- Momento de lazer.
Fonte: Arquivo do mosteiro, 2010.



Figura 10- Momento de encontro comunitário.
Fonte: Arquivo do mosteiro, 2010.



Figura 11- Espaço da celebração.
Fonte: Ademir Lima, 2010.

6.3.1 Identidade da clausura: silêncio e solidão

Em todos os momentos da pesquisa e também nos relatos das irmãs, houve referências significativas ao silêncio e ao recolhimento, entendidos como solidão.

O que identifica um Carmelo, ou um sistema de clausura, será exatamente a vida de oração por meio da técnica do silêncio e da solidão. Muitos escritores místicos, entre eles destacam-se Grün (2007) e Nouwen (2000), iram afirmar que o silêncio fala, porém de maneira totalmente diferente da forma que se utiliza para comunicar no dia a dia, porque é um silêncio interior, a capacidade de falar consigo e ouvir Deus que fala.

A solidão será entendida como meio pelo qual irá favorecer esse silêncio. Solidão não pode ser compreendida como isolamento, pois vai soar de forma negativa. Em certos momentos, todos necessitam de um período, mesmo que seja pequeno, de solidão.

Nos processos de identidade, Zimermam (1993) diz que não é algo monolítico, porque o indivíduo pode estar identificado, total ou parcialmente, com figuras diferentes. Assim, acredita-se que a pessoa humana está sempre agregada, seja na infância com a família ou nos relacionamentos na vida adulta participando de diferentes grupos, buscando construir e fortalecer sua identidade, passando a ser essencial e necessária tanto individual como socialmente.

Para o fortalecimento da própria identidade do grupo e também individual, será necessário o reconhecimento e a compreensão da origem do grupo, destacando o papel que cada um começa a exercer dentro da clausura. Só será possível estar no grupo e assumir seu papel se a pessoa se identificou com ele, por isso que a formação, os estudos e a preparação para pertencer definitivamente ao mosteiro são regras fundamentais antes de tomar qualquer decisão.

Quando uma candidata tem a intenção de pertencer a esse grupo, ela será acompanhada individualmente por um período, depois marcará a entrada na

clausura e, mesmo na formação inicial, durante os estudos e aprofundamento poderá vir a desistir e abandonar a vida de clausura.

Por isso é que Zimermam (1993) diz que a configuração das diversas identificações parciais de cada indivíduo irá determinar, em grande parte, a formação de sua identidade, tanto a individual como a grupal.

Ciampa (2005) conceitua a identidade como uma metamorfose, pelo qual as pessoas, uma vez que assumem uma postura diferente, vão se transformando permanentemente, pois, como seres humanos, são matérias que por meio da prática se transforma.

Quando uma irmã decide entrar em um grupo cuja identidade é viver no silêncio e na solidão, ela está passando por uma transformação, isto é, por uma metamorfose, e a prática dessa vivência será sua identidade. Bem se sabe que existem silêncios inúteis e silêncios úteis, dependendo sempre do sentido que se dá e do contexto em que se vive.

Assim, muitas vezes, os silêncios têm uma finalidade obstrutiva resistencial, ou estão expressando um protesto mudo. [...] Outras vezes, no entanto, o silêncio pode estar significando um direito em ser livre e respeitado em seu ritmo de participação ou pode estar designando uma pausa reflexiva e até mesmo elaborativa. (ZIMERMAM, 1993, p. 123).

As verdadeiras mudanças e transformações serão possíveis por meio de um aprofundamento e conhecimento pleno da proposta do grupo. A identificação das irmãs pela vida de silêncio e solidão passa por um sentimento pessoal que encontra relevância na realidade do cotidiano, pelo qual esse estilo de vida demonstra seus desafios e sofrimentos.

A formação da nova identidade será comprometida se a pessoa ficar somente na dimensão sentimental, caindo em um fanatismo religioso e gerando transtorno para a identidade do grupo. As verdadeiras mudanças internas só serão possíveis pela determinação, pela formação e tomada de consciência de cada irmã.

6.4 Dinâmica de grupo

A finalidade dessa dinâmica foi favorecer o diálogo entre o grupo de irmãs, pois dentro do contexto da pesquisa procurou-se adquirir uma visão individual e depois coletiva sobre as necessidades fundamentais que cada uma tem dentro da clausura.

Para realização dessa dinâmica de grupo seguiu-se o modelo apresentado por Militão e Militão (2011), como foi descrito nos procedimentos metodológico, que tem como objetivo proporcionar a descontração no grupo e desenvolver uma percepção crítica. Essa dinâmica foi realizada com grupo de oito irmãs e foram elaboradas dez cartelas conforme o procedimento solicitado pela dinâmica (Apêndice K). Como se teve um grupo de oito irmãs, e o procedimento solicita um número maior de cartelas em relação aos membros do grupo, elaborou-se 20 cartelas, das quais 10 eram repetidas, dando a possibilidade de o grupo escolher qual cartela que gostaria de responder, pois cada cartela apresenta três questionamentos em relação ao que a pessoa tem necessidade.

Foram embaralhadas as 20 cartelas e cada Irmã escolheu uma; posteriormente pediu-se que fizessem uma dupla e discutissem quais das cartelas iriam optar e qual seria eliminada. Após esse procedimento de escolha, restaram apenas quatro cartelas, foi dado um tempo para fazerem a escolha da necessidade que mais sentem dentro do sistema de clausura.

Foram dadas as seguintes respostas:

Você sente necessidade de:

CARTELA TRÊS

- () Ser elogiado? Por que?
- () Fazer parte de uma equipe?
- (X) Ser saudável?

Você sente necessidade de:

CARTELA QUATRO

- (X) Solidão?
- () Guardar suas emoções para si?
- () Se respeitado?

Você sente necessidade de:

CARTELA CINCO

- () Agitação?
- (X) Ser convidado a participar?
- () Ser inteligente?

Você sente necessidade de:

CARTELA SEIS

- () Assumir riscos?
- () Ser um líder?
- (X) Dar afeto?

No segundo momento, formaram-se dois grupos de quatro Irmãs, e dentro das respostas que foram dadas, elas deveriam escolher apenas uma, com o objetivo de obter uma visão mais coletiva daquilo que sentem necessidade na vida comunitária. As respostas foram: ser saudável para um grupo e solidão para o outro.

Após esse momento, todas formaram um só grupo, optando por uma única resposta. Depois de uma breve partilha, a maioria escolheu que tinha necessidade de serem saudáveis.

No final das respostas, procedeu a um momento de verbalização pelo qual foi possível explicar e partilhar a amostragem da resposta da dupla, do grupo de quatro Irmãs e posteriormente a escolha de uma só necessidade feita pelo grupo das oito irmãs. Espontaneamente elas expuseram suas opiniões, sentimentos e contestações. Apesar de notar-se uma diferença entre as respostas e as motivações para a escolha, constatou-se que a visão geral do grupo maior (oito irmãs) foi unânime.

A seguir são apresentados os comentários sobre as cartelas escolhidas.

→ Cartela três - Alternativa escolhida: **Ser saudável.**

Existe dentro da clausura a preocupação com o trabalho de cada irmã, pois há uma distribuição de afazeres diários, porque se uma irmã deixa de lado sua tarefa, outra terá que cumpri-la. Além disso, há também a preocupação de evitar saídas externas, para que não se rompa o clima de silêncio existente na clausura. Por isso, a preocupação de ser saudável, para que não haja rompimento da rotina da clausura.

Quando se destaca o “ser saudável”, se refere diretamente à qualidade de vida, ao bem-estar. Para as irmãs que vivem nesse Mosteiro não ser saudável, poderá gerar um transtorno em viver comunitariamente, pois para elas, a qualidade de vida é estar bem, cumprir as tarefas, ter equilíbrio e maturidade. Uma pessoa que não tem equilíbrio, que não tem saúde física e mental, não poderá conviver em grupo de maneira adequada. Enfim, qualidade de vida e ser saudável correspondem às exigências que uma pessoa tem que adquirir para assumir um sistema de clausura.

→ Cartela quatro - Alternativa escolhida: **Solidão.**

A solidão, por ser o esvaziamento total de si mesmo e ser realmente desapegado, representa a procura espiritual diária das enclausuradas. Estar na solidão é o encontro de si mesmo. É privação do mundo externo, mas que não se traduz como isolamento, é se deixar envolver pela gratuidade de Deus e lançar-se na aventura da descoberta de si mesma.

Pela observação do cotidiano, pelos relatos, e pela dinâmica de grupo, foi fácil perceber que a solidão é uma das palavras mais utilizadas pelas irmãs, e está ligada diretamente ao silenciar-se, mas em nenhum momento a solidão quer significar um fechamento, um ato egoísta; pelo contrário, a solidão significa relacionar com o seu transcendente, o Divino. No Carmelo a solidão é uma forma de interagir com os demais membros da comunidade por meio do recolhimento, das responsabilidades assumidas e do respeito às regras de vida.

→ Cartela cinco - Alternativa escolhida: **Ser convidado a participar.**

Apesar de estarem em um sistema de clausura, ao responder optando por “ser convidado a participar”, demonstra a essência de viver em grupo, pois, na comunidade, todas querem desempenhar um papel e ser útil de alguma forma, mesmo nas pequenas coisas a serem realizadas. Quando se dá o convite, demonstra o diálogo, a preocupação em se relacionar bem, de estar sendo aceita por todas.

→ Cartela seis - Alternativa escolhida: **Dar afeto.**

A primeira regra da clausura é amar a Deus, a comunidade e o mundo pela oração. Dessa forma, as irmãs procuram, dentro dos seus princípios religiosos, uma conduta que reflita não só o afeto, mas o amor entre todas. Esse é o verdadeiro significado da oração que as leva a se transbordar no Amor a Deus, pulverizando a clausura, que mesmo sem o convívio familiar de pai e mãe, há uma representação da casa, o lar, sendo fundamental dar o afeto e carinho maternal tal como uma família verdadeira do mundo externo.

Aqui está uma das características fundamentais da pessoa humana, ainda mais se tratando de um ambiente cujas relações são de características femininas. Se esse é um aspecto positivo nas relações, também pela sua ausência pode gerar certos transtornos, bem como não se sentir aceita, não se sentir importante e não ser amada. Acredita-se que o dar afeto para quem vive em grupo, “principalmente enclausuradas”, seja de tamanha importância à maturidade afetiva, e o saber lidar com as próprias diferenças.

Mesmo quando uma pessoa não é aceita no grupo, é muito importante ter esse princípio básico do afeto, isto é, os pequenos gestos que são realizados no cotidiano e que levam a pessoa a sentir o valor e a significatividade desse mesmo grupo. A sexualidade pode ser definida como o modo de ser, pensar e agir, e se relacionar com o outro. Quando se dá o afeto, todas as dimensões da nossa sexualidade são preenchidas, e é isso que significa castidade pela qual elas são chamadas a viverem.

Para Jesuíno (2004), o princípio fundamental, na investigação sobre grupos, está contido na seriedade e consistência dos estudos e seus resultados baseados em uma boa metodologia. Por isso é que a dinâmica de grupo contribuiu e trouxe para essa reflexão um suporte primordial para análise dos dados, além de ajudar a quebrar um pouco a formalidade (“quebrar o gelo”), favorecendo um diálogo aberto, profundo e ao mesmo tempo crítico.

Durante a partilha, perceberam-se as críticas e os pontos de vistas diferentes em relação às necessidades de cada monja, mas, quando se trata do bem coletivo, todas acabam chegando a um denominador comum. Foi feita toda a gravação, porém, em um estudo posterior, poderá ser aproveitada.

Existe dentro da clausura um forte processo de interação na vivência de grupo onde existe uma peculiar comunicação, pelo qual seu conteúdo é mais sensível e perceptivo às necessidades de cada membro, uma comunicação que visa ao respeito ao silêncio, ao falar somente o essencial e comunicar mais com os gestos. Essas consequências dos processos de interação, como diz Jesuíno (2004), traduzem-se na eficácia da ação coletiva. Portanto, as leis estabelecidas no grupo

são expectativas compartilhadas sobre o seu desempenho, sobre a forma como deverá progredir para os seus objetivos.

Essa dinâmica de grupo contribuiu para a reflexão sobre o papel da psicologia nos processos de socialização e na formação humana dos membros de um grupo, seja ele religioso ou não. Pois a formação da identidade de determinado grupo passa pela construção social do indivíduo e sua realidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu após uma reflexão sobre o mundo atual e os grandes desafios que ele nos apresenta. No decorrer dos estudos e da pesquisa percebe-se que a vida em clausura é por muitas vezes bem diferente daquela visão que a sociedade tem e que o pesquisador teve. Os próprios desafios do mundo levam a pensar que o ambiente da clausura seja um lugar de fuga e medo de enfrentar a realidade individual ou social.

A cultura de hoje produz um culturalismo muitas vezes vazio e superficial, pelo qual o prazer passa a ser imediato, tudo se pode, uma ausência de limites. Como foi apresentado no decorrer desse estudo, a psicologia e a religião buscam compreender os sentidos atribuídos à clausura e à vivência no grupo, mesmo que sejam por caminhos diferentes, oferecendo à pessoa e à sociedade uma possibilidade de reflexão, primeiro aspecto fundamental para o amadurecimento.

Nas últimas décadas acompanham-se, de maneira mais sistemática, os grandes avanços nos estudos da psicologia, cujas pesquisas são expressivas e tratadas com seriedade, principalmente no campo da antropologia e da sociologia, com os quais a psicologia tem dialogado com profundidade. Essas mudanças¹¹ estão ligadas historicamente ao comportamento humano por causa da influência social, política e econômica.

Por meio deste trabalho, nota-se que hoje, a psicologia apresenta um vasto campo para a pesquisa. Muitos estudiosos buscaram na filosofia os primeiros conceitos para sistematizar e fortalecer suas teorias.

Este trabalho procura estabelecer uma relação entre a psicologia e a religião, considerando suas peculiaridades e utilizando os conceitos da psicologia social como instrumento para a pesquisa sobre a prática religiosa das irmãs que vivem em clausura. Considera-se que a religião sempre foi um campo a ser estudado, porque,

¹¹Refere-se diretamente às vastas bibliografias e aos autores que ao longo da história da psicologia como ciência vem abordando novas áreas de pesquisas, buscando, cada vez mais, garantir ao indivíduo a saúde e a qualidade de vida.

historicamente, sempre esteve presente na formação da pessoa humana e nas principais transformações sociais.

Segundo Lotufo Neto, Lotufo Júnior, Martins (2003), embora pareça que a religião seja menos utilizada atualmente como fonte de apoio que no passado, considera-se que as crenças religiosas e sua prática podem gerar paz, autoconfiança e sensação de propósito na vida, ou também o oposto, causando culpa, depressão e dúvidas para o indivíduo. Assim, as ciências têm o papel de aprofundar os conhecimentos nos aspectos das experiências religiosas vividas por vários grupos e a psicologia social torna-se um instrumento indispensável para essa abordagem.

Essa pesquisa procura conhecer e aprofundar a história das Carmelitas e a origem da vivência em clausura. Esta finalidade, segundo o objeto apresentado no projeto de pesquisa, era exatamente compreender os sentidos atribuídos à clausura, a sua representação e os processos da formação da identidade.

Sciadini (1989) ressalta que em cada homem de boa vontade sempre tem um pouco do Carmelo, isto é, o desejo de fazer silêncio ao seu redor para ouvir a voz de Deus, que lhe declara o seu amor. Considera-se que a representação do Carmelo seja vista, sob o ponto de vista simbólico, como recolhimento e lugar do encontro consigo mesmo; pode-se afirmar que todo indivíduo tem um pouco do Carmelo.

Na primeira parte da fundamentação teórica a afirmação de Valle (1998), coloca a experiência religiosa como um elemento presente no ser humano; mesmo que não tenha a prática da religião, pode-se elaborar uma realidade presente, no tocante ser e pensar.

A justificativa deste trabalho, mais que pessoal, centra-se em abordar o tema das representações sociais e a identidade no campo religioso, buscando esclarecer algumas questões pertinentes ao aspecto religioso. Os resultados foram apresentados quando feita a análise da pesquisa. Conclui-se assim, que a psicologia social, por meio da representação social e da construção da identidade, apresenta

aspectos fundamentais que têm como preocupação esclarecer uma visão, muitas vezes estigmatizada das pessoas, com relação à vida em clausura.

Nunca se falou tanto em qualidade de vida e prevenção social. Daí, afirmar o quanto a psicologia como ciência pode e deve contribuir com a sociedade. O reconhecimento começa a ser nítido, uma vez que o psicólogo está inserido em várias frentes de trabalho.

Este estudo permite refletir sobre a importância de pesquisar os vários contextos sociais e seus fenômenos em uma interface com psicologia. Para Jodelet (1988), o ser humano é considerado como manifestação de uma totalidade histórico-social, pela qual a linguagem torna-se fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social do indivíduo.

A entrevista, a observação, os relatos do cotidiano e a dinâmica de grupo contribuíram para investigar aquilo que as irmãs Carmelitas não tinham como dimensão. Esta metodologia não visou desqualificar os elementos que elas já sabiam e que contribuíram para os resultados.

Procurou-se apresentar as coletas de dados e os resultados por meio da abordagem qualitativa. Os quadros proporcionaram uma visão mais sistemática dos resultados: foi possível observar uma forte interação da vida passada com a atual realidade, notando a relação entre a identidade natural e individual, com a vida comunitária, pela qual as irmãs buscam garantir a nova identidade.

Tanto a entrevista como a observação e os relatos do cotidiano obtiveram os resultados desejados, inclusive conhecer e avaliar como funciona a clausura, como se dão os processos de formação e a relação com as pessoas externas.

A discussão dos resultados demonstra uma grande busca da realização pessoal que leva cada uma das irmãs à transformação individual e social. Os métodos utilizados para análise superaram as expectativas iniciais da pesquisa, uma vez que identificaram não apenas a forma com que elas narraram suas vidas. A

seriedade e a ética da pesquisa foram mantidas com objetivos e técnicas estabelecidos antes do trabalho de campo.

A dinâmica de grupo favoreceu o diálogo e a descontração, como se esperava. Os argumentos para defender as escolhas feitas pelas irmãs sobre as necessidades na clausura foram bem exploradas e argumentadas. Cada irmã quis expressar seu ponto de vista, não tendo medo de expor suas ideias, apesar do respeito entre elas, notaram-se fortes críticas em relação à vida em grupo. Isto deve ser considerado como um aspecto de maturidade, bem contrário daquilo que se tinha estereotipado, acreditando em uma forte alienação e submissão dentro da clausura.

É consenso que viver em uma comunidade e ser responsável pelas ações do grupo acaba despertando uma consciência por meio da integração que favorece o amadurecimento emocional, para melhor se assumir nas questões das relações interpessoais do fazer. Nesse aspecto, pode-se afirmar que a construção da identidade será sadia no processo da formação do indivíduo.

O pensamento de Zimermam (1993) vem ao encontro com os resultados da pesquisa sobre o que representa a clausura, uma família, a proteção e a acolhida; pois a "conceituação de 'grupo familiar' vai muito além de um simples somatório de pessoas, com características próprias de cada um separadamente. A família se constitui em um campo dinâmico." (ZIMERMAM, 1993, p. 24).

Neste trabalho observa-se que há várias formas de se interpretar uma pesquisa científica, principalmente em relação ao ser humano. Para a abordagem se tornar relevante e obter resultados significativos, deve considerar que o pesquisado, objeto de estudo, esteja inserido em uma dimensão muito mais ampla e complexa. Para o bom desempenho da pesquisa, o campo teórico sobre psicologia e religião, o contexto histórico do Carmelo e os métodos avaliativos para abordagem no campo das teorias em representações sociais e identidade foram essenciais.

Sá (1998), ao traduzir o texto de Jodelet, mostra a necessidade que o pesquisador deve ter em fazer boas perguntas aos sujeitos, pois Jodelet sugere que

se comece com perguntas de caráter mais concreto, relacionadas às experiências cotidianas dos sujeitos, para gradativamente passar a perguntas que envolvam reflexões mais abstratas e julgamentos. Foi o que se pretendeu fazer nessa abordagem em relação à psicologia e a religião, considerando a história de vida e os aspectos do cotidiano das irmãs Carmelitas.

Não se deve desconsiderar nesse trabalho o envolvimento do pesquisador em relação a sua abordagem, pois sabe-se que, na elaboração de um projeto de pesquisa, a justificativa e os problemas são apresentados como frutos da indagação do próprio autor. Como já foi relatado em vários pontos deste trabalho, está claro que, apesar do envolvimento do pesquisador, o estudo garantiu sua veracidade, seguindo o método científico condutor para a investigação.

Foram satisfatórios os resultados da entrevista e da dinâmica de grupo, uma vez que se revelou que a identidade é um processo de transformação e desenvolvimento, e que a representação da clausura, bem diferente do que se imaginava, é garantir um ambiente familiar saudável, pelo qual o grupo oferece a possibilidade de viver os valores essenciais para a formação da pessoa humana.

Por meio deste estudo, acredita-se que o sistema de clausura proporciona o amadurecimento e a reflexão da pessoa humana em todas as suas dimensões psíquicas e sociais. Para Sciadini (1989) ninguém vive sem amor e sem ser amado. Cada um busca o seu “tu” que o completa e o realiza plenamente.

Nos resultados apresentados na dinâmica de grupo destaca-se a solidão e o dar afeto: parece que dentro da clausura não existe isolamento do mundo e das pessoas que se ama (família, amigos), pois algumas pessoas julgaram desta forma. Os termos solidão e dar afeto adquirem um sentido muito mais profundo e real quando se considera que o homem é apenas um ser na amplitude do universo, que busca se conhecer para depois se socializar de maneira saudável. Essa busca de se conhecer acarreta alguns momentos de solidão e no encontro do “tu” surge uma doação de si mesmo.

Portanto, como afirma Sciadini (1989), no Carmelo não há solidão que esmaga, há o fervilhar da vida, a alegria de estar junto, a relação afetiva com o grupo e com Deus – características essenciais na construção da identidade de uma irmã carmelita.

Nos resultados e discussão da pesquisa, a construção da identidade se dá durante as etapas formativas das irmãs do Carmelo de Petrópolis; seu conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmas, aderindo a esse estilo de vida monástica, é notável como um processo de metamorfose. É importante que o conhecimento do dia a dia procure estabelecer o que é a realidade na sua verdadeira essência, da qual o indivíduo procura vivenciar todas as suas dimensões no campo social. O ambiente da clausura, onde cada irmã realiza suas ações e se desenvolve, deve ser considerado como um valor essencial, pois é nesse contexto que acontece a socialização e se obtém uma compreensão mais clara das atividades que são realizadas.

Este trabalho pode contribuir para tirar o estigma que muitas pessoas trazem sobre a clausura e desmistificar as representações negativas do campo religioso com uma pesquisa científica. A clausura representa a família, a casa onde se sentem seguras, o deserto que corresponde à vida de recolhimento e de silêncio. O processo formativo é a construção da identidade do eu que se dá por meio da metamorfose, isto é, a mudança e o desenvolvimento para assumir a nova identidade.

Esta pesquisa pode continuar contribuindo para as várias comunidades religiosas dentro da igreja católica sobre a psicologia e a religião referente às representações sócias e a construção da identidade.

Por muitos anos, a psicologia foi vista de uma forma peculiar, um tanto tímida. Porém com os estudos de Berger e Luckmann (1983), Goffman (1998) e tantos outros autores citados, possibilitaram, de maneira especial no Brasil, abrir várias frentes de pesquisa e abordagens empíricas relacionadas diretamente com a psicologia.

Esta pesquisa não se esgota com as conclusões aqui apresentadas, pois não se tem uma verdade formada, nem seria possível, pois está em processo de transformação permanente. Tem-se certeza de que a verdade está sempre por ser feita: cabe à ciência buscar meios apropriados que favoreçam a pesquisa e a discussão.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, L. Identidade social e relações intergrupais. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). **Psicologia social**. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Cap. XII, p. 387-410.
- ARDANS, O. Metamorfose: conceito central na psicologia social de Elias Canetti. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 36-44, julho/dezembro, 1996.
- AUCLAIR, M. **Tereza de Ávila**. São Paulo: Quadrante, 1995.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CIAMPA, A. da C. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 58-75.
- CODO, W. O fazer e a consciência. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 48-57.
- DESCHAMPS, J. C.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DORSCH, F.; HÄCKER, H.; STAPF, K. H. **Dicionário de psicologia Dorsch**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1978.
- FOWLER, J. W. **Stages of faith**. New York: Harper Collins, 1981.
- GARCIA, M. V. **Liberdade em clausura: trajetórias pessoais e religiosas de monjas Carmelitas Descalças**. São Paulo: PUC, 2006.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: Zahar, 1998.
- _____. **Manicômios, prisões e conventos**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- GRUBITS, S. G. **Bororo: identidade em construção**. Campo Grande: UCDB/CECITEC-MS, 1994.
- _____. Identidade, identificação: construção do social e da cidadania. **Psic - Revista de Psicologia**. São Paulo: Vetor, ano 1, nº 3, 2000.
- GRUBITS, S.; DARRAULT-HARRIS, I. Método qualitativo: um importante caminho no aprofundamento das investigações. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.).

Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. Cap. V, p. 103-132.

GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método qualitativo:** epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

GRÜN, A. **No ritmo dos monges:** convivência com o tempo, um bem valioso. São Paulo: Paulinas, 2007.

GUIMARÃES, L. A. M.; MARTINS, D. de A.; GUIMARÃES, P. M. Os métodos qualitativo e quantitativo: similaridades e complementariedade. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método qualitativo:** epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. Cap. III, p. 79-92.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

JESUÍNO, J. C. Estruturas e processos de grupo. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). **Psicologia social.** 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Cap. X, p. 293-386.

JODELET, D. **Representação social:** fenômenos, conceito e teoria. Tradução de Marcelo Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

_____. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). **Les représentations sociales.** Paris: PUF, 1989.

JUNG, C. G. **Psicologia da religião ocidental e oriental.** Petrópolis: Vozes, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: The University of Chicago, 1980.

LANE, S. T. M. Estudos sobre a consciência. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 95-105, julho/dezembro, 1996.

_____. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social:** o homem em movimento. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988a. p. 32-39.

_____. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia social:** o homem em movimento. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988b. p. 78-98.

LOPES, J. R. Registros teórico-históricos do conceito de identidade.. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 125-137, julho/dezembro, 1996.

LOTUFO NETO, F.; LOTUFO JÚNIOR, Z.; MARTINS, J. C. **Influências da religião sobre a saúde mental.** Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2003. v. 119.

MENEGON, V. S. M. **Entre a linguagem dos direitos e a linguagem dos riscos:** os consentimentos informados na reprodução humana assistida. São Paulo: Editora PUCSP-EDUC/FAPESP, 2006.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais**: como desenvolver sua melhor "técnica" em atividades grupais. São Paulo: Qualitymark, 2011.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUSZKAT, M. **Consciência e identidade**. São Paulo: Ática, 1986.

NOUWEN, H. J. M. **A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo**: o caminho do coração. São Paulo: Loyola, 2000.

PAULIN, L. F. da S. Método qualitativo no campo social-histórico: definições e aplicação a propósito do estudo de uma instituição de saúde. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método qualitativo**: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. Cap. VI, p. 133-171.

PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SCIADINI, P. **A liberdade atrás das grades**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. (frei). **História dos Carmelos do Brasil**. São Paulo: LTr, 2008.

_____. (frei). **O Carmelo**: história e espiritualidade. São Paulo: Edições Carmelitanas, 1997.

SPILKA, B. Religion in the introductory psychology textbook. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 28, n. 3, p. 366-371, 1989.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 300-308, jul./set. 1993.

SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. M. Práticas discursivas como estratégias de governamentalidade: a linguagem dos riscos em documentos de domínio público. In: IÑIGUEZ, L. (Ed.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 258-311.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. P. (Org) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

STEINER, I. D. **Group process and prodctive**. New York: Academic Press, 1972.

TURATO, E. R. A questão da complementariedade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Org.). **Método qualitativo:** epistemologia, complementariedades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. Cap. I, p. 17-51.

VALA, J. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). **Psicologia social**. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Cap. XII, p. 457-502.

VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). **Psicologia social**. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Cap. 12, p. 457-502.

VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998

ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezadas irmãs do Carmelo São José:

Estou realizando a minha pesquisa de mestrado cujo tema é: “Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura”, e gostaria de contar com a sua colaboração. Se você concordar em participar, irá responder a uma entrevista, sobre a vida antes da clausura e dentro da clausura, o que te levou a assumir esse estilo de vida e como se dá a construção da identidade de uma monja carmelita e posteriormente será realizada uma dinâmica de grupo com o objetivo de favorecer a reflexão proposta e de analisar o comportamento diante do grupo. A entrevista e a dinâmica de grupo será gravada e fotografada.

Esteja segura da completa confidencialidade dos dados. Na realidade, eu não vou perguntar o nome, para manter seu anonimato. A participação é voluntária e a sua recusa não envolve qualquer penalidade, despesas e/ou ressarcimento financeiro. Você poderá desistir de participar a qualquer momento e deixar de responder a quaisquer perguntas. Os resultados da pesquisa serão divulgados de forma agrupada em revistas científicas e congressos, não havendo a possibilidade de identificar quem participou da mesma. A pesquisa não terá riscos para quem participar.

A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Abaixo coloquei o meu nome e o meu telefone e os dados da minha orientadora, para que, havendo alguma dúvida, sinta-se à vontade para me procurar e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da UCDB: (067) 3312-3614.

Agradeço a sua colaboração.

Mestrando: Ademir Lima de Oliveira / RG 337749048 SSP-SP / CPF 890.499.771-20
Endereço: AV. Mato Grosso, 227, Campo Grande, MS; Telefone: (67) 33123200 / (067) 96746486.

Orientadora: Doutora Sônia Grubits. Universidade Católica Dom Bosco. Endereço:
AV. Tamandaré, 6000, Campo Grande, MS, Telefone: 67 3312 3800

Eu li as informações acima e concordo em participar da pesquisa.

Campo Grande-MS ____/____/____

1) _____

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

2) _____

Nome e assinatura do (a) pesquisador (a)

3) _____

Nome e assinatura do(a) orientador(a)

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.**Roteiro de Entrevista**

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: _____ Horário: _____

Idade:

Escolaridade:

- 1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo (vida religiosa)?
(Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

- 2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

APÊNDICE C - Dinâmica de grupo.**DINÂMICA DE GRUPO****Você sente necessidade de:*****CARTELA UM***

- () Solidão?
- () Relaxar?
- () Realizar trabalhos sozinho?

Você sente necessidade de:***CARTELA DOIS***

- () Companhia?
- () Agitação?
- () Guardar suas emoções para si?

Você sente necessidade de:***CARTELA TRÊS***

- () Ser elogiado? Por que?
- () Fazer parte de uma equipe?
- () Ser saudável?

Você sente necessidade de:***CARTELA QUATRO***

- () Solidão?
- () Guardar suas emoções para si?
- () Se respeitado?

Você sente necessidade de:***CARTELA CINCO***

- () Agitação?
- () Ser convidado a participar?
- () Ser inteligente?

Você sente necessidade de:***CARTELA SEIS***

- () Assumir riscos?
- () Ser um líder?
- () Dar afeto?

Você sente necessidade de:***CARTELA SETE***

- () Receber afeto?
- () Ser saudável?
- () Ser honesto?

Você sente necessidade de:***CARTELA OITO***

- () Obter apoio?
- () Causar boa impressão?
- () Contarem sempre com você?

Você sente necessidade de:***CARTELA NOVE***

- () Ser um líder?
- () Sentir-se em forma?
- () Estar em família?

Você sente necessidade de:***CARTELA DEZ***

- () Ser convidado a participar?
- () Chorar?
- () Esbravejar com alguém?

APÊNDICE D - Imagens do Carmelo.

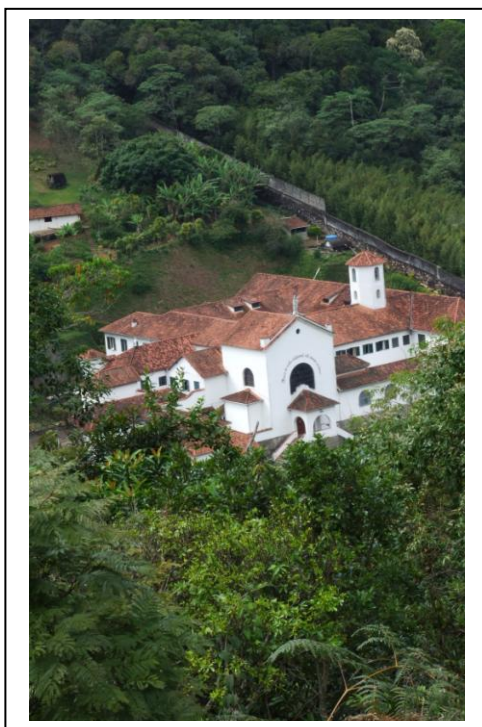


Figura 1- Visão do Carmelo.
Fonte: Arquivo do Mosteiro, 2010.

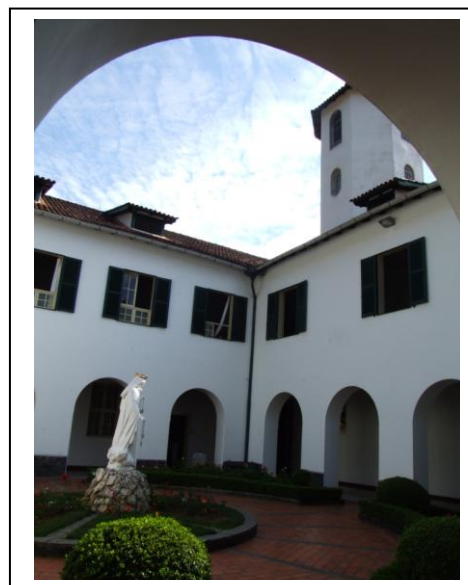


Figura 2- Jardim da clausura.
Fonte: Arquivo do Mosteiro, 2010.



Figura 3- Entrada principal da clausura.
Fonte: Ademir Lima, 2010.



Figura 4- Enfermaria dentro da clausura.
Fonte: Arquivo do mosteiro, 2010.

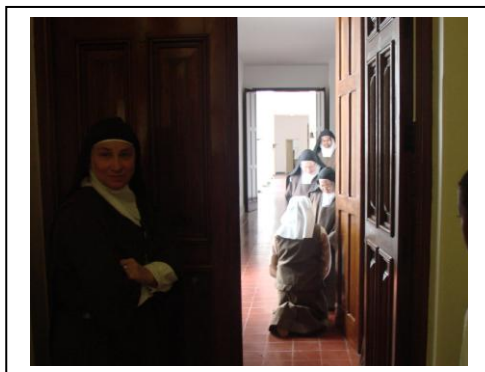


Figura 5- Entrada da nova candidata à vida de clausura.
Fonte: Ademir Lima, 2011.



Figura 6- Candidata com sua formadora.
Fonte: Arquivo do Mosteiro, 2011.



Figura 7- Momento da dinâmica de grupo.
Fonte: Ademir Lima, 2011.

APÊNDICE E - Questionário para identificação.**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO****Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: “Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura”.

DATA DE NASCIMENTO: _____

LOCAL DE NASCIMENTO: _____

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? _____

TEMPO DE CLAUSURA: _____

APÊNDICE F - Anotações em diário durante a pesquisa

CRITÉRIOS CLAUSURA

- Qual a impressão que os jovens têm com relação às grades?
Chamam a atenção, questionam, despertam o desejo, faz desejar uma vida mais escondida. Não tem o sentido de separar, mas de unir.
- O Hábito – sinal de consagração (significado no livro pag 32)
Ele chama sim a atenção de algumas jovens antes de entrar.
- A veste da Postulante é diferente: saia e colete marrom/camisa e véu branco com feitiço simples.
- O Hábito e o escapulário é uma única veste.
(Explicação sobre a entrega do Escapulário pela N.Sra. no livro.
- A Constituição prevê para 21 o número de Monjas contando POSTULANTES, NOVICAS e PROFESSAS.
Se tiver um número elevado, faz-se fundação.
Se tiver doentes pode-se ter mais irmãs com licença da Santa Sé.
- Locutório – temos 2.
Um no andar de cima e um embaixo.
As grades da Capela não são locutórios.
É o local de contato com a vida exterior.
- A Madre é a responsável por manter a clausura com relação às idas das irmãs ao locutório.
- As visitas particulares de cada Irmã, por exemplo: a família é uma vez por mês, assim como o telefonema para a mesma.
- As visitas para a Comunidade é facultativa, nem todas participam, a não quando é o Bispo que é o nosso Superior, então é obrigatório para toda a Comunidade.
- Os retiros anuais também são obrigatórios para todas e são realizados na Capelinha da Reposição.
- As orações feitas antes de ir ao locutório e após as visitas é pessoal.

- O locutório é muito procurado pelas pessoas com problemas e dificuldades, para orientação e desabafos.
- O horário para o locutório está determinado pela comunidade.
- Para qualquer tipo de contato externo é preciso pedir licença da madre.
- É permitida a saída para: visitas à família – quando necessário; médicos e dentistas.
- Uma vez que entra para o Carmelo, não se sai para cursos/faculdade, a não ser que seja promovido pela própria Ordem.
- A Portaria é atendida pelas Irmãs Externas (não tem clausura) ou senão por funcionárias leigas, ou ainda por uma Monja com a licença do Bispo.
- Os Ofícios mudam a cada triênio.
- O Carmelo vive de doações de benfeitores, de patrimônio e de aposentadoria das irmãs. E também de trabalhos manuais feitos pelas irmãs (escapulários, terços, pergaminhos, joguinhos de altar, Agnus Dei, coroinhas de Santa Teresinha e Nossa Senhora da Saudade, Paramentos, etc.)
- Todas as irmãs ao fazer a Profissão Solene, assina uma declaração passando para todos os bens que ela adquirir daqui pra frente.

APÊNDICE G - Lista de participantes da entrevista.**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO****Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 25/07/38

LOCAL DE NASCIMENTO: Rioomba - MG

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? 9º grau

TEMPO DE CLAUSURA: 49 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 23.02.1940

LOCAL DE NASCIMENTO: Além Paraíba - MG

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? Normalista

TEMPO DE CLAUSURA: 31 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 27.11.77

LOCAL DE NASCIMENTO: Paraiíba do Sul - RJ

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? 1º ano do 3º grau

TEMPO DE CLAUSURA: 10 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 16/05/1964

LOCAL DE NASCIMENTO: Guaratinguetá - SP

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? 2º grau

TEMPO DE CLAUSURA: 10 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 13/9/1973

LOCAL DE NASCIMENTO: Petrópolis - RJ

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? 2º grau (magistério)

TEMPO DE CLAUSURA: 10 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**Questionário para identificação.**

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 03/05/63

LOCAL DE NASCIMENTO: Borda da Mata - MG

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? Fundamental

TEMPO DE CLAUSURA: 24 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Questionário para identificação.

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 04-04-1931

LOCAL DE NASCIMENTO: Piranga - MG

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? 5 anos incompletos

TEMPO DE CLAUSURA: 17 anos

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Questionário para identificação.

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 27.02.50

LOCAL DE NASCIMENTO: Pedralva MG

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? secretariado

TEMPO DE CLAUSURA: 24

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Questionário para identificação.

Entregue a todas as pessoas que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participarem da pesquisa: "Estudo sobre a construção da identidade de um grupo religioso que vive em sistema de clausura".

DATA DE NASCIMENTO: 10-12-1940

LOCAL DE NASCIMENTO: Madrid - España

ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU? Faculdades (2)

TEMPO DE CLAUSURA: 34 anos

APÊNDICE H - Entrevistas escaneadas.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23/09/2010 Horário: 14:30 horasIdade: 32 anos.Escolaridade: 1º ano do 3º ano.

- 1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Eu tinha uma vida normal, porém, discernindo sempre o que era permitido e as coisas que não deveria fazer para uma cristã e dona de família. Frequentava festas, gostava muito de dançar, tinha namorados. Muitas amigas que tinham como irmãs e irmãos. Tinha e tenho uma família bem constituída, não trabalhava, apenas, estudava.

Depois Jesus foi mudando a minha vida, deixei de ir às festas, de dançar, o namoro. E comecei com uma participação muito intensa na paróquia: com grupos de orações e adoração, aulas de catequese e missões.

- 2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

É necessário clausura, silêncio, oração, solidão e renúncia. O processo formativo é pessoal, buscando ajuda na sagrada escritura, regras, constituições e os santos do Carmelo, principalmente, São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus. E de vez em quando a orientação do meu diretor espiritual.

3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

o primeiro aspecto foi Jesus, pois, aqui na clausura eu teria mais união com ele intimamente. Depois o silêncio, a solidão e a oração pessoal me fascinaram.

4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Muitas pessoas não entendem, as jovens acham um desperdício. Outras acham uma perda de tempo, que no mundo eu posso ganhar mais, falando com as pessoas. Outras perguntam o que uma jovem, bonita está fazendo na clausura? Outras acham loucura. A maioria acha que eu escolhi a melhor parte.

5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Para mim a clausura representa: amor por Deus e as irmãs, oração, liberdade, me sinto muito livre, identificada, me sinto realizada. pois gosto muito do repetitivo.
O contato com pessoas externas é muito pouco, porém, acompanhamos o mundo não somos totalmente isoladas sem saber das coisas.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23/9/2010 Horário: 14:30h

Idade: 37 anos

Escolaridade: 2º grau (magistério)

1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Morei em uma família católica praticante. Somos 5 irmãos sendo eu a penúltima. Cresci no ambiente de uma convivência familiar simples, na fé, no amor e no bom relacionamento entre nós. Meu pai faleceu quando tinha 10 anos, meus irmãos mais velhos trabalharam para ajudar em casa, minha mãe também, mas sempre sendo um apoio e presença em nossas vidas.

Sempre fui desde os 12 anos muito engajada na paróquia participando de encontros, pastorais, movimentos.

Gostava muito de estudar e cada fase escolar com seus desafios e experiências foram me formando tanto intelectual, como humanamente. Quando fui fazer o 2º grau, quem pagou os meus estudos foram meus irmãos, e em casa minha foi algo que me tocou no íntimo, foi me preparando para atitudes de gratidão.

Depois comecei a trabalhar, não deixando, mas em uma fábrica multinacional de produtos dentários. Antes ainda mesmo estudando cuidava de alguma criança, fazia farinha e ajudava em casa.

Os amigos sempre foram um grande dom de Deus em minha vida, tanto os da escola, da igreja, do trabalho. Com eles conversava, passeava, íamos às festas, cinemas, excursões. Muitos me ajudaram no meu processo de discernimento vocacional dando-me apoio e força.

Os: Ao recordar esses fatos de minha história, vejo os sinais do amor de Deus a conduzir a minha vida e "amor com amor se paga".

2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Falei do meu processo pessoal.

Primeiro foi necessário um contato, saindo da minha fala para o ouvir, esclarecer as dúvidas e ir de encontro ao desejo do coração.

Uma vez dentro do Carmelo começa o processo de se deixar formar pela regra, regas e constituições, pela comunidade.

Mas o principal é a própria formação, ou seja, foi preciso a minha busca, interesse em aprender. Tudo que me estava sendo ensinado, tudo o que estava vivendo me identificando com o estilo de vida, com os costumes, com a maneira de ser de uma carmelita.

Muito importante também, como muito enfatiza Sta. Madre Teresa em seus escritos, é o envolvimento próprio, que começa desde a fase de postulante, novícia, professa, até o fim da vida. Pois esse é um processo formativo permanente, principalmente numa vida de clausura, em que o estar conosco mesmos e com as outras irmãs é contínuo.

Também a leitura e estudo de nossa Ordem e de nossos santos.

Acima de tudo uma busca de uma profunda intimidade com o Senhor, o que o Carmelo muito favorece com a vida de silêncio e solidez.

3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

Um espírito de renúncia pois é um contato com uma realidade que no início custa, mas a partir do momento que vamos assumindo vamos também nos desligando de muitas coisas que pareciam necessárias, o saber conviver com um limite de espaço, com uma disciplina de horário, comportamento e costume. Viver na clausura é um dom de Deus, uma vocação e preciso deixar-se identificar com todas as exigências que ela implica, para que depois não se busque outras compensações. Fazendo o mundo então, na clausura, por isso a necessidade de se sentir livre.

4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Muitas questionam o porque das grades; faram que entrei por uma decepção frustração no mundo; outras não veem o sentido acham que é um desperdício de tempo; poderiam fazer boas coisas; outras compreendem, valorizam, incentivam, contam com nossas orações, reconhecem a nós em suas necessidades.

5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Para mim, deus na clausura é pela graça de Deus, o dom de minha vocação, o sentido de minha vida.

Aqui eu me realizo como o peixe no mar.

É o lugar que o Senhor preparou para mim; "chamar-me ao deserto para falar-me ao coração".

Não me dá continua deus de encontrar-me com Deus, ouvir a Sua voz, atender a Sua vontade.

Mas na clausura encontro também comigo mesma, como minhas limitações, faquezas, misérias, com minhas capacidades, talentos. Sou eu, considerando uma grande graça, pois me faz amadurecer humana e espiritualmente.

O contato com as pessoas externas é através do locutório, cartas, telefonemas. É um contato que se torna profundo pois Deus se torna presente unindo mais as intenções.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23/09/2010

Horário: 14:30

Idade: 46 anos

Escolaridade: 2º grau

1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Era uma vida feliz e tranquila. Sou a segunda numa família de seis filhos, todos católicos, uns menos, outros mais praticantes. Desde criança se manifestou minha vocação, sentindo desejos pelas coisas do céu. A partir dos 14 ou 15 anos fiz vários vocacionais com as Salesianas de minha cidade porém na época não fui aceita pela superiora que alegou a minha pouca idade e inexperiência da vida, assim ela me disse: Sem perceber que o caminho de Deus para mim era outro, fiquei muito triste e me afastei, não busquei mais a vocação. Continuei meus estudos, terminei o 2º grau, comecei a trabalhar e fiz muitos amigos. Fiz uma experiência de namoro por 4 anos que foi muito bom e importante para perceber claramente que o matrimônio não era minha vocação. Embora não buscando a vocação religiosa, no fundo eu sentia os apelos de Jesus me chamando, mas eu resistia e não queria ouvir. Participava ativamente no grupo de jovens e pastorais em minha Paróquia, trabalhava e me dedicava nos cuidados à minha irmãzinha especial que embora tenha 1 ano a menos que eu, até hoje é como uma criança devido ao retardamento mental. O tempo passou, aos 25 ou 26 anos tentei novamente a vocação religiosa com as Concepcionistas de minha cidade, uma vez que os desejos aumentaram em meu coração, porém minha família se opôs às grades e eu não tive coragem de dar o passo. Prometi a Jesus que seria logo pensar grade somente à Ele, trabalhando em minha Paróquia e dedicando-me à família. Fiz um curso de Secretariado e trabalhei num bom emprego como secretária numa escola, e assim pensei que viveria o resto de minha vida até que aos 35 anos Nosso Senhor resolveu me lançar o desafio do Carmelo, que com a força e a graça de Deus aceitei.

2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Amei ver e necessário uma boa formação humana, conhecer-se, conhecer a realidade do Carmelo, o que Deus pede. É necessário aprofundar a fé no chamado de Deus. Também exercitar-se na humildade, no desapego de de si mesmo, das próprias idéias para acolher o novo aprendizado. Exatizar-se porém não perder o que somos mas aprender a transformar, integrar, dar um novo sentido. Importante é a disposição interior, deixar-se formar e modelar por Deus através das formadoras.

Penso que os exemplos da vida comunitária também ajudam muito no processo de maturidade onde podemos questionar o que aprendemos e o que vemos na realidade e escolher livremente com discernimento e responsabilidade.

3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

O desejo de viver uma vida inteiramente consagrada à Deus, num ambiente propício ao recolhimento, à oração, à busca da união com Deus.
 Também o silêncio e a solidão, onde se permite desde a manhã até a noite só se ocupar na atenção amorosa à presença de Deus.
 Também vejo como no aspecto de corresponder ao chamado de Deus, porque é ele mesmo quem coloca este desejo em nós.
 Me lembro que quando menina eu via algum filme, em que aparecia conventos, freiras com hábitos, snos, eu dizia no meu íntimo que era um lugar assim que eu queria viver.

4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Começando pela minha família, no início quando ainda não compreendiam eram contra e diziam ser uma prisão desnecessária pois para rezar qualquer lugar serve visto que Deus está em toda parte.
 Depois alguns amigos e parentes diziam ser fuga do mundo, exagero, fanatismo, enterrar-se viva, desperdício porque poderia ajudar melhor no trabalho ativo da Igreja. Muitos diziam assim porque não conheciam o valor da oração. Muitos perguntavam qual o motivo apostolado e como poderiam ficar presas num convento o dia todo sem fazer nada de útil à Igreja. Outro dia vi a entrada de uma de nossas irmãs e ao ver a comunidade no locutório disse que pensava que as freiras eram para ali, todas velhas, feias, frustradas e tristes por isso vinham para a clausura.

5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externas?

Para mim a clausura é o lugar da busca e do encontro com Deus. O deserto onde combatemos com as feras que existem dentro de nós e ao redor que nos permite purificar a oração, os afetos e o interior para a união com Deus.
 É o ambiente propício para uma forma de vida que cria um clima de privacidade que permite verdadeiramente experimentar, viver e realizar a vida contemplativa plenamente.
 A clausura nos ajuda no recolhimento interior pelo silêncio e solidão.
 Para mim é o lugar da graça, da intercessão, da escuta de Deus.

Não temos muito contato com pessoas externas

Somente dentistas e médico, quando necessário

Visitas da família no locutório não são frequentes porque moram longe.

numero 1

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23/09/2010 Horário: 14:30 horas

Idade: 47 anos

Escolaridade: Fundamental

- 1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Posso subdividir esta etapa em três partes:

a → minha vida ia caminhando dentro da normalidade de uma adolescente: estudar, passear, dormir e namorar!!! E, também ^{via} modalaria.

b → Contudo fui encontrada por Jesus como um dia São Agostinho. E então tudo tomou um direção nova! Aquilo que era um "valor" se tornou um desvalor...

c - Em seguida, veio o chamado de Deus. e então, "Saulo se tornou Paulo". Subentendendo: ninguém acreditava em minha vocação... "olá um o perseguidor que se tornou uma sta!!!"

- 2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Fundamentalmente: Submissão, obediência e docilidade a Deus do Espírito Santo em nós. E Ele é nosso grande pedagogo. E Ele o autor da nossa santificação!! As coisas são apenas instrumentos.

- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

como eu já disse: "fui alcançada por ele." De princípio eu não queria a vida claustral por causa da reclusão, sacrifícios, e penitência. Contudo sta Teresinha me disse que o amor vence tudo, e então a decisão foi tomada confiando na paternidade e ajuda; tenho 27 anos de vida monástica!!!

- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Há pessoas que tem uma percepção intuitiva, pois são pessoas que compreendem e validam. Outros menos, pois carecem de instruções e de fé. Outros ainda nada compreendem... nem imaginam como pode ser uma vida assim... e ainda: como podem viver desta maneira

- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Para mim representa o meu "habitat" o meu mundo o qual devo habitar; pois ele aqui me planta. E, deve ser, uma vida-lisa, clara, onde há um profundo relacionamento com Deus; com minhas irmãs e ade- for todos os homens e mulheres com filhos!!!...

Tenho, portanto contacto com as pessoas de fora; procuro estar de acordo, ou o melhor não sair ou exceder ao costume de uma verdadeira monja camulita.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23.09.2010 Horário: às 14.30: hs.Idade: 60 anosEscolaridade: 2º grau

1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Tinha uma vida normal, muito feliz! Convivi com minha família até aos 22 anos. Trabalhava com minha mãe, ajudava em todos os trabalhos da casa. Nós eramos 14 irmãos. Eu, tinha uma vida de muita piedade junto com a família. Participava dos encontros de orações novenas e aos domingos não faltava a Santa Missa. Estudava tinha ótimas amizades - participava de festas - viajava com meus irmãos - gostava muito da natureza - escalei - mantinhas com minhas Primas. Sempre desejei ser Carmelita tendo um livro de Santa Teresinha, florista de uma alma. Fui religiosa da vida aliá durante 7 anos agora faz 23 anos que Carmelita.

2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Devemos ter uma formação permanente: Ter um profundo conhecimento do espírito do Senhor, isto é, na forma específica da nossa ordem. - O processo de formação não se reduz à sua fase inicial, visto que a pessoa consagrada nunca termina sua formação. A formação deve consolidar-se com a formação permanente, assim, dando espaço para se deixar formar durante sua existência. - A F. é um processo vital, - através do qual a pessoa se converte ao Senhor e ao mesmo tempo percebendo os sinais de Deus nas realidades da humanidade. A F. tem várias dimensões. -- vários aspectos da vida humana. - Sociológico - Teológico - Antropológico e espiritual, etc.) Conhecer o valor do nosso latismo. Devemos sempre voltar ao essencial é o movimento constante de retornar o caminho do Evangelho que nos conduza a uma conversão contínua. E acentuar os valores essenciais do nosso latismo aqui e agora.

- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

Para mim foi o silêncio a oração. - Para mim a clausura não é apenas um meio asético de um enorme valor, porém, um modo de viver unida ao Senhor da vida.

A clausura é uma cela do coração, onde eu fui chamada para viver em união com o Senhor.

A colida como dom e escolhida livremente é o lugar onde há espaço para a interiorização dos valores evangélicos.

A clausura para mim, é um espaço onde devo florescer, e ser feliz, ou seja plenamente realizada na vocação -- contemplativa.

- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

Percebemos uma aceitação amiga uma alegria, inesplicável.

As pessoas dizem que nós levamos uma vida muito santa...

A clausura para mim representa um lugar onde eu possa interiorizar minha vida consagrada.

As pessoas admiram muito quando elas sabem a vida que levamos, sentem inveja da paz uma paz especial, no seu coração - enfim, elas manifestam uma enorme alegria com a nossa presença no cotidiano.

- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Tem muito contato com várias amigas: médicos sacerdotes - seminaristas - pessoas leigas e com meus familiares.

Também alguns encontros no centro de espiritualidade da Nossa Ordem.
por Teliane Pontes...

Para mim a clausura representa:

Obediência - submissão das Superiores.

A clausura é sinal da união exclusiva do Igreja-Esposa com o Senhor, sumamente amado.

Na luz da vocação e missão eclesial, a clausura corresponde a exigência, sentida como prioritária, de estar com o Senhor.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23/09/2010

Horário: 14:30h.

Idade: 40 anos

Escolaridade: Professora - iniciou vários cursos: Aliança Francesa, FBTU, Educação para o Lar.

1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Vida simples, comum normal desenvolvi-me dentro de uma família bem constituída e religiosa. Fui durante 18 anos religiosa de vida ativa e minha vida realizada trabalhando para crianças. Em 1979 ingressei no Carmelo após um discernimento acompanhado por um sacerdote jesuíta. Iniciou uma nova etapa na minha vida para a entrega definitiva ao Senhor na vida claustral.

2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Para mim não só é necessário mas fundamental a "entrega" total e radical ao Senhor e renovando-a no dia a dia.

O processo formativo vai abrindo horizontes largos e profundos atingindo a humanidade através da: Palavra de Deus, da Regra e das Constituições Documentos da Igreja e do Ordem, a vida dos Santos Carmelitas...

Fazemos parte de uma Associação entre os Carmelos associados - SP e RJ. A partilha é sempre enriquecedora e também "encontros" promovido pelo Centro Jesuico - SP. pelo padre carmelita

- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

A vida de Silêncio, Oração e Solidão, podendo assim ser o "SOS" da humanidade através das "antenas" ligadas N'El.

- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

A percepção de que mesmo dentro de uma vida claustral sem contato direto com o mundo externo ela é feliz e realizada. As grades não separam, mas "une".

- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Representa o meu "tudo" planejando minha entrega total ao Senhor. Meu contato com pessoas externas é bem limitado. Costumo deixá-las no Silêncio do Sacrário.

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23 09-2010 Horário: 14:00 horasIdade: 79 anosEscolaridade: Primário

1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Sai do interior com 11 anos e fui para a cidade trabalhar e ajudar minha família.

Fa a missa aos domingos. Depois comecei ir todos os domingos e começava. Cigumela's continuou assim a Te Kim para o Carmelo. igualmente

2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

Entrega total a vontade de Deus a través do Superiores.

- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?

quando pensava em vida religiosa não tinha contato com o Carmelo. Nem conhecia, somente outras congregações mas não me atraía. Fiquei durante muito pensando e rezando e confiando em Deus se (God) fosse a vontade Dele, que pudesse a conhecer. Estava aqui em Minas Gerais recebi um recado se eu queria vir trabalhar na portaria do Carmelo de Petrópolis. Eu disse que sim. Chegando a aqui senti que era esse o lugar que Deus queria para mim.

- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?

As pessoas pensam que nós vivemos muito unidas a Deus. Outras sentem muita paz quando nos visitam.

- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

Um meio que (que) nos ajuda a viver com maior intensidade a nossa vida cristã. Tenho pouco contato físico com pessoas externas, mas regularmente por todos.

(2)

Roteiro de Entrevista

Questionário nº:

Dados de identificação:

Data: 23-09-10

Horário: 14:30 h

Idade: 72 anos

Escolaridade: 2º grau

- 1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, Trabalho, estudos, família, amigos, etc.)

Antes de minha entrada no Carmelo a minha era como as outras jovens da minha idade. Trabalhava como professora de crianças, indo a missa quase todos os dias antes do trabalho. Era filha de Maria e gostava de frequentar as reuniões e o Ofício de Nossa Senhora aos sábados. Na família sentia-me muito amada por meus pais e irmãos. Por ser a caçula de 15 irmãos, todos tinham muito carinho comigo. Tinha várias amigas, mas, sobretudo, duas que tinham o mesmo ideal de vida religiosa.

- 2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?

É muito necessário uma boa saúde física e psíquica e principalmente uma "determinada determinação" de buscar-se a Deus. A formação se dá nos anos de postulante, noviciado e votos temporários durante os 6 primeiros anos. De acordo com a nossa Ratio dividimos as matérias que são: catecismo, espiritualidade carmelitana, Sagrada Escritura, Liturgia e formação humana. Também os contatos diretos com a Priora e a mestra, são muito importantes.

APÊNDICE I - Digitalização de um arquivo encontrado no Carmelo referente a um retiro espiritual.

SOLIDÃO E ISOLAMENTO

Geralmente, no falar comum, se entende solidão como isolamento. Disso partem, igualmente, as diversas considerações que fazemos de nossa vida comunitária. Declaramos, então, que para haver comunidade é necessário existir um certo número de relações e contatos. Estabelecemos uma variedade de programas e apesar disso sentimos a insuficiência deles na formação da comunidade. Desejamos ainda, abolir da comunidade todo traço de solidão como contrário ao convívio comunitário. Para nós, no caso, comunidade e solidão se contrapõem. Todavia, na tentativa de abolirmos a solidão da comunidade e na comunidade, experimentamos numa solidão (isolamento) cada vez maior.

Quando desta maneira nos colocamos na vida comunitária, não nos deveríamos perguntar: a causa do sentir-se isolado na comunidade não é justamente a carência da verdadeira solidão? O que entendemos por isolamento e o que por solidão?

Por **isolamento** entendemos a falta de algo que possuíamos anteriormente ou que desejávamos e desejamos possuir, não o tendo presentemente. Poderíamos, talvez, sentir falta do aconchego familiar. Ali tínhamos uma família, a qual estávamos ligados afetivamente. No tempo de estudos, em anos passados, integrávamos uma classe com um número elevado de pessoas, que pouco a pouco foram rareando. Paulatinamente os trabalhos, estudos, apostolado, provocaram e provocam um inevitável distanciamento espacial e mesmo afetivo dos que vivem conosco sob o mesmo teto. E, dentro desta situação, podemos sentir um profundo isolamento. Mas na realidade, o que é que sinto? A falta do aconchego, a falta de certa afetividade.

Todavia, caso atente um pouco mais sobre a carência que me invade, verifico que o aconchego e a afetividade me questionam sobre meu existir. Eu posso criar dentro de mim este aconchego, sentir o afeto de meus parentes e continuar a sentir um grande vazio. Posso estar rodeado por uma grande multidão e me achar isolado.

Sou assim, despertado para uma outra dimensão da vida que não anula a carência de afetividade e aconchego, mas sem ela esta carência se torna insuportável. Compreendo, então, que não é o simples fato de pertencer a um grande grupo, idealizando planos para ele, ter um aconchego familiar que preenchem meu vazio interior.

A questão do meu vazio interior não se coloca fora de mim mesmo. Quanto mais procurarmos coisas exteriores, mais cresce minha e nossa insatisfação. Posso tentar preenche-lo com formas mais diversas, com as exigências mais estranhas e permanecer no vazio.

A questão do meu vazio deve ser procurada no meu interior. É aí que o vazio é experimentado como fruto do não-encontro comigo mesmo.

O encontro comigo mesmo exige um confronto sempre maior com minha própria identidade. Confrontar-se com minha identidade é colocar-se no empenho máximo do deixar ser do momento atual. É estar na vibração plena de tudo aquilo que no presente acontece. Nesta dimensão, a carência de aconchego e afetividade não constitui falta de algo, sem o qual eu não poderia existir, mas seria integrado no presente momento, vivido na intensidade, como desdobramento do que sou: passado no presente aberto, para o futuro antecipado, como modificação do presente.

O encontro comigo mesmo se revela, pois, como a integração de tudo: fatos e acontecimentos. A própria falta de aconchego e afetividade são experimentados como desdobramento de minha identidade. Os programas, encontros, etc., que posso fazer para uma comunidade, ao mesmo tempo em que a alimentam, serão expressão da comunidade. A falta deles, porém, não está significando que não haja comunidade e a simples existência deles implique a criação da comunidade.

Sendo assim, constato que mesmo encerrado no quarto preparando uma aula ou uma conferência, já estou em comunidade. Ou ainda, em qualquer trabalho que fizer, estou para além da presença física do outro e dos outros. É aqui que se reflete nossa vivência do outro como irmão. Por isso, a dedicação com o qual vivo o presente momento, atestam o carinho, a dedicação que devoto a meus irmãos, sempre presentes. Tudo isso constitui desta maneira, possibilidade de encontro comigo mesmo.

Na vida, somos convocados das mais diversas maneiras a este encontro conosco mesmos, que se mostra antes de tudo como o descobrir-se irmão de toda humana criatura.

Tomemos um exemplo que nos convoca a esta descoberta: preparo algo especial para meu irmão e ele não se apercebe de nada. Volve ainda uma verdadeira indiferença ou mesmo rejeita o que com tanto esmero ou preparara. Diante disso, posso desanimar e declarar que não existe possibilidade de formar comunidade com tal pessoa. Mas este fato pode, por outro lado, fazer-se chegar à **atitude fundamental** (atitude-aptidão proprium-identidade) do ser irmão. Eu sou provocado a perceber que eu sou irmão não porque o outro me dedica atenção ou reconhece o que lhe faço, mas simplesmente porque sou animado pelo vigor do evangelho: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Amamos não porque o outro retribui o nosso amor ou porque é bom e reconhecido, mas porque amamos. Penetramos assim mais e mais neste **eu** de Jesus Cristo: que nos ama não porque nós o amamos, mas porque ELE é amor.

Eis o grande móvel de nossa vida, o vigor a nos animar em cada momento: fazer com que o meu eu seja sempre mais conforme ao eu de Jesus Cristo. É o meu eu na experiência do eu do Filho de Deus, deste Deus que manda a chuva sobre bons e maus. Começo também a compreender a exortação do Evangelho: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”.

Somos, então, impelidos a não nos instalarmos na dimensão do isolamento, mas perceber no encontro comigo mesmo a riqueza da solidão. A solidão como riqueza do encontro é o encontro da solidão.

SOLIDÃO: é a vida isolada; é o esvaziamento total de si mesmo; e ser realmente pobre. É ser interiormente pobre para deixar-se invadir pela gratuidade absoluta de Deus que se dá em minha vida. Gratuidade que se colhe e recolhe em tudo quando me rodeia e que se me dá em minha própria existência presente.

Compreendo, então, a cruz de Cristo: no seu pleno abandono ele se vê mergulhado na verdadeira solidão. Aí ele está na revelação total de sua identidade, no encontro consigo mesmo: Filho de Deus, e irmão de toda humana criatura.

Na língua alemã, a palavra solidão significa *allein*, que etimologicamente quer dizer: **todo um** ou o **vigor perfeito do uno**.

A solidão, não é, portanto, privação. Pivação é justamente a insatisfação de não poder ter este ou aquele relacionamento – de formar este ou aquele ambiente. É querer encher o vácuo na insaciável sofreguidão de procurar paliativos ou compensações para o seu não-estar na identidade, no uno de seu ser.

O não encontrar-se neste uno, em sua busca, é o enlear-se em contínuas exigências e insatisfações; no continuo movimento de novas formas de vida comunitária, formulas, etc.

Buscar o **uno** é deixar-se envolver pela gratuidade de Deus e lançar-se na aventura da descoberta de si mesmo, **do outro** sempre desconhecido para nós. Vive-se, então, intensamente a comunidade, pois se está na autêntica vivência da solidão.

APÊNDICE J - Digitalização das entrevistas.

ENTREVISTA

PERGUNTAS:

- 1) Como era sua vida antes de entrar para o Carmelo? (prática religiosa, trabalho, estudos, família, amigos, etc)
- 2) O que é necessário e como se dá o processo formativo de uma monja carmelita?
- 3) Para você, quais foram os aspectos mais relevantes para assumir uma vida em sistema de clausura?
- 4) Qual é a percepção que você tem das pessoas em relação a uma monja que vive em clausura?
- 5) Para você, o que representa a clausura? Tem contato com pessoas externa?

RESPOSTAS:

Número 1

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 47 anos

Escolaridade: Fundamental

- 1) Posso subdividir esta etapa em 3 partes:
 - a) Minha vida ia caminhando dentro da normalidade de uma adolescente: estudar, passear, dançar e namorar!!! E, também trabalhava.
 - b) Contudo, fui encontrada por Jesus como nos diz Santo Agostinho. E, então, tudo tomou uma direção nova! Aquilo que era um “valor” se tornou um desvalor...
 - c) Em seguida, veio o chamado de Deus. E então, “Saulo se tornou Paulo”. Subentendendo: ninguém acreditava em minha vocação... “Lá vem o perseguidor que se tornou XXXX Santa!!!”
- 2) Primeiramente: submissão, obediência, e docilidade de a ação do Espírito Santo em nós. É Ele e nosso grande pedagogo. É Ele o autor da nossa santificação!!! As pessoas são apenas instrumentos.
- 3) Como eu já disse: “fui alcançada por Ele”. De princípio eu não queria a vida claustral por causa da reclusão, sacrifícios, e penitencia. Contudo, Sta Teresinha me disse que o amor, XXXXXX tudo, e então a decisão foi tomada confiando na palavra e ajuda, tenho 27 anos de vida monástica!!!
- 4) Há pessoas que tem uma percepção intensa, pois são pessoas que compreendem e valorizam. Outras, menos, pois carecem de instrução e de fé.

Outras ainda nada compreendem... nem imaginam como pode ser uma vida assim... e ainda: como podem viver desta maneira.

- 5) Para mim, representa o meu “habitat” e o meu mundo, o qual devo XXXXXXX; pois ele aqui me plantou. E, deve ser, uma verdadeira casa, onde há um profundo relacionamento com Deus; com muitas irmãs e adotar todos os homens e mulheres com filhos!!!!...
- Tenho bastante contato com as pessoas de fora, procuro estar de acordo, ou o melhor não sair ou exceder aos costumes de uma verdadeira monja carmelita.

RESPOSTAS:

Número 2

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 72 anos

Escolaridade: 2. Grau

- 1) Antes da minha entrada no Carmelo a minha vida era como as outras jovens da minha idade. Trabalhava como professora de crianças, indo a missa quase todos os dias antes do trabalho. Era filha de Maria e gostava de frequentar as reuniões e o Ofício de Nossa Senhora aos sábados. Na família sentia-me muito amada por meus pais e irmãos. Por ser a caçula de 15 irmãos, todos tinham muito carinho comigo. Tinha várias amigas, mas, sobretudo, duas que tinham o mesmo ideal de vida religiosa.
- 2) É muito necessário uma boa saúde física e psíquica e principalmente uma “determinada determinação” de buscar só a Deus. A formação se dá nos anos de postulante, noviciado e votos temporários durante os 6 primeiros anos. De acordo com a nossa Ratio, dividimos as matérias que são: catecismo, espiritualidade carmelitana, Sagrada Escritura, Liturgia e formação humana. Também os contatos diretos com a Priora e a mestra, são muito importantes.
- 3) O aspecto mais importante da vida de clausura é que aqui com a nossa oração podemos ajudar a todos os nossos irmãos do mundo inteiro. Um ato de puro amor é mais útil à Igreja e ao mundo do que todas as obras unidas” e, também “quem reza tem nas mãos os timão da história”.
- 4) Percebo que elas me acham muito feliz e realizada, tanto que me disse uma pessoa casada: se hoje pudesse escolher, escolheria a vida que você vive.

- 5) A clausura para mim é um excelente meio para a comunhão com Deus, ajuda demais a gente viver na intimidade com Nosso Senhor. “ser para Ele uma humanidade de acréscimo”. Tenho bastante contato com os de minha família, mas principalmente com aquelas pessoas amigas e conhecidas que sofrem com os filhos, problemas no casamento, e com pessoas que sofrem depressão. Também tenho contato através de cartas e no locutório com os jovens que estão discernindo a sua vocação.

RESPOSTAS:

Número 3

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 46 anos

Escolaridade: 2. grau

- 1) Era uma vida feliz e tranquila. Sou a segunda numa família de seis filhos, todos católicos, uns menos, outros mais praticantes. Desde criança se manifestou minha vocação sentindo desejos pelas coisas do céu. A partir dos 14 ou 15 anos fiz encontros vocacionais com as Salesianas da minha cidade, porém na época não fui aceita pela superiora que alegou a minha pouca idade e inexperiência da vida, assim ela me disse. Sem perceber que o caminho de Deus para mim era outro, fiquei muito triste e me afastei, não busquei mais a vocação. Continuei meus estudos, terminei o 2. Grau, comecei a trabalhar e fiz muitos amigos. Fiz uma experiência de namoro por 4 anos que foi muito bom e importante para perceber claramente que o matrimônio não era minha vocação. Embora não buscando a vocação religiosa, no fundo eu sentia os apelos de Jesus me chamando, mas eu resistia e não queria ouvir. Participava ativamente no grupo de jovens e pastorais em minha paróquia, trabalhava e me dedicava nos cuidados à minha irmãzinha especial que embora tenha 1 ano a menos que eu, até hoje é como uma criança devido ao retardamento mental. O tempo passou, aos 25 ou 26 anos tentei novamente a vocação religiosa com as concepcionistas de minha cidade, uma vez que os desejos aumentaram em meu coração, porém minha família se opôs às grades e eu não tive coragem de dar o passo. Prometi a Jesus que seria leiga consagrada somente à Ele, trabalhando em minha paróquia e dedicando-me à família. Fiz um curso de Secretariado e trabalhei num bom emprego como secretária numa escola, e assim pensei que viveria o resto da minha vida até que aos 35 anos Nosso Senhor resolveu me lançar o desafio do Carmelo, que com a força e a graça de Deus, aceitei.
- 2) A meu ver é necessário uma boa formação humana, conhecer-se, conhecer a realidade do Carmelo, o que Deus pede. É necessário aprofundar a fé no chamado de Deus. Também exercitar-se na humildade, no despojar-se de si mesmo, das próprias ideias para acolher o novo aprendizado. Esvaziar-se porém não perder o que somos mas aprender a transformar, integrar, dar um novo sentido. Importante é a disposição interior, deixar-se formar e modelar por Deus através das formadoras. Penso que os exemplos da vida

comunitária também ajudam muito no nosso processo de maturidade onde podemos questionar o que aprendemos e o que vemos na realidade e escolher livremente com discernimento e responsabilidade.

- 3) O desejo de viver uma vida inteiramente consagrada à Deus, num ambiente propício ao recolhimento, à oração, à busca da união com Deus. E também o silêncio e a solidão, onde se permite desde a manhã até a noite só se ocupar na atenção amorosa à presença de Deus.
Também vejo como no aspecto de corresponder ao chamado de Deus, porque é Ele mesmo quem coloca este desejo em nós.
Me lembro que quando menina eu via algum filme, em que aparecia conventos, freiras com hábitos, sinos, eu dizia no meu íntimo que era um lugar assim que eu queria viver.
- 4) Começando pela minha família, no início quando ainda não compreendiam eram contra e diziam ser uma prisão desnecessária pois para rezar qualquer lugar serve visto que Deus está em toda parte.
Depois alguns amigos e parentes diziam ser fuga do mundo, exagero, fanatismo, enterrar-se viva, desperdício porque poderia ajudar melhor no trabalho ativo da Igreja. Muitos diziam assim porque não conheciam o valor da oração. Muitos perguntavam qual o nosso apostolado e como podemos ficar presas num convento o dia todo sem fazer nada de útil a Igreja. Outro dia veio a Irmã de uma de nossas Irmãs e ao ver a comunidade no locutório disse que pensava que as freiras eram, para ela, todas velhas, feias, frustradas e tristes por isso vinham para a clausura.
- 5) Para mim a clausura é o lugar da busca e do encontro com Deus. O deserto onde combatemos com as feras que existem dentro de nós e ao redor que nos permite purificar o coração, os olhos e o interior para a união com Deus.
É o ambiente propício para uma forma de vida que cria um clima de privacidade que permite verdadeiramente experimentar, viver e realizar a vida contemplativa plenamente.
A clausura nos ajuda no recolhimento interior pelo silêncio e solidão. Pra mim é o lugar da prece, da intercessão, da escuta de Deus.
Não tenho muito contato com pessoas externas. Somente dentistas e médico, quando necessário. Visitas da família no locutório não são frequentes porque moram longe.

RESPOSTAS:

Número 4

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 37 anos

Escolaridade: 2. Grau (Magistério)

- 1) Nasci em uma família católica praticamente somos 5 irmãos sendo eu a penúltima. Trago a lembrança de uma vivência familiar firmada na fé, no amor

e no bom relacionamento entre nós. Meu pai faleceu quando tinha 10 anos, meus irmãos mais velhos trabalharam para ajudar em casa, minha mãe também, mas sempre sendo um apoio e presença em nossas vidas.

Sempre fui desde os 12 anos muito engajada na paróquia participando de encontros, pastorais, movimentos.

Gostava muito de estudar e cada fase escolar com seus desafios e experiências foram me formando tanto intelectual como humanamente quando fui fazer o 2. Grau, quem pagou os meus estudos foram os meus irmãos, e isso para mim foi algo que me tocar no íntimo, já me preparando para atitudes de gratuidade.

Depois comecei a trabalhar, não lecionando, mas em uma fábrica multinacional de produtos dentários. Antes ainda mesmo estudando cuidava de alguma criança, fazia faxina e ajudava em casa.

Os amigos sempre foram um grande dom de Deus em minha vida, tantos os da escola, da Igreja, do trabalho, com eles conversava, passeava, íamos às festas, cinemas, excursões. Muitos me ajudaram no meu processo de discernimento vocacional dando-me apoio e força.

Obs: ao recordar esses fatos de minha história, vejo os sinais do amor de Deus a conduzir a minha vida e “amor com amor se paga”.

2) Falarei do meu processo pessoal.

Primeiro foi necessário um contato, sair do ouvir falar para o ver, esclarecer as dúvidas e ir de encontro com o desejo do coração.

Uma vez dentro do Carmelo começa o processo de se deixar formar pela mestra, regra e constituições, pela comunidade. Mas o principal é a própria formanda, ou seja, foi preciso a minha busca, interesse em aprender tudo que me estava sendo ensinado, tudo o que estava vivendo me identificando com o estilo de vida, com os costumes, com a maneira de ser uma carmelita.

Muito importante também, como muito enfatiza, Santa Madre Teresa em seus escritos, é o conhecimento próprio, que começa desde a fase de postulante, noviça, professora, até o fim da vida. Pois esse é um processo formativo permanente, principalmente numa vida de clausura, em que o estar conosco mesmos e com as outras irmãs é contínuo.

Também a leitura e estudo de nossa Ordem e de nossos Santos. E acima de tudo uma busca de uma profunda intimidade com o Senhor, o que o Carmelo muito favorece com a vida de silêncio e solidão.

3) Um espírito de renúncia, pois é um contato com uma solidão que no início custa, mas a partir do momento que vamos assumindo vamos também nos desapegando a muitas coisas que pareciam necessárias, o saber conviver com um limite de espaço, com uma disciplina de horário, comportamento e costume.

Viver na clausura é um dom de Deus, uma vocação é preciso buscar se identificar com todas as exigências que ela implica, para que depois não se busque outras compensações, fazendo o mundo entrar na clausura, por isso a necessidade ou se sentir livre.

4) Muitas questionam o porque das grades, pensam que entrei por uma decepção frustração no mundo, outras não veem o sentido acham que é um desperdício de tempo, poderiam fazer obras sociais. Outras compreendem,

valorizam, incentivam, contam com as nossas orações, recorrem a nós em suas necessidades.

- 5) Para mim, descobri na clausura pela graça de Deus, o dom de minha vocação, o sentido da minha vida.
 Aqui eu me realizo, como o peixe no mar.
 É o lugar que o Senhor preparou para mim; “chamar-me ao deserto para falar-me ao coração”.
 Vivo nessa contínua busca de encontrar-me com Deus, ouvir a Sua voz, atender à Sua vontade.
 Mas na clausura encontro também comigo mesma, com as minhas limitações, fraquezas, misérias, com minhas capacidades, talentos. Isso eu considero uma grande graça, pois me faz amadurecer humana e espiritualmente.
 O contato com as pessoas externas é através do locutório, cartas, telefonemas. É um contato que se torna fecundo pois Deus se torna presente unindo mais as intenções.

RESPOSTAS:

Número 5

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 70 anos

Escolaridade: Professora – iniciei vários cursos: Aliança Francesa, IBEU – Educação para o Lar

- 1) Vida simples, jovem normal desenvolvi-me dentro de uma família bem constituída e religiosa. Fui durante 18 anos religiosa de vida ativa e sentia-me realizada lecionando para crianças. Em 1979 ingressei no Carmelo após um discernimento acompanhado por um sacerdote jesuíta. Iniciei uma nova etapa na minha vida para a entrega definitiva ao Senhor na vida claustral.
- 2) Para mim não só é necessário mas fundamental a “entrega” total e radical ao Senhor e renovando-a no dia a dia.
 O processo formativo vai abrindo horizontes largos e profundos atingindo a humanidade através da: Palavra de Deus da Regra e das Contribuições Documentos da Igreja e da Ordem, a vida dos Santos Carmelitas...
 Fazemos parte de uma Associação entre os Carmelos associados –São Paulo e Rio de Janeiro. A partilha é sempre enriquecedora e também “encontros” promovidos pelo Centro Teresiano – SP pelos padres Carmelitas.
- 3) A vida de Silêncio, Oração e Solidão, podendo assim ser o “SOS” da humanidade através das “antenas” ligadas N’Ele.
- 4) A percepção de que mesmo dentro de uma vida claustral sem contato direto com o mundo externo ela é feliz e realizada. As grades não separam, mas “une”.

- 5) Representa o meu “tudo” plenificando minha entrega total ao Senhor.
Meu contato com pessoas externas é bem limitado. Costumo deixá-las no Silêncio do Sacrário.

RESPOSTAS:

Número 6

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 32 anos

Escolaridade: 1º Ano do 3º Ano.

- 1) Eu tinha uma vida normal, porém, discernindo sempre o que era permitido e as coisas que não XXXXXXXX fazer para uma cristã e uma jovem de família. Frequentava festas, gostava muito de dançar, tive namorados, muitos amigos que éramos como irmãos e irmãs. Tinha e tenho uma família bem constituída, não trabalhava, apenas estudava.
Depois Jesus foi mudando a minha vida, deixei de ir às festas, de danças e namoro. E comecei com uma participação muito intensa na paróquia: com grupos de orações e adoração, aulas de catequese e missões.
- 2) É necessário clausura, silêncio, oração, solidão e vocação. O processo formativo é pessoal, buscando ajuda na sagrada escritura, regra, constituições e os Santos do Carmelo, principalmente, São João da Cruz e Santa Tereza de Jesus. E de vez em quando a orientação do meu diretor espiritual.
- 3) O primeiro aspecto foi Jesus, pois, aqui na clausura eu teria mais união com Ele intimamente. Depois o silêncio e a oração pessoal me fascinaram.
- 4) Muitas pessoas não entendem, os jovens acham um desperdício. Outros acham uma perda de tempo, que no mundo eu posso ajudar mais, falando com as pessoas. Outros perguntam o que uma jovem, bonita está fazendo na clausura? Outros acham loucura. A minoria acha que eu escolhi a melhor parte.
- 5) Para mim a clausura representa: amor por Deus e os irmãos, doação, liberdade, me sinto muito livre, identificada, me sinto realizada, pois gosto muito do repetitivo.
O contato com pessoas externas é muito pouco, porém, acompanhamos o mundo, não somos totalmente isoladas sem saber das coisas.

RESPOSTAS:

Número 7

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 79 anos

Escolaridade: Primário

- 1) Saí do interior com 11 anos e fui para a cidade trabalhar e ajudar minha família. Ia a missa aos domingos. Depois comecei ir todos os domingos e comungava igualmente, e continuei assim até vir para o Carmelo.
- 2) Entrega total a vontade de Deus através dos superiores.
- 3) Quando pensava em vida religiosa não tinha contato com o Carmelo nem conhecia, somente outras Congregações mas não me atraía. Fiquei durante muito pensando e rezando confiando em Deus se fosse a vontade Dele, que pudesse a conhecer. Estava ainda em Minas Gerais recebi um recado se eu queria vir trabalhar na portaria do Carmelo de Petrópolis. Eu disse que sim. Chegando aqui senti que era esse o lugar que Deus queria pra mim.
- 4) As pessoas pensam que nós vivemos muito reunidas a Deus. Outras sentem muita paz quando nos visitam.
- 5) Um meio que nos ajuda a viver com maior intensidade a nossa vida claustral. Tenho pouco contato direto com pessoas externas, mas rezo diariamente por todos.

RESPOSTAS:

Número 8

Data: 23/09/2010 – 14h30

Idade: 60 anos

Escolaridade: 2º Grau (Magistério)

- 1) Tinha uma vida normal muito feliz! Convivi com minha família até aos 22 anos.
Trabalhava com minha mãe, ajudava em todos os trabalhos da casa. Nós éramos 14 irmãos.
Eu tinha uma vida de muita piedade junto com a família.
Participava dos encontros de orações, novenas e aos domingos não faltava a Santa Missa.
Estudava tinha ótimas amizades – participava de festas – viajava com meus irmãos – gostava muito da natureza – escalar montanhas com minhas primas.
Sempre desejei ser carmelita tendo um livro de Santa Teresinha, História de Uma Alma.
Fui religiosa da vida ativa durante 7 anos. Agora faz 23 anos que Carmelita.
- 2) Devemos ter uma formação permanente:

Ter um profundo conhecimento do espírito do Senhor, isto é, na forma específica da nossa ordem – o processo de formação não se reduz à sua fase inicial, visto que a pessoa consagrada nunca termina sua formação.

A formação deve consolidar-se com a formação permanente, assim dando espaço para se deixar formar durante sua existência.

A formação é um processo vital – através do qual a pessoa se converte ao Senhor e ao mesmo tempo percebendo os sinais de Deus nas realidades da humanidade.

A formação tem várias dimensões – vários aspectos da vida humana.

Psicológico – Teológico – Antropológico e Espiritual, etc

Conhecer o valor do nosso carisma.

Devemos sempre voltar ao essencial é o movimento constante de retornar o caminho do Evangelho que nos convida a uma conversão continua. É acentuar os valores essenciais do nosso carisma aqui e agora.

- 3) Para mim foi o silêncio a oração. Para mim a clausura não é apenas um meio ascético de um imenso valor, porém, um modo de viver unida ao Senhor da vida.

A clausura é uma cela do coração onde eu fui chamada para viver em união com o Senhor.

Acolhida como dom e escolhida livremente é o lugar onde há espaço para à interiorização dos valores evangélicos.

A clausura para mim, é um espaço onde devo florescer , e ser feliz, ou seja plenamente realizada na vocação contemplativa.

- 4) Percebemos uma aceitação amiga uma alegria inexplicável.

As pessoas dizem que nós levamos uma vida muito santa...

A clausura para mim representa um lugar onde eu possa interiorizar minha vida consagrada.

As pessoas admiram muito – quando elas sobem a ladeira sentem invadida por uma paz especial no seu coração – enfim, elas manifestam uma imensa alegria com a nossa presença no locutório.

- 5) Sim, tenho contato com várias amigas, médicos, sacerdotes, seminaristas, pessoas leigas e com meus familiares.

Também alguns encontros no centro de espiritualidade da nossa ordem, por telefone, portas...

Para mim a clausura representa:

Obediência, submissão dos superiores.

A clausura é sinal da união exclusiva da Igreja – Esposa com o Senhor, humanamente amado.

À luz da vocação e missão eclesial, a clausura corresponde à exigência, sentida como prioritária, de estar com o Senhor.

APÊNDICE K- Cartelas preenchidas na dinâmica de grupo.**Você sente necessidade de:*****CARTELA TRÊS***

- () Ser elogiado? Por que?
- () Fazer parte de uma equipe?
- (X) Ser saudável?

Você sente necessidade de:***CARTELA QUATRO***

- (X) Solidão?
- () Guardar suas emoções para si?
- () Se respeitado?

Você sente necessidade de:***CARTELA SEIS***

- () Assumir riscos?
- () Ser um líder?
- (X) Dar afeto?

Você sente necessidade de:***CARTELA CINCO***

- () Agitação?
- (X) Ser convidado a participar?
- () Ser inteligente?